LIVRO 4

PATRIMÔNIO CONTADO

ALCÂNTARA, CULTURA E EDUCAÇÃO



livro 4.indd 1 27/06/2014 14:58:36

CRÉDITOS

Presidenta da República do Brasil
Dilma Rousseff

Ministra da Cultura
Marta Suplicy

Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan
Jurema de Sousa Machado

Superintendente do Iphan no Maranhão
Kátia Santos Bogéa

Coordenador Técnico
Raphael Pestana

Coordenador Administrativo
Raimundo Roma

Chefe do Escritório Técnico de Alcântara
Ravi Barros

FICHA TÉCNICA

Coordenação e Pesquisas
Flávia Luz Pessoa de Barros
Rodrigo Martins Ramassote
Larissy Barbosa Borges

Textos Conceituais
Larissy Barbosa Borges

Ilustrações
Juliana Emi Moretti Urasaki
Gabriel Seiti Moretti Urasaki

Concepção de Design Gráfico
Studio Edgar Rocha - Nazareno Almeida

Agradecimentos
Escola Municipal Inácio de Viveiros Raposo
Unidade Escolar Cidade de Alcântara

Promoção
Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan-MA

Apoio
Cyclone Space
Prefeitura Municipal de Alcântara
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

livro 4.indd 2 27/06/2014 14:58:41

APRESENTAÇÃO 4

PREFÁCIO 5

RECAPITULANDO 6

UNIDADE 1 – PATRIMÔNIO IDENTIFICADO NAS REFERÊNCIAS CULTURAIS 10

Capítulo I - A Espera de José 10

Capítulo II - Os fiscais do patrimônio cultural 20

UNIDADE 2 – MATERIAL E IMATERIAL UM SÓ PATRIMÔNIO CULTURAL 33

Capítulo III - Aprendendo a celebrar o Divino 33

Capítulo IV – Pesquisando e documentando o patrimônio cultural 45

UNIDADE 3 – APROXIMANDO DA COMUNIDADE 57

Capítulo V – O que é para você patrimônio cultural? 57

Capítulo VI - Celebrando o Divino Espírito Santo 67

UNIDADE 4 – IDENTIFICANDO E PRESERVANDO O PATRIMÔNIO CULTURAL 82

Capítulo VII – E a Celebração continua! 82

Capítulo VIII – Vamos pesquisar os lugares! Vamos salvar Ana! 92

GLOSSÁRIO 112

livro 4.indd 3 27/06/2014 14:58:46

APRESENTAÇÃO

A coleção de livros **"Patrimônio Contado: Alcântara, Cultura e Educação"** é resultado do Projeto de Educação Patrimonial que vem sendo desenvolvido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan/MA, em parceria com a Secretaria de Educação de Alcântara e a Universidade Federal do Maranhão desde o ano de 2007.

Alcântara conserva um vasto e diversificado patrimônio cultural, de valor inestimável para a identidade da nação brasileira. Em razão disso, a proteção e preservação desse rico patrimônio, conforme estabelecido pela Constituição Federal é dever de todos: União, Estado, Município e Sociedade. O Iphan, em 1948 tombou o conjunto arquitetônico e paisagístico de Alcântara e desde então vem trabalhando em prol da sua proteção e preservação através de ações de fiscalização, restauração, promoção e educação.

O patrimônio cultural deve ser tratado como um conceito inclusivo, que engloba questões pertencentes a diversas áreas do conhecimento, constituindo-se como um recurso de mediação e integração entre as disciplinas do ensino formal. Nessa perspectiva, o espaço escolar torna-se o local mais adequado para o ensino e o debate das práticas de preservação, por ser um espaço já estruturado, que permite a construção de um ensino contínuo e sistemático do tema, com enfoque multidisciplinar.

A elaboração dos livros didáticos foi realizada com todo cuidado para que refletissem o universo das referências culturais do município e abordassem temas relativos à vida cotidiana da comunidade alcantarense através da narrativa das aventuras vividas pelos personagens Ana, Artur e José. As noções e conceitos fundamentais para o debate ligado à preservação do patrimônio cultural são aos poucos introduzidos e explicados em quadros de texto e com imagens, em linguagem um pouco mais científica. O enredo ficcional de fundo ajuda a exemplificá-los. Desse modo esperamos que os alunos se apropriem dos quadros conceituais e sejam capazes de empregá-los em situações cotidianas.

A opção pelo uso da mescla da narrativa de ficção com texto didático e as propostas de atividades deu-se por avaliarmos que a produção literária pode exercer uma função importante no processo de aprendizagem, despertando o interesse a respeito do contexto da história narrada. Além disso, não se pode esquecer que a literatura é responsável pela formação de nosso universo de fantasias e referências, e também uma maneira nova de experimentarmos a realidade.

Esperamos que ao final desse ciclo de estudos proposto nos livros possamos despertar uma consciência sobre a importância da preservação do patrimônio cultural de Alcântara e mesmo do país, fomentando a participação dos alunos na prática da preservação patrimonial, para que se torne algo cotidiano e integrado à vida dos alcantarenses, reforçando os laços de identidade entre os moradores e seu próprio patrimônio, tornando-o, efetivamente, um conjunto de bens compartilhados por todos.

Kátia Santos Bogéa
Superintendente do Iphan no Maranhão

livro 4.indd 4 27/06/2014 14:58:51

PREFÁCIO

Queridos alunos,

A coleção de livros "Patrimônio contado: Alcântara, Cultura e Educação" traz a narrativa das aventuras de Ana, Artur e José, três amigos, pré-adolescentes que vivem em Tapuitapera, um pequeno povoado, criado por nós, localizado no interior do município de Alcântara. As histórias narradas neste último volume da coleção, embora sejam ficcionais, se aproximam bastante da realidade vivida pela maioria de vocês alunos em Alcântara. Isso se deve ao fato de que a construção da narrativa buscou inspiração nos resultados das pesquisas de campo realizadas com o apoio da Superintendência do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, no Maranhão. Esses resultados foram obtidos através de visitas à Alcântara, conversas com os moradores, a realização das oficinas com os professores e alunos da sede e de alguns povoados.

A história se inicia quando Ana muda-se para Tapuitapera, a partir daí muita coisa se passou na vida desta garota extremante curiosa, esperta, carinhosa, amiga e questionadora. Durante os três livros anteriores, nós acompanhamos os acontecimentos na busca empreendida pela garota atrás de pistas para encontrar a família de seu pai. Aos poucos muitas coisas foram acontecendo e em meio a sua vida cotidiana, Ana e seus dois melhores amigos aprenderam muito sobre a proteção e a preservação do patrimônio cultural.

Da mesma maneira que nos livros anteriores (Volumes 1, 2 e 3), o último livro da série está divido em 04 Unidades e 08 Capítulos. Vocês encontrarão quadros explicativos, onde discutiremos conceitos importantes para pensarmos a preservação patrimonial. Também haverá exercícios para trabalharmos o que aprendemos em cada capítulo. As palavras em rosa são aquelas que devem ter seu significado consultado no glossário ao final do livro; as palavras em vermelho devem ter o significado escrito por vocês para criar um glossário dos alunos.

É com muita alegria que chegamos ao último volume da Coleção. O Livro 04 também mistura ficção e pesquisa objetivando produzir conhecimentos e propor um espaço de discussão dentro da escola para pensarmos qual a melhor maneira de cuidar do rico patrimônio cultural de Alcântara.

Ana, Artur e José estiveram este tempo todo conosco, e agora, chegamos ao final da história que ainda trará muitas surpresas. Este não é um momento de despedida, pois após este livro, nos tornaremos parceiros na luta pela preservação do nosso patrimônio cultural. Contamos com vocês para mais esta aventura!

Larissy Barbosa Borges

livro 4.indd 5 27/06/2014 14:58:56

RECAPITULANDO

O terceiro ano de Ana em Alcântara foi marcado por muitas mudanças, revelações, aprendizados e por encontros emocionantes. O ano havia começado com muita alegria, já que Ana e sua mãe, Maria, não ficariam mais distantes, as duas estavam morando no povoado de Tapuitapera juntas com Inês, Ribamar e Artur. Os três amigos inseparáveis, Ana, Artur e José ficaram entusiasmados com a notícia de que iriam a São Luís, juntos com os adultos, para uma apresentação de tambor de crioula durante as festas de Carnaval. A festança do Carnaval em São Luís foi muito boa, Ana se transformava a cada dia em uma ótima coreira como sua mãe, Artur aprendia com os mais velhos a tocar os tambores e além de dança, música e folia o trio descobriu várias novidades sobre o centro histórico da capital maranhense.

A curiosidade dos três amigos sobre os casarões, sobrados, prédios e ruas de São Luís era tão grande que em plena festa de carnaval fizeram o Carlos, técnico do Iphan, dar uma explicação sobre as semelhanças que existem entre o estilo arquitetônico do centro histórico de São Luís e a cidade de Alcântara. Carlos se transformou em um guia e levou a turma para conhecer alguns casarões, mostrou os detalhes que compõem os vários estilos arquitetônicos presentes na cidade, tais como: arquitetura tradicional portuguesa, eclética, neocolonial, neoclássica, moderna, *art déco* e o estilo popular.

Mesmo com o Carnaval, a apresentação de tambor de crioula, a aula de Carlos sobre o patrimônio arquitetônico de São Luís, Ana não se esqueceu da busca pela família do seu pai. Após conversar com dona Luísa, no alojamento, ela tinha a certeza de que ele teria vivido mesmo em São João de Côrtes antes de conhecer sua mãe e por isso fez Carlos garantir que arrumaria uma maneira de levá-la até lá ainda neste ano.

Tudo parecia bem quando a mãe de Ana conversa com a filha sobre a possibilidade das duas se mudarem de Tapuitapera para a sede de Alcântara, onde Maria poderia trabalhar de manicure no salão de beleza de dona Luísa. Ana, que não sabe disfarçar quando não gosta de algo, foi logo fazendo cara feia, não gostou da notícia, porém ficou pensando em alguma maneira daquilo não acontecer.

livro 4.indd 6 27/06/2014 14:59:00

Ao contar para os amigos Artur e José sobre a mudança para a sede, Ana se mostrou muito triste, nenhum dos três queria que a menina se mudasse novamente, foi ai que planejaram convencer os adultos a construírem uma casa para que Ana e sua mãe pudessem morar e viver em Tapuitapera. Assim que a casa estivesse pronta fariam uma surpresa para Maria. Apoiados pela bisavó Nena, os adultos começaram a construção da casa assim que as chuvas passaram.

Na escola os três amigos se animaram com o projeto "Correspondência escolar", cartas escritas por alunos como eles, de todo o Brasil, foram recebidas e distribuídas para que cada uma fosse respondida. Ana se correspondeu com o garoto Caio de Brasília, José com Jorge de Ouro Preto em Minas Gerais e Artur com Laura de São Raimundo Nonato no Piauí. Ana, Artur e José leram as cartas recebidas e ficaram encantados com as descrições sobre o patrimônio cultural que existia nas cidades que os correspondentes viviam. Eles ficaram impressionados ao descobrirem que existem várias cidades com seus patrimônios tombados pelo país. Ana ficou imaginando como seria a capital federal através do que Caio contou na carta, a menina foi pesquisar sobre a cidade para apresentar na sua turma de escola.

A troca de cartas com seu amigo por correspondência fez Ana se distrair um pouco com a decisão da mãe de se mudar para a sede de Alcântara e também com o fato dela não concordar com a ida da filha a São João de Côrtes em busca da família do pai. Maria temia que a filha não fosse bem recebida e se decepcionasse. Enquanto tudo acontecia, a construção da casa continuava com muita rapidez, Ana acompanhou Ribamar e Artur até o povoado de Santa Maria para buscar adobe, ficou empolgada com a forma de fabricação dos tijolos e com a certeza de que faltava pouco para a sua casa ficar pronta.

Ana não desconfiava que a mãe houvesse acelerado a mudança entrando em negociação para a compra de uma casa na sede. Assim que soube, mesmo triste fingiu ter aceitado a decisão da mãe, porém não contava que tia Inês iria convencer Maria de ficar sem lhe dizer uma só palavra, apenas fazendo-a sentir que o lugar da prima ainda era em Tapuitapera.

livro 4.indd 7 27/06/2014 14:59:05

Inês chamou Maria para trançar as palhas que seriam utilizadas na montagem da cobertura da casa. Sem saber, Maria foi trançando o telhado da sua própria casa. As primas foram conversando e relembrando vários momentos vividos e logo Maria ficou em dúvida se era realmente melhor morar na sede ou permanecer ali mais próxima de sua família.

Graças à burocracia, telefones públicos quebrados, as negociações para a compra da casa na sede não finalizavam, o que deu mais tempo para Ribamar finalizar a construção da casa de Ana e Maria. A família se reuniu para mostrar a casa e fazer a surpresa para Maria, porém Ana temia que a mãe não aceitasse e mesmo assim continuasse com a ideia de se mudar. A menina não esperava que ao ver a casa pronta, com as paredes alaranjadas, tudo novinho, o cheiro de madeira e barro ainda fresco, sua mãe teria a certeza que ali era o lugar das duas, aquela agora era sua casa.

Aos poucos a vida na casa nova foi se preenchendo, tudo parecia se tranquilizar. Chegaram os festejos juninos, as apresentações de boi de zabumba na sede de Alcântara, muitas brincadeiras, o namoro de um dia com José durante as férias, mas nada tirava o desassossego de Ana em encontrar a sua família paterna. Chegou o grande dia, a ida até São João de Côrtes. Acompanhados por Júlia e Carlos do Iphan, as crianças iriam auxiliá-los no levantamento das referências culturais que existiam no povoado: comidas típicas, artesanatos, festas, fabricação de utensílios (armadilhas de pesca, barcos, pilão, barcos, redes e outros).

Ana saiu sozinha em busca de alguém para entrevistar, até que se deparou com um senhor no estaleiro. No início a menina não conseguiu falar, uma mistura de nervosismo, timidez, medo e emoção, afinal ela sabia que suas perguntas não seriam apenas sobre o trabalho do senhor. Após um longo choro e ser acalmada pelo homem de cabelos grisalhos, Ana explicou o que estava fazendo ali. Ao iniciar a entrevista, a menina foi logo perguntando o nome do senhor, que lhe respondeu: Joaquim dos Anjos.

Ana parecia não acreditar, mas já tinha certeza que aquele era seu avô paterno, logo mostrou o relógio para ele que rapidamente entendeu o que a menina estava fazendo ali. Aquela era sua neta, filha de seu filho Joaquim. A emoção contagiou os dois, Ana ganhou um forte abraço do avô que logo a levou para conhecer a sua

livro 4.indd 8 27/06/2014 14:59:10

avó Benedita. O mistério estava resolvido. O filho de Isabel era tataravô de Ana, o relógio se tornou uma marca de família que foi sendo passado de geração em geração, assim como o nome Joaquim. Ana havia encontrado a família do seu pai e a partir de agora, também sua, o alívio de ter sido bem recebida preencheu seu coração e tudo que ela queria era aproveitar tudo isso para sempre.

Mesmo com tantas emoções as informações sobre o patrimônio cultural da comunidade não poderiam parar. Ana, Artur e José continuaram a pesquisa e aproveitaram o avô de Ana, que é barqueiro, para aprenderem sobre os conhecimentos tradicionais envolvidos na construção de um barco. Os meninos estavam sabendo muitas coisas sobre a preservação patrimonial e entendiam a importância de cada um para a continuidade dos ofícios, as festas, as formas de expressão de cada comunidade.

Assim viria o próximo ano, será que Maria iria se aproximar da família de seu marido? Será que Ana conseguiria participar da Festa do Divino Espírito Santo, na sede, junto com sua avó Benedita? Qual o verdadeiro sentimento que Ana e José tinham um pelo outro, apenas amizade? E Artur, quais descobertas surgirão? Quantas dúvidas, realmente os três amigos já não são mais crianças.

livro 4.indd 9 27/06/2014 14:59:14

UNIDADE 1

PATRIMÔNIO IDENTIFICADO NAS REFERÊNCIAS CULTURAIS

CAPÍTULO I

A espera de José

As férias escolares estavam chegando ao fim. Ana não aguentava mais ficar em casa, e pensava como era engraçado o fato de que quando estava de férias logo enjoava e queria voltar às aulas, mas quando tinha que ir a escola todos os dias, logo queria que chegassem as férias. Ana esperava ansiosa pelo início das aulas, pois durante as férias ela se sentiu um pouco abandonada pelos amigos.

Artur ficou boa parte do tempo ajudando o seu pai, Ribamar, na casa de farinha, pois o povoado havia recebido uma grande encomenda de São Luís e precisava entregar tudo antes do carnaval. Porém o que mais deixou Ana desanimada foi o fato de José não ficar em Tapuitapera durante as férias. O garoto viajou para a casa dos tios em São José do Ribamar e só retornaria um dia antes do início das aulas. Ana nunca imaginou que sentiria tanta falta de José.

Aquele seria o último ano dos três amigos no ensino fundamental e por isso Ana desejava muito que ficassem na mesma turma. As vésperas de retornar a escola, Maria resolveu ir com a filha até a sede comprar sandálias novas e alguns materiais escolares. A garota se animou com a ideia, assim poderia esperar José no Porto do Jacaré e ouvir todas as novidades sobre a viagem do amigo. Ana foi correndo chamar Artur para que fossem juntos, não via a hora de estarem, os três juntos, novamente. Ela queria chegar à casa da tia Inês antes do primo sair para ajudar o pai, ainda cansada por causa da corrida foi dizendo ofegante:

- Artur, mamãe arrumou um carro para levar a gente até a sede, ela quer comprar algumas coisas. Vamos com ela e esperamos o José chegar?

livro 4.indd 10 27/06/2014 14:59:19

- Vamos sim. Vou pegar meu boné.

O garoto entrou rapidamente no seu quarto e saiu com o boné na cabeça, explicou aos seus pais aonde iria com a prima. Era início da manhã, Ribamar e Inês estavam sentados à mesa, comendo beiju com manteiga e café, os dois sabiam que seria impossível tentar impedir o passeio dos primos. Artur mal terminou de falar e já saiu as pressas com a prima. Tia Inês não deixou de notar o quanto os dois haviam crescido, realmente não eram mais tão crianças, só não tinha a certeza do tamanho do juízo que cada um tinha. A mulher riu sozinha com seus pensamentos.

Assim que chegaram à sede de Alcântara, Maria não deixou que Ana e Artur saíssem de perto dela, primeiro queria comprar as coisas para a filha, depois deixaria que eles fossem para o porto esperar o José. E assim foi feito, entraram em uma das lojas de variedades na Rua Direita, Ana rapidamente escolheu a segunda sandália que experimentou, a garota tinha pressa, queria ir logo para o porto. Maria olhou algumas peças de roupa para a filha nas barraquinhas que ficam na calçada de uma das ruínas. Ana lembrou-se, que Carlos havia explicado que as ruínas fazem parte do patrimônio cultural de Alcântara e que muita história elas carregam. Carlos é o técnico do Iphan, que já deu várias explicações para Ana, Artur e José sobre o patrimônio cultural do município de Alcântara.

Algumas pessoas imaginam que essas ruínas são prédios consumidos pelo tempo, que naturalmente foram se desgastando e acentuando o processo de arruinamento, todavia, em Alcântara algumas dessas ruínas são prédios que nunca foram terminados, como é o caso da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco.

Ana, Artur e Maria continuaram andando. Enquanto Maria parou em uma papelaria, Ana viu um grupo de pessoas paradas em frente às ruínas da Igreja São Francisco, como a curiosidade da garota é muito grande, ela se apressou para ver o que era e disse para seu primo:

- Vamos Artur! Acho que deve ter um guia explicando sobre a ruína, quero saber o que era aquele prédio antes de ficar assim - Artur foi correndo atrás da prima e dizendo:

- Ai, ai... Deve ser só um grupo de turistas.

Quando se aproximaram do grupo de pessoas Ana abriu um sorriso para o primo, o qual significava: “viu como eu tinha razão”. Artur, às vezes, se irritava com o

livro 4.indd 11 27/06/2014 14:59:24

convencimento da prima. O guia estava atrás do portal da Igreja da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, havia sete pessoas ouvindo suas explicações, agora nove com Ana e Artur. A explicação estava no início, segundo o guia, a Ordem dos Franciscanos já estava presente em Alcântara desde o século XVIII, mas até então se asilava na Igreja de Santa Quitéria, não possuindo templo próprio. Foi em 1811 o registro da liberação de dinheiro aos franciscanos para construir o templo.

Artur e Ana estavam bastante atentos à explicação do guia, segundo este, a ruína possui paredes de pedra e cal, com aproximadamente 1,30m de espessura. Ele ainda explicou que a planta baixa da ruína apresenta estrutura de fachada ladeada por dois campanários simétricos, arco cruzeiro monumental e capela-mor de igual envergadura, revelando a pretensão de construção de um grande templo. Os dois primos conseguiam entender aquela explicação, por causa das aulas que já haviam tido com Carlos, eles ficaram impressionados quando o guia esclareceu que na fachada principal, sobre o vão de acesso, encontra-se um frontão de cantaria, com as armas da Ordem dos Franciscanos trabalhadas em relevo, e com dois braços entrecruzados – um de cristo e outro de São Francisco – centrados por uma cruz, simbolizando a Irmandade dos Franciscanos.

Neste momento um dos turistas lançou um comentário:

- Nossa! É admirável como tudo isso se mantém até hoje! Esse frontão está bem conservado.

O guia continuou sua explicação e revelou que historiadores não encontraram registros de que o templo da Ordem dos Franciscanos, em Alcântara, foi finalizado e chegou a ser utilizado. Ana ficou ouvindo tudo com grande concentração, a cada palavra mencionada pelo guia era possível ver a expressão da garota de quem estava imaginando muitas coisas e assim ela fez uma pergunta ao guia:

- Com licença, você sabe me dizer, por que então que essas ruínas foram consideradas também patrimônio cultural de Alcântara? – o guia pensou um pouco, mas rapidamente foi dizendo:

- Qual o seu nome? – Ana respondeu um pouco envergonhada, já que todos direcionaram os olhares para ela.

- Ana – o guia respondeu:

- Então Ana, esta ruína deixa exposta informações interessantes sobre os

livro 4.indd 12 27/06/2014 14:59:29

métodos construtivos do século XIX, especialmente as diversas técnicas de abertura e suporte de vão através do uso de arcos. Tu sabes que são vários os tipos de arcos encontrados? - Ana balançou a cabeça fazendo sinal negativo. O guia continuou:

- Podemos notar no arco cruzeiro, a utilização do arco pleno, e o arco abatido sobre o portal principal. – ele apontava para cada local conforme a explicação acontecia e assim continuou:

- No arco abatido podemos observar a estrutura de tijolos cozidos um ao lado do outro. Eles são responsáveis por fazer desta estrutura, composta por centenas de peças, uma única e forte viga, e assim suportar a pesada alvenaria que era pra ter sido construída.



livro 4.indd 13 27/06/2014 14:59:38

Após terminar a visita nas ruínas da Igreja da Ordem dos Franciscanos, o guia convidou a todos para continuar o passeio, inclusive Ana e Artur que logo agradeceram, mas disseram que não poderiam porque estavam ali para buscar um amigo que iria chegar. Ana estava bastante satisfeita, por isso gostava tanto de ir à sede, pois a cada vez que estava por ali aprendia tanta coisa nova. Ana e Artur já sabiam muito bem a importância da cidade para a herança cultural de todo país, já que naquelas ruas estavam mantidos vários elementos importantes para a compreensão da história e cultura brasileira.

Ana se lembrou de que Carlos havia comentado que as ruínas não são recuperadas realizando a reconstrução delas. A ação de preservar esta parte do patrimônio histórico e cultural consiste apenas em conservá-las da maneira que estão através de um planejamento muito bem coordenado. Enquanto isso, Artur relembrou dos exemplos de agressão ao patrimônio que Carlos comentou e que são visíveis em Alcântara, principalmente, atos de vandalismo, como as pichações, e até demolições.

Maria saiu da papelaria, chamou a filha e o primo. Os dois foram ao encontro da mulher que disse:

- Eu já terminei de comprar as coisas que você precisa para voltar, amanhã, às aulas – olhou para Ana e continuou – ainda tenho que resolver umas coisas por aqui, ir à agência bancária e passar na Prefeitura para olhar alguns documentos da nossa casa, o que vocês dois querem fazer? – Ana respondeu:

- Mamãe nós queremos andar mais um pouco e depois iremos para o porto esperar o José.

- Tudo bem, encontro vocês lá.

Os dois primos continuaram andando pela cidade, mesmo com o forte calor, não se importavam. Ana não parava de falar, ela tinha vários planos para aquele ano: levar sua mãe para conhecer seus avós e tios paternos em São João de Côrtes, participar da Festa do Divino Espírito Santo que acontece em maio, queria ajudar em tudo, já que sua avó seria festeira, continuar o projeto da escola de recolhimento do lixo e a pesquisa de Carlos sobre os conhecimentos tradicionais da região para o Inventário Nacional Nacional de Referências Culturais - INRC do Iphan. Ana agradecia muito aquela pesquisa, pois foi ela que a levou até seu avô Joaquim. Em meio a sua falação sem parar na cabeça de Artur, a prima ainda teve mais uma ideia:

livro 4.indd 14 27/06/2014 14:59:44

- O que você acha da gente conversar na escola sobre continuar o recolhimento do lixo, e também iniciar alguma ação para combater as agressões ao patrimônio cultural de Alcântara? – Ana falava e chutava algumas pedrinhas pelo caminho.

- Acho uma ótima ideia – o primo de Ana se animou e continuou dizendo - A gente pode pedir para o Carlos e a Júlia ir até a escola e explicar quais são os tipos de agressão ao patrimônio e ai nós saímos à caça – os dois riram e a garota completou.

- Isso mesmo! Vamos nos dividir em grupos e procurar em cada edifício tombado o que foi danificado. A gente pode fazer umas fichas para colocar as informações – a garota se animou tanto com sua própria ideia que levantou os braços mostrando muita satisfação com aquela conversa.

- Nessas fichas a gente pode colocar como está cada edifício e o que precisa ser recuperado em cada um – falava Artur demonstrando ter gostado de mais uma ideia da prima.

No mesmo instante Artur pensava como sua prima pode ser tantas coisas juntas. Ana era uma mistura de vários jeitos, ao mesmo tempo em que era irritante quando queria algo, era muito esperta quando precisa resolver um problema. A prima também se animava com tudo, era "pau pra toda obra", mas quando algo não saia do seu jeito, ela ficava muito chata. Artur ria com seus pensamentos, ele tinha a certeza que gostava muito de Ana e que de prima e amiga, ela já estava se tornando a irmã que ele não tinha.

Enquanto Artur pensava, Ana continuava dizendo:

- Nossa! Podemos perguntar para o Carlos se ele não consegue algumas máquinas fotográficas, ai nós podemos fotografar os edifícios e os danos causados a eles. Passamos as imagens para o computador da escola e colocamos em nossas fichas. Vai ser muito legal! – a cada palavra pronunciada Ana dava pulinhos de animação.

- Com certeza vai ser bem legal, muito melhor do que a gente ficar só sentado naquelas cadeiras na sala de aula! – Artur falava e imitava o jeito que eles ficavam sentados na escola.

Os dois primos falaram tanto e nem perceberam que a hora de José chegar se aproximava, quando perceberam, saíram correndo em direção ao Porto do Jacaré. Eles estavam muito animados com o retorno do amigo. Ana sentiu muita falta de José, queria saber de tudo que ele fez durante as férias, estava muito ansiosa para conversar com o amigo. Os dois escoraram em uma das barras no

livro 4.indd 15 27/06/2014 14:59:49

atracadouro e ficaram observando a balsa se aproximar. Os pais de José também estavam ali esperando pelo filho.

Artur ficou observando alguns garotos tomando banho no mar bem próximo de onde estavam e ficou com vontade de se refrescar, pois o calor realmente estava muito forte naquele dia, mas como eles só estavam esperando José para retornarem a Tapuitapera não valeria a pena apenas um banho rápido. No mesmo instante a balsa termina de fazer a manobra e se atraca para que os passageiros comecem a descer.

José foi um dos primeiro a sair da balsa, carregava uma mochila nas costas e uma sacola de roupas nas mãos. O coração de Ana começou a bater mais forte quando viu o amigo, ela não entendia muito bem o que estava sentindo, só tinha certeza que estava muito contente em vê-lo. Todos foram ao encontro do garoto. Os pais de José foram os primeiros a abraçá-lo e ajudá-lo com a bagagem. Artur cumprimentou o amigo com um abraço e tapinhas nas costas, depois foi Ana. José e Ana abraçaram-se com afeto e a garota falou baixinho:

- Você faz falta por aqui! - as palavras saíram naturalmente, a própria garota se assustou com o que disse.

- Que bom! – respondeu José fingindo não ter se importado com as palavras da amiga, mas por dentro estava feliz em ouvir aquela frase, achou melhor mostrar indiferença.

Os três amigos colocaram-se a andar na frente dos pais de José e já conversavam sem parar. Eram tantas perguntas do que cada um havia feito durante aqueles dias. Maria estava sentada em um dos banquinhos velhos do porto à espera de todos para irem em direção aos carros que iriam levá-los de volta à Tapuitapera. Parecia sem fim a conversa entre Ana, Artur e José, durante todo caminho de volta. José contou o filme inteiro que havia assistido no cinema com os primos, dos vários colegas que conheceu na rua da casa dos tios, dos minis campeonatos de futebol que eles fizeram, soltou papagaio, ficava até tarde jogando barroca com pião, ou peteca como muitos chamam. José até trouxe de presente um pião para cada um dos amigos e disse que ensinaria os dois a jogar.

Ana e Artur perceberam que as férias do amigo haviam sido muito mais animadas do que as deles, porém estavam se divertindo só de ouvir as histórias de José. Ana ficou muito satisfeita ao perceber que o amigo ainda era o mesmo José de sempre, um pouco atrapalhado, mas com um coração enorme. Agora sim o ano começaria de verdade.

livro 4.indd 16 27/06/2014 14:59:52

As leis e os danos causados ao Patrimônio Cultural

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan - atua em conjunto com cada cidadão para preservar o patrimônio cultural brasileiro representativo da criatividade, diversidade, expressividade e excepcionalidade. O objetivo maior é preservar este patrimônio, garantindo para as gerações futuras a oportunidade de conhecer e vivenciar este patrimônio, que faz parte da história de construção de nossa **identidade** e **nação.**

A garantia desse direito à memória está assegurada na Constituição Federal de 1988, **em seus artigos 215 e 216**, que ampliou a noção de Patrimônio Cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial e, também, ao estabelecer outras formas de preservação – como o Registro e o Inventário – além do Tombamento. Assim, podemos observar abaixo:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1°. O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional. § 2°. A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem:

I - as formas de expressão;

II - os modos de criar, fazer e viver;

III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas;



IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais;

V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.

§ 1°. O Poder Público, com a colaboração da comunidade, promoverá e protegerá o patrimônio cultural brasileiro por meio de inventários, registros, vigilância, tombamento e desapropriação, e de outras formas de acautelamento e preservação.

§ 2°. Cabem à administração pública, na forma da lei, a gestão da documentação governamental e as providências para franquear sua consulta a quantos dela necessitem.

§ 3°. A lei estabelecerá incentivos para a produção e o conhecimento de bens e valores culturais.

§ 4°. Os danos e ameaças ao patrimônio cultural serão punidos, na forma da lei.

§ 5°. Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos.

As disposições legais mais importantes que protegem nosso patrimônio cultural estão incluídas no **Decreto-Lei nº 25/1937**, que instituiu a proteção do patrimônio material através do tombamento de bens móveis e imóveis, no **Decreto Lei nº 3.924/1961**, Lei da Arqueologia, no **Decreto nº 3.551/2000**, que cria o registro de bens culturais de natureza imaterial.

Todo este conjunto de leis é necessário à proteção dos bens culturais, uma vez que eles são de natureza frágil, e podem sofrer danos, serem mutilados ou destruídos de forma irreversível.

Esses danos causados ao patrimônio cultural ocorrem tanto pela deterioração decorrente de fatores naturais, quanto econômicos e sociais. As ameaças das condições naturais podem ser: eventos climáticos e sísmicos; enchentes; erosão; ação de cupins; e corrosão biológica causada pelo excremento de animais, principalmente de morcegos, pombos e ratos, entre outros. Para evitar estas ameaças, é possível adotar uma série de medidas de prevenção a tais ataques.



Além disso, existem ameaças sociais e econômicas, sendo as principais delas: emanação de gazes proveniente dos escapamentos dos automóveis e chaminés de fábricas, a falta de conservação, vandalismo contra os bens ou partes deles, roubos de obras de arte e dos bens móveis e integrados, abandono, depredação, entre outros. A lei qualifica muitas dessas ações como crime contra o patrimônio cultural e, para cada uma delas, está prevista uma punição.

Todavia, alguns danos são irreversíveis, outros são amenizados pelo trabalho de recuperação e restauração realizado por profissionais especializados: os restauradores.

Assim, fica bastante clara a importância da participação de cada um de nós na proteção e preservação do patrimônio cultural brasileiro. O poder público, não é o único responsável por vigiar, fiscalizar, impedir e denunciar qualquer dano causado a um bem de valor para nossa história e cultura. Todos nós devemos cumprir o dever de não permitir que nosso patrimônio seja destruído, pois é ele que guarda nossas raízes e revela parte da memória daqueles que contribuíram para a construção da identidade cultural do nosso país.

livro 4.indd 18 27/06/2014 14:59:58

Exercícios capítulo I

Interpretando o texto

1 Ana já estava se sentindo entediada com as férias. Quais os motivos? Você sente o mesmo quando está de férias escolares?

2 Ana e Artur ficaram muito animados com a ida até a sede de Alcântara. O motivo principal da ida à sede era para comprar algumas coisas que Ana usaria em seu novo ano escolar, porém quando se trata desses dois amigos novas situações aparecem. Quais foram essas situações? Descreva-as e aponte a que você achou mais interessante.

3 Foi na Rua Direita que Ana escolheu o que precisava para o seu retorno às aulas e ouviu a explicação do guia turístico sobre a ruína da Igreja da Ordem dos Franciscanos. Faça um desenho da Rua Direita e indique os elementos (casas, lojas, imóveis etc.) existentes nela. Depois descreva e justifique o que, em sua opinião, existe de patrimônio cultural na Rua Direita.

4 Muito se aprendeu sobre a ruína da Igreja da Ordem dos Franciscanos com o guia turístico. Quais são as outras ruínas que existem na sede de Alcântara? Escolha uma das que você citou e conte a sua história.

5 Durante a sua explicação, o guia turístico utilizou várias palavras para explicar as características construtivas que existem na ruína da Igreja da Ordem dos Franciscanos. Muitas dessas palavras são comuns quando se trata de preservação do patrimônio cultural. Assim, pesquise e descreva cada um dos seguintes elementos: arco cruzeiro, campanário, cantaria, arco abatido composto, nave principal e nichos laterais.

6 Enquanto iam até o Porto do Jacaré, Ana falava de seus planos para aquele ano. Quais eram? Descreva também a ideia que Ana e Artur tiveram para combater as agressões ao patrimônio cultural de Alcântara.

Meu glossário

Agora faca seu próprio glossário. De as definições das palavras a seguir. Lembre-se de dar exemplos.

- Envergadura
- Historiadores
- Verga
- Atracadouro
- Afro-brasileiras
- Desapropriação
- Depredação

Trabalhando o quadro explicativo

1 Qual é o maior objetivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - Iphan?

2 Em que o Iphan baseia-se para promover a gestão dos bens culturais nacionais?

3 Qual a importância da Constituição Federal de 1988 para a preservação do patrimônio cultural? Para ela, o que se constitui como patrimônio cultural brasileiro?

4 Quem a legislação determina que tem o dever de proteger o patrimônio cultural nacional?

5 Pesquise e descreva quais são os seguintes danos materiais causados ao patrimônio cultural: descaracterização, destruição total ou parcial do bem cultural e obstrução de visibilidade.

6 Aponte as principais ameaças naturais e humanas que podem danificar o patrimônio cultural.

CAPÍTULO II

Os fiscais do patrimônio cultural

As aulas recomeçam. Para alegria de Ana, ela, Artur e José estavam na mesma turma. O primeiro dia de aula passou rápido, cada um contou o que fez durante as férias, a professora fez um resumo de como seria aquele ano escolar e o que aprenderiam. Dentro do transporte escolar, quando retornavam para casa, Ana e Artur contaram para José a ideia que tiveram para tentar proteger o patrimônio cultural da sede de Alcântara. O amigo também gostou e ficou pensando que teriam muito trabalho pela frente.

Ana pediu para José ir com ela e a mãe até São João de Côrtes, no próximo final de semana, para que enfim os seus avós paternos conhecessem Maria. Seu primo Artur já tinha avisado que não poderia ir, pois estaria com o pai na casa de farinha, a data de entrega da produção se aproximava e ainda tinha muito que fazer.

Assim que saltaram do transporte escolar, em frente à igreja da pracinha de Tapuitapera, os três amigos resolveram telefonar para Carlos no Iphan. Carlos atendeu ao telefone surpreso e desconfiado quando soube quem era, escutou a voz de Ana que disse:

- Oi Carlos! Tudo bem? É a Ana de Tapuitapera.

- Oi Ana, claro que eu sei quem é! Como vão as coisas por ai? Artur, José, como estão? O que vocês estão aprontando dessa vez? – Carlos perguntou, imaginando o que aqueles três queriam com ele.

- Os dois estão bem, estão aqui do meu lado. Dessa vez não aprontamos nada – Ana riu baixinho e continuou - só queremos te contar a ideia que nós tivemos e gostaríamos de saber se você poderá nos ajudar.

- Então, diga-me qual é essa ideia? Estou curioso! – Carlos sempre com muita paciência e atenção quando se trata dos seus três jovens amigos de Tapuitapera.

Ana explicou tudo para Carlos, começou contando o que foi fazer na sede, o que ela e Artur viram e porque decidiram vigiar os bens que são tombados:

- Carlos, tem muita coisa que está destruindo o patrimônio cultural de Alcântara. Nas ruínas, por exemplo, muita pichação, mato crescendo e lixo. os casarões pricisam

livro 4.indd 20 27/06/2014 15:00:03

de cuidados, falta preservação, pois muitos estão abandonados – Ana falava, mostrando que havia aprendido muito bem o que explicaram para ela sobre a proteção do patrimônio cultural.

- Nossa Ana, quanta coisa você e Artur perceberam! – Carlos respondeu impressionado com aqueles adolescentes, jamais havia conhecido pessoas tão jovens e preocupadas com a preservação cultural do lugar onde vivem.

A garota continuou:

- Carlos, você pode pedir para a Júlia ajudar. Pensamos em fazer como se fosse um trabalho de escola. Aí, a nossa professora também participaria, junto com nossos colegas de turma – agora Ana falava sem parar – Pensamos em dividir a turma em grupos. O que você acha? – ela pergunta a Carlos.

- Calma Ana! Uma coisa de cada vez. Vocês já conversaram com a professora? – Carlos perguntou, pois sabia que sem o apoio da escola, ficaria difícil de realizar o trabalho que Ana, Artur e José queriam.

- Ainda não! – respondeu a garota e continuou – Achamos melhor ver com você primeiro, ai depois nós falamos com a professora.

- Tudo bem! Gostei muito da ideia de vocês! Acho que será um ótimo trabalho! Vocês serão os fiscais de Alcântara – Carlos respondeu rindo com a brincadeira e comparação que acabara de fazer.

- Eba, legal! – Ana disse com entusiasmo e se voltou para os garotos ao seu lado – O Carlos gostou da nossa ideia! – Artur e José abriram o sorriso.

- Ana, nós podemos continuar fazendo mais ou menos o que já tínhamos começado em São João de Côrtes. Só que lá foi apenas mapear o que se fazia na comunidade: comidas típicas, artesanatos, festas, danças. Agora, podemos conversar com os moradores e eles nos apontarem o que é o patrimônio da comunidade. Entendeu? – perguntou Carlos.

- Entendi. A gente descobre o que é patrimônio e depois diz como tem que preservá-lo? – Ana responde rapidamente.

- É isso mesmo garota! Primeiro vou contar a ideia que vocês tiveram para o pessoal aqui na Superintendência, ver se consigo um apoio, depois eu vou até Tapuitapera conversar com a sua professora e apresentar o projeto para ela. – Carlos sabia que demoraria um pouquinho para que as atividades começassem.

- Carlos, nós podemos falar com a professora antes? – perguntou Ana.

livro 4.indd 21 27/06/2014 15:00:08

- Claro! Assim ela já fica sabendo que nós a procuraremos para mostrar o projeto e ficará ciente que será necessário separar um tempinho no planejamento anual para realizar essa atividade.

- Tudo bem Carlos! Vamos esperar você aparecer por aqui. Não demore! – Ana responde com seu jeito mandão que Artur e José conheciam muito bem.

- Fiquem tranquilos até o final do mês eu dou uma resposta para vocês. – Carlos disse e foi se despedindo – Até mais então! Um abraço em cada um dos três!

- Combinado Carlos, vamos ficar esperando. Um abraço pra você também e outro pra Júlia! Tchau! – completou Ana colocando o telefone no gancho do orelhão.

Após desligar o telefone, Carlos ficou pensando na conversa que teve com Ana. Rindo sozinho ele chegou à conclusão que aqueles três amigos eram bem engraçados e espertos. Carlos ficou, realmente, muito satisfeito com a ideia. Na realidade, essa seria uma ótima ação educativa, principalmente porque partiu de alguém que vive na comunidade, que percebe a importância de preservar o que é referência cultural para eles e para a memória brasileira.

Ele ficava ainda mais contente com o fato da ideia ter surgido de pessoas tão jovens, pois serão estes a repassar para as gerações futuras a relevância de preservar os elementos que contam a história do nosso país.

O técnico do Iphan sabia, as crianças estavam propondo de maneira bem informal, com as palavras delas, o que elas chamam de fichas com informações sobre os bens culturais é uma ação educativa, "o inventário do patrimônio cultural". O inventário é uma maneira de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor. Nesta atividade, é necessário olhar ao redor dos espaços da vida, inclusive os que podem estar junto à escola, buscando identificar as referências culturais que formam o patrimônio cultural do local, o qual pode ser constituído tanto pelo patrimônio material quanto o imaterial.

Não era apenas um trabalho de fiscalização, de olhar o que havia de danos ao patrimônio de Alcântara, mas de reconhecer e identificar o que era valorizado pela comunidade e por isso merece ser preservado. Fazendo o inventário é possível descobrir e registrar os bens culturais que constituem o patrimônio da comunidade, do território em que ela está e dos grupos que fazem parte dela.

livro 4.indd 22 27/06/2014 15:00:14

O inventário é uma atividade de educação patrimonial, portanto, seu objetivo é construir conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre a escola e as comunidades que possuem as referências culturais a serem inventariadas. Um dos objetivos do inventário é fazer com que diferentes grupos e gerações se conheçam e compreendam melhor uns aos outros, promovendo o respeito pela diferença e a importância da pluralidade cultural.

Naquele mesmo dia os três amigos brincaram até tarde na porta da casa de Ana. José ensinou Artur e Ana a jogar barroca com pião e ali eles ficaram por várias horas se divertindo. Maria fez bolo de macaxeira e levou para que eles comessem. Ficou tão gostoso que eles quase devoraram todo o bolo. A amizade dos três parecia se fortalecer cada vez mais, até as brigas pararam e tudo que iam fazer tinha que ser juntos. Quando se encontravam não paravam de falar um segundo.



livro 4.indd 23 27/06/2014 15:00:22

O restante da semana passou rápido. Ana levantou apressada no sábado e foi se arrumar, banhou-se, colocou seu vestido e suas sandálias novas, penteou os cabelos de lado e ajeitou os cachos com as mãos. Chegou o dia de ir com sua mãe para ela conhecer seus avós paternos. Quando Ana saiu do quarto, Maria também já estava pronta na cozinha preparando o café da manhã para as duas. A ansiedade de Ana era tão grande que nem fome ela sentia. De repente, alguém batia na porta da casa. Ana levantou da mesa correndo e foi atender, era José, ele estava pronto para acompanhar as duas até o povoado de São João de Côrtes. Quando o garoto viu Ana, ele deixou escapulir:

- Ana! Eu nunca te vi assim.

- Assim como? Não entendi? – a garota respondeu impaciente.

- Assim, tão arrumada! – foi o que José conseguiu falar para não dizer que a amiga estava bonita

- É porque eu só ando com você e o Artur. Então pra quê ficar se arrumando tanto? – disse Ana um pouco brava e envergonhada com o amigo.

Desde o beijo rápido, no ano passado, que Ana e José trocaram, eles viviam confusos sobre o que sentiam um pelo outro. Para Ana era só amizade, mas às vezes a garota tinha umas crises de ciúmes e ainda sentiu muita falta de José durante as férias, e ele sentiu a falta dela, porém nenhum dos dois tinha coragem de conversar sobre essas dúvidas, e assim eles conseguiam levar de maneira tranquila a amizade que já existia.

- Você vai entrar ou continuar parado ai na porta? – Ana perguntou demostrando estar realmente brava com o comentário anterior do amigo.

- É lógico que vou entrar – José respondeu, entrou na casa e foi cumprimentar Maria que ainda estava na cozinha terminando de comer o café da manhã.

Maria ficava muito contente com aquela amizade, foi graças aos amigos de Ana que a garota teve forças para superar um pouco a perda de seu pai e acostumar com a vida em Tapuitapera. Ela gostou muito do fato de José ir com elas até São João de Côrtes, o garoto conhecia melhor a região e poderia ajudar caso surgisse algum problema. E assim os três partiram, um carro os levaria até Prainha, onde eles pegariam um barco até o povoado de São João de Côrtes. De toda forma seria um bom passeio.

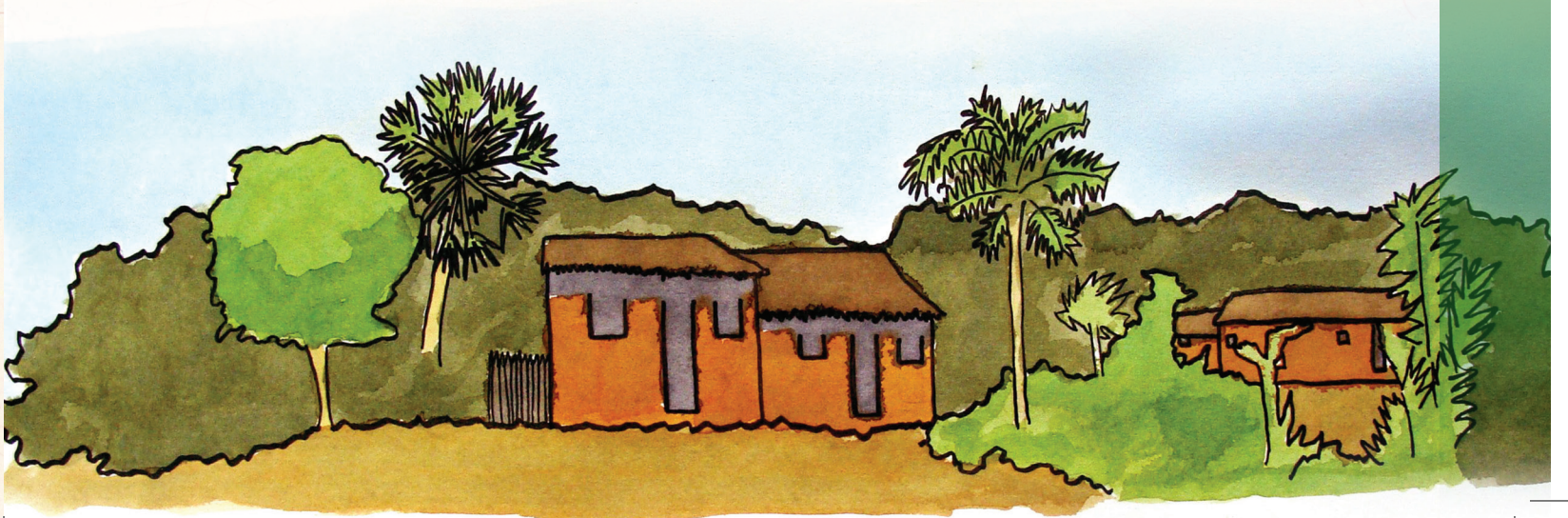
livro 4.indd 24 27/06/2014 15:00:31



A viagem até Prainha não foi muito tranquila, a estrada estava com muitos buracos devido à temporada de chuvas, o carro sacudia o tempo todo e jogava os passageiros pra lá e pra cá. Ana estava sem paciência, queria chegar logo, antes do almoço, pois esse era o combinado, por isso tiveram que sair tão cedo. A viagem de barco foi melhor, por incrível que pareça estava balançando menos do que no carro, a Baía de Cumã naquele dia não estava brava.

Ana sentia o vento levando seus cabelos, o clima estava bom, o céu claro, a brisa fresca. De repente, alguns guarás passaram voando, pintando o céu de vermelho, um verdadeiro espetáculo da natureza. O barco andava mais rápido do que ela imaginava, eles chegariam a tempo para o almoço. Ana havia combinado com a avó que eles almoçariam juntos. No dia anterior ela conversou por telefone com seu avô, senhor Joaquim, o qual disse que dona Benedita, avó de Ana, já tinha preparado várias coisas para eles comerem.

Conforme o barco ia se aproximando de São João de Côrtes, já era possível ver algumas casas a beira mar, umas bem juntinhas, outras com muitas árvores por perto. A história relata que a origem de São João de Côrtes se deve a um grupo de jesuítas portugueses que se estabeleceram na região com a missão de catequizar os índios Tupinambás que ali viviam. Em 1730 a aldeia jesuíta possuía em torno de 70 índios. Em 1755 foi erigida a condição de Vila.



Em 1855 foi reconstruída em pedra e cal a capela da Vila. No mesmo lugar, em 1936, construiu-se a igreja de São João Batista, localizada no centro do povoado, onde acontece no mês de junho, o festejo em homenagem a São João. Atualmente, o povoado possui cerca de 500 pessoas que vivem da pesca artesanal, lavoura de subsistência, aposentadoria rural, funcionários da prefeitura e artesãos navais. No povoado existe um posto de saúde, um antigo prédio da usina geradora de energia, um poço artesiano com castelo d'água que abastece todo o lugar. Umas das coisas que mais chama a atenção pelo seu tamanho é um angelim que fica no final da rua principal do povoado. A árvore de grande porte fica atrás da Igreja de São João, é tão alta que pode ser vista de longe.



livro 4.indd 26 27/06/2014 15:00:53

O barco parou em São João de Côrtes, Ana desceu apressadamente, já se aproximava do meio dia e ela não queria deixar seus avós esperando. Maria e José desceram logo atrás. Como Joaquim iria gostar daquele momento se ele estivesse ali. Pensava Maria. Sua filha e os pais de Joaquim juntos, as duas visitando o povoado em que ele nasceu e viveu boa parte da vida. A emoção tomou conta de Maria, como Joaquim fazia falta, aquele lugar estava fazendo-a sentir ele bem perto. Com os olhos cheios de água, Maria avistou um casal parado logo a frente dos três, de repente Ana correu em direção ao casal e foi abraçando o senhor com toda sua força. Maria teve a certeza que se tratava dos avós de Ana. Após receber o forte abraço do avô, Ana partiu para os braços da avó que estava com um sorriso enorme a sua espera. Nesse momento ela percebeu o quanto a filha estava feliz.

Ana terminou de abraçar os avós, pegou a mão de sua mãe e a levou para conhecê-los. Maria ficou sem graça no início, um pouco tímida, mas a boa receptividade do senhor Joaquim e de dona Benedita fez com que ela ficasse um pouco mais à vontade. Após as apresentações feitas todos foram andando em direção à casa dos avós de Ana. Já era hora do almoço e a fome estava grande, José não via a hora de comer e depois passear pelo povoado. Dona Benedita fez arroz de cuxá, peixe ao molho, tapioca cozida, bolinho de cenoura, farofa e de sobremesa tinha doce de buriti e de coco. A avó de Ana era uma das melhores cozinheiras da região, os doces que ela fazia eram levados para serem vendidos no mercado da Praia Grande em São Luís.

Todos comeram muito. José ficou o tempo todo elogiando a comida de dona Benedita. Depois do almoço, todos foram se sentar na porta da casa, embaixo de uma árvore, e ali ficaram conversando. Senhor Joaquim e dona Benedita estavam contentes de ter a neta em casa, eles falaram sobre a Festa do Divino Espírito Santo, contaram histórias do pai de Ana, quando ele vivia ali, aos poucos, outras pessoas da família foram chegando para conhecer Ana e sua mãe. Com certeza, aquele seria um final de semana bem especial.

livro 4.indd 27 27/06/2014 15:00:58

Alcântara, 25 de fevereiro

Diarinho,

Tenho tantas coisas pra escrever... Meu ano começou parado, mas agora já está bastante agitado. Eu me senti muito sozinha durante as férias, o Artur não pode brincar e nem fazer nada comigo porque o Tio Ribamar pegou uma grande encomenda de farinha para entregar em São Luís. Artur foi todo o dia ajudar o seu pai na casa de farinha. José passou as férias inteiras na casa dos tios em São José do Ribamar, não gostei, ele só retornou um dia antes de começar as aulas, então nem pudemos fazer muitas coisas juntos.

Eu e Artur fomos até a sede de Alcântara esperar José retornar para Tapuitapera. Enquanto esperávamos, ouvimos a explicação de um guia, para um grupo de turista, sobre a ruína da Igreja da Ordem dos Franciscanos. Foi muito legal aprender que não existe nenhum registro histórico de que a igreja foi concluída, mas isso não faz com que ela deixe de ser um importante patrimônio cultural, pois a ruína transmite informações interessantes sobre os métodos construtivos do século XIX.

Foi nessa ida até a sede que eu e o Artur notamos alguns bens culturais prejudicados por danos naturais, causados pelo desgaste do longo tempo, e outros causados pelo próprio homem. Muita pichação, mutilação. Sabe o que é isso? Pedaços que são arrancados das edificações. Ai nós tivemos a ideia de fazer um levantamento desses danos. Pensamos em realizar isso junto com a escola e com o Carlos e a Júlia do Iphan. Fazer mesmo um trabalho de escola.

Carlos adorou a ideia e decidiu que daria para realizar algo mais completo, o que ele chamou de "inventário do patrimônio cultural de Alcântara". Eu vou ser sincera, ainda não entendi muito bem o que Carlos quer que a gente faça, mas ele disse que iria até nossa escola conversar com a nossa professora, a Sandra, e explicar como vai ser esse tal inventário. Eu só sei que quero ficar no mesmo grupo que o Artur e José.

livro 4.indd 28 27/06/2014 15:01:08

Na primeira semana de aula eu fiquei um pouco brava com os dois, porque entraram umas garotas novas na escola e eles ficaram animadinhos. Eu fechei a cara e fiquei um tempão sem falar com eles. Não sei o que acontece, tem hora que eu não me entendo, se eles são meus amigos eu não devia sentir ciúmes, confesso aqui, pra você diarinho, que eu fico mais brava principalmente quando é o José.

Fui levar mamãe para conhecer meu avô Joaquim e minha avó Benedita. Eu sei que mamãe estava com medo, ou receio, mas eu queria muito que isso acontecesse. Ela sente muita falta do papai. Eu, ela e José saímos de Tapuitapera, no sábado, bem cedinho. Para chegar a São João de Côrtes fomos de carro até Prainha, não gostei dessa parte da viagem, muitos buracos na estrada, fiquei mais enjoada do que no barco que pegamos até São João de Côrtes.

Quando descemos do barco, meus avós já estavam nos esperando. Confesso que fiquei muito apreensiva pra saber como eles tratariam minha mãe. Eu vi nos olhos dela a emoção por estar ali. Tinha certeza, ela estava lembrando-se do papai, imaginando ele vivendo ali naquele povoado. Mas deu tudo certo! Foi lindo ver a maneira que meus avós receberam mamãe. Eu fiquei muito feliz em saber que tudo estava dando certo. Ficamos no povoado até o outro dia, eu e José fizemos muitas coisas juntos com meu avô. Comemos muita comida gostosa preparada pela vovó. Conheci o restante da família, tios, tias e primos. Gostei muito, agora, além de Artur, tenho mais quatro primos quase todos com a mesma idade que eu, somente a Poliana que é bem mais novinha, ela tem 5 anos. Pedro tem 11 anos, Janaína tem 13 anos e Victor tem 14 anos. Foi realmente um final de semana muito melhor do que eu imaginava.

Vovó e Vovô contaram tudo sobre o que um festeiro da Festa do Divino precisa fazer, eu estou muito ansiosa para que chegue logo, quero participar de tudo.

Tchau!

Ana

livro 4.indd 29 27/06/2014 15:01:19

Referências Culturais



Segundo o Manual de Aplicação do Inventário Nacional de Referências Culturais, que foi elaborado pelo Iphan no ano 2000, as *Referências Culturais* "... são edificações e são paisagens naturais. São também as artes, os ofícios, as formas de expressão e os modos de fazer. São as festas e os lugares a que a memória e a vida social atribuem sentido diferenciado: são as consideradas mais belas, são as mais lembradas, as mais queridas. São fatos, atividades e objetos que mobilizam a gente mais próxima e que reaproximam os que estão longe, para que se reviva o sentimento de participar e de pertencer a um grupo, de possuir um lugar. Em suma, referências são objetos, práticas e lugares apropriados pela cultura na construção de sentidos de identidade, são o que popularmente se chama de raiz de uma cultura".



As referências culturais são identificadas a partir do que for apresentado pelos próprios indivíduos de determinada comunidade. São eles que vão dizer o que é importante para a cultura do lugar em que vivem, o que os diferencia culturalmente dos outros lugares. É na memória que está armazenado e registrado o "vivido" sendo isso que permite a identificação das referências culturais, as quais caracterizam determinados grupos sociais.

As referências culturais apresentadas pelos indivíduos e associadas à história e à tradição vão configurar o patrimônio cultural do lugar em que vivem. Nesse sentido, os indivíduos possuem a função de informar e também de interpretar o seu patrimônio cultural, além de indicar o que precisa ser feito para protegê-lo. Entre os elementos que constituem a cultura de um lugar, alguns podem ser considerados patrimônio cultural. Estes elementos são tão importantes para o grupo que adquirem o valor de um "bem", neste caso, de um bem cultural. Com a atribuição de valor, as referências transformam-se em bem cultural.

É importante lembrar que nem tudo que forma a cultura de um povo é patrimônio cultural. Por exemplo, aspectos como a falta de educação no trânsito, o costume de jogar lixo na rua, não tratar com boa educação as pessoas, preconceito, são considerados aspectos culturais, mas, definitivamente, não são patrimônios culturais!

livro 4.indd 30 27/06/2014 15:01:22

Assim, o patrimônio cultural é um conjunto de bens culturais que estão presentes na história do grupo, e foram transmitidos entre várias gerações. São os bens culturais que ligam as pessoas aos seus pais, aos seus avós e àqueles que viveram muito tempo antes delas. O patrimônio cultural tem importância para muita gente, não só para um indivíduo ou uma família. Dessa maneira, o patrimônio cultural liga as pessoas. É sempre algo coletivo: uma história compartilhada, um edifício ou lugar que todos acham importante, uma festa que todos participam, ou qualquer outra coisa em torno das quais muitas pessoas de um mesmo grupo se identificam.

O patrimônio cultural faz parte da vida das pessoas de uma maneira tão profunda, que algumas vezes elas não conseguem nem mesmo dizer o quanto ele é importante e por quê. Mas caso elas o perdessem, sentiriam sua falta, como, por exemplo, a paisagem do lugar da infância; o jeito de preparar uma comida; uma dança; uma música; uma brincadeira.

O que Ana, Artur e José não sabiam, ao terem a ideia de realizar um levantamento dos danos físicos causados ao patrimônio cultural de Alcântara, é que Carlos visualizaria um projeto que completaria o que os três amigos haviam pensado: uma ação de educação patrimonial que consiste na elaboração de um Inventário do Patrimônio Cultural.



Portanto, a identificação das referências culturais que são apresentadas pelos indivíduos da comunidade é uma construção de conhecimentos a partir de um amplo diálogo entre a escola e as comunidades que detêm as referências culturais a serem inventariadas. A qualidade deste inventário depende da integração de professores de diversas áreas, monitores, estudantes, comunidade (pais e familiares, mestres e detentores dos bens culturais). Por isso, deve-se conseguir uma boa quantidade de pessoas para participar do projeto, pois quanto mais pessoas envolvidas, mais divertido será fazê-lo, mais contribuições serão dadas ao trabalho e melhor será o seu resultado.



EXERCÍCIOS CAPÍTULO II

Interpretando o texto

1 Ana e Artur tiveram uma ideia para tentar proteger o patrimônio cultural da sede de Alcântara. Como foi esta ideia?
2 Como Ana explicou para Carlos a ideia que ela e Artur tiveram para tentar proteger o patrimônio cultural da sede de Alcântara? E o que Carlos achou da ideia dos garotos de Tapuitapera?
3 Carlos encontrou uma maneira de completar a ideia de Ana e Artur. Como foi essa maneira?
4 Explique o que é um inventário do patrimônio cultural? Qual o seu objetivo?
5 Ana estava muito ansiosa para que sua mãe, Maria, conhecesse seus avós paternos em São João de Côrtes. Como ela se preparou para ir até lá? Por que ela queria chegar o mais rápido possível na casa dos avós?
6 Como foi a viagem até São João de Côrtes? O que a história conta sobre o povoado?
7 Alguns elementos marcam a história de algumas comunidades, povoados e até cidades. São esses elementos que diferenciam um lugar do outro. O que existe em São João de Côrtes que pode ser considerado uma referência do povoado?
8 O encontro de Maria com os avós paternos de Ana foi cheio de emoção. O que a mulher lembrou? Por que ela se sentiu tão emocionada?

Meu glossário

Agora faca seu próprio glossário. De as definições das palavras a seguir. Lembre-se de dar exemplos.

Referências culturais
- Angelim
- Apropriados
- Interpretar

Trabalhando o quadro explicativo

1 Baseado no quadro explicativo, explique o que você entendeu sobre o que sejam as referências culturais de um lugar?
2 É na memória que está armazenado e registrado o "vivido" sendo isso que permite a identificação das referências culturais, as quais caracterizam determinados grupos sociais. Assim, quem poderá mostrar quais são as referências culturais existentes em um determinado lugar?
3 Tudo que forma a cultura de um povo é considerado patrimônio cultural? O que é necessário para que uma referência cultural seja também um patrimônio cultural?
4 Observe a vida no lugar que você mora, as pessoas, o que acontece com frequência e o que faria falta se acabasse. Pergunte para os seus pais o que eles acham a "cara" do lugar onde vocês vivem, o que torna este lugar especial e diferente dos outros. Pode ser uma festa, uma dança, um prédio, uma comida, um artesanato etc. Depois, diga qual é este lugar e descreva os elementos que existem nele e que podem ser considerados referências culturais.

UNIDADE 2

MATERIAL E IMATERIAL UM SÓ PATRIMÔNIO CULTURAL

CAPÍTULO III

Aprendendo a celebrar o Divino

Maria, Ana e José retornaram para Tapuitapera no domingo de tarde. Todos insistiram para que eles ficassem mais, Maria não deixou por causa das aulas. Ana ameaçou ficar emburrada, mas sua mãe não deu importância para as coisas da filha.

- Ah Ana, vou fingir que não estou vendo essa sua cara de emburro. Você e José tem aula amanhã. Não vou deixar vocês dois sem ir à escola – Maria falou em tom firme, mas sem chamar muita atenção.

- Mas mãe, quando eu vou voltar aqui de novo? Não quero vir só no outro mês. A vovó vai precisar da minha ajuda para a Festa do Divino – Ana responde cruzando os braços para confirmar o seu emburro.

- Ana nós vamos dar um jeito, mas hoje você vai embora. Pare de ser tão infantil! – insatisfeita com o rumo da conversa, Maria tenta encerrá-la. – Pronto, melhore essa cara e vá despedir dos seus avós, tios e primos.

Ana despediu-se de cada pessoa da sua nova família com um abraço bem apertado. Atrás dela, José também foi se despedindo. O amigo havia adorado passar os dois dias em São João de Côrtes, o final de semana foi cheio de muita comida gostosa, histórias, brincadeiras e passeios. Realmente eles tinham vários motivos para querer ficar ali por mais dias.

Assim que Ana retornou a escola ela correu para a pequena biblioteca e foi procurar algum livro sobre a Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara. Ana queria entender mais sobre esta manifestação cultural, como era, o que acontecia e o quanto envolvia muitas pessoas de todo o município de Alcântara e até do estado do Maranhão. Ana encontrou um livro grande, cheio de imagens sobre a Festa e também alguns textos. A garota ficou encantada com as imagens que estava vendo, ela não imaginava a quantidade

livro 4.indd 33 27/06/2014 15:01:31

de pessoas que participam dos preparativos e festejos em homenagem ao Divino Espírito Santo.

Ana começou a ler sobre como era a Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara. Debruçada sobre o livro, em voz baixa de maneira que apenas quem estivesse bem perto poderia ouvir, ela foi lendo:

A cada ano são vivenciadas pela comunidade de Alcântara toda riqueza e elegância que existiam na região durante o apogeu econômico do período colonial. A Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara, que acontece no mês de maio ou junho, dependendo da data do domingo de Pentecostes, tem a realeza representada por gente simples, que passeia pelas ruas e ladeiras da cidade em uma manifestação cultural que reúne tradição e religiosidade.

A arquitetura colonial da cidade é utilizada como cenário para representar a época em que a economia próspera de Alcântara girava em torno do algodão e da cana-de-açúcar. A Festa do Divino é uma das mais populares no Maranhão, sendo realizada há mais de 400 anos. O festejo resiste ao tempo e trata o período colonial com elegância e costumes daquela época, a exemplo da corte que desfila luxo e remete à época áurea do império.

Segundo a história, é provável que a festa do Divino tenha chegado ao Maranhão trazida pelos colonos portugueses da região dos Açores que aportaram em São Luís em 1621. Portanto, a origem é europeia, porém os escravos que vieram da África e seus descendentes já em solo maranhense incluíram outros elementos à celebração. Atualmente, é forte a participação de negros na festa alcantarense, marcada principalmente pelo toque das caixeiras e pela distribuição do doce-de-espécie.

A festa tem seu auge durante o domingo de Pentecostes (50 dias após a Páscoa), mas os rituais começam na quarta-feira da semana anterior, quando o Mastro do Divino, um tronco de 10 metros, é levado pelos devotos do porto até a Praça Gomes de Castro. Acompanhados de músicos e sob foguetório, eles fixam no alto do tronco a bandeira do Divino.

Na Quinta da Ascensão, caixeiras fazem a alvorada às 4:00 horas da manhã em frente ao mastro e seguem com o mestre-sala, bandeireiras e a orquestra até a casa do Imperador ou Imperatriz. Todos assistem a uma missa, onde o Imperador é coroado e uma pomba branca, símbolo da festa, é solta. O cortejo segue então de volta até a casa do Imperador, onde são servidos doces. À tarde, os mordomos são "presos" e oferecem prendas ao Divino, junto ao mastro, para serem libertados.

livro 4.indd 34 27/06/2014 15:01:36

No sábado do meio, o mordomo-régio ou mordoma-régia, após pedir autorização ao Imperador, saúda os demais mordomos e depois recebe o povo em sua casa. Este ritual se repete no domingo, após a missa. Na semana seguinte os demais mordomos também visitam o Imperador e promovem festas.

Na sexta-feira seguinte, um boi enfeitado de flores percorre as ruas e é sacrificado na manhã seguinte. No sábado, o imperador e mordomos distribuem esmolas aos pobres. No último domingo – o domingo de Pentencostes, acontece uma missa solene pela manhã e um grande almoço na casa do Imperador. Depois todos seguem em procissão até a igreja, onde acontece o sorteio do Imperador no ano seguinte.

Ana terminou de ler o livro, observou um pouco mais as imagens e, realmente, ficou muito impressionada com tudo que acabara de ler. A garota pensava em como a Festa do Divino era linda e jamais imaginava que pudesse existir algo assim. Para ela Alcântara era uma cidade muito especial por conseguir realizar uma festa como esta e ainda reunir aquele tanto de gente na organização e também na visitação. No livro ainda dizia que várias pessoas do Brasil atravessam a Baía de São Marcos para participar da festa e celebrar o Divino. Porém, muitas dúvidas ficaram na cabeça da garota, ela queria saber mais. O livro trazia informações gerais, faltava entender muitas coisas, como por exemplo: o que era o Divino Espírito Santo? Quem eram as caixeiras, o imperador, imperatriz, mordomo, mestre-sala? Como era a alvorada? E esse docinho-de-espécie? Como era feito e quem fazia?

Ana apenas aumentou sua curiosidade a respeito da Festa do Divino, como ela poderia ajudar sua avó Benedita se não soubesse melhor como tudo funcionava? A garota decidiu ir até a casa da bisavó Nena, somente ela poderia lhe contar, da melhor maneira possível, tudo o que queria saber e esclarecer suas dúvidas. No outro dia Ana não quis saber de brincar após a aula na Praça de Tapuitapera. Artur e José estranharam a pressa da amiga para ir embora da escola, mas não perguntaram o porquê dela andar tão inquieta, eles já estavam acostumados com Ana sempre procurando algo a mais pra fazer.

Dona Nena gostava de deitar para dormir assim que a noite caia, por este motivo Ana passou em casa apenas para deixar sua mochila, tirou o uniforme da escola, para não sujar, e correu até a casa da bisavó. Quando Ana chegou, dona Ângela estava varrendo a porta da casa e cantarolando uma toada de tambor de crioula. A garota cumprimentou a mulher com um abraço bem apertado e logo perguntou pela bisavó.

livro 4.indd 35 27/06/2014 15:01:41

- Olá dona Ângela! Tudo bem com a senhora? E a bisavó Nena, ela está em casa? Eu preciso muito falar com ela – Ana fez as perguntas uma atrás da outra sem dar tempo de dona Ângela responder sequer a primeira.

- Nossa que menina apressada! Calma, posso responder uma coisa de cada vez? – dona Ângela disse rindo porque sabia que quando Ana queria alguma coisa era daquele jeito.

- Pode sim, me desculpe dona Ângela! É que eu fiquei com medo de chegar aqui e a bisavó Nena estar se preparando para dormir – respondeu Ana justificando-se pela maneira apressada com que ela cumprimentou a mulher.

- Dona Nena ainda não foi se deitar, mas posso saber o que essa mocinha linda quer com ela dessa vez? – com seu jeito sempre carinhoso e paciente, dona Ângela foi dizendo e passando a mão sobre a cabeça de Ana fazendo um cafuné.

- É uma longa história – completou Ana – a senhora lembra que eu estava procurando minha família paterna?

- Como eu não ia me lembrar? A mocinha fugiu de casa, parou em Itamatatiua, em plena festa de São Benedito, e foi atrás de pistas sobre a história dos antepassados do seu pai, com um relógio na mão.

- Então, depois daquele dia eu consegui várias pistas e informações que me diziam para procurar pela família do meu pai no povoado de São João de Côrtes – Ana disparou a falar – Um dia o pessoal do Iphan estava realizando um levantamento das atividades culturais que existem na região e levou minha turma da escola para ajudar – dona Ângela escutava quieta tudo que Ana contava, e ela continuou – por incrível que pareça a pessoa que eu encontrei para entrevistar era justamente meu avô Joaquim, pai do meu pai, sem eu saber que era ele, não é impressionante?

- Nossa que história! Eu fiquei sabendo que você havia encontrado seus avós, mas não imaginava que tivesse sido assim! – dona Ângela se demonstrou bastante surpresa com o encontro inesperado de Ana com seu avô e perguntou – E o que a bisavó Nena poderá te ajudar dessa vez?

- Pois é, conheci também minha avó Benedita, meus tios e vários primos. Estou muito feliz! – disse Ana com entusiasmo – Minha avó Benedita será festeira da Festa do Divino Espírito Santo na sede de Alcântara, neste ano, e eu quero muito ir ajudá-la, mas eu não sei muita coisa sobre esta festa, então pensei que bisavó Nena poderia me dizer o que eu preciso.

livro 4.indd 36 27/06/2014 15:01:46

Neste instante a própria bisavó Nena sai de casa, pela porta da frente, com seus passos lentos e firmes, dizendo enquanto caminhava:

- Ana minha querida neta, você sempre procurando algo para fazer! Não consegue mesmo ficar quieta, não é menina? – assim ela disse sorrindo e caminhando em direção a sua bisneta.

Ana correu para abraçar a bisavó enquanto dona Ângela foi buscar uma cadeira para as duas sentarem, ela imaginava que aquela conversa seria um pouco longa. Assim que Ana e a bisavó Nena acomodaram-se as perguntas da garota começaram e aquela senhora, que esbanjava sabedoria pelo olhar foi organizando a explicação de maneira que ficaria bem fácil para entender. A aula da bisavó Nena estava apenas começando.

- Vovó Nena, eu não quero atrapalhar, sei que já está quase na hora que a senhora gosta de se deitar e dormir, mas é que eu estou com um montão de dúvidas sobre a Festa do Divino Espírito Santo, principalmente depois que eu li algumas informações em um livro – Ana fala para sua bisavó cheia de expectativa que sairia dali sabendo tudo sobre a festa, assim ela continua – Eu não entendi nada, quem é esse tal de imperador, mordomo, corte, mastro, doce-de-espécie, procissão? Ah, e a alvorada das caixeiras?



Bisavó Nena ri da garota e fala.

- Ana, eu posso começar a explicar o que você quer saber, mas vou adiantando, você só vai conseguir entender depois que ver tudo acontecendo. Nada que eu te falar agora se compara ao vivido – bisavó Nena

livro 4.indd 37 27/06/2014 15:01:53

fala de maneira calma e com propriedade de quem tem muita experiência sobre a vida.

- Tudo bem vovó! Eu não vejo a hora de chegar o dia e eu participar da festa junto com a família do meu pai e com minha mãe – afirmou Ana com entusiasmo.

- As celebrações em homenagem ao Divino Espírito Santo acontecem em vários lugares do país e em cada lugar ocorre de maneira diferente, com elementos e características próprios, porém o Divino é o mesmo – bisavó Nena inicia sua explicação.

- Não sabia disso, então quer dizer que não acontece só em Alcântara? – a garota questiona.

- O Divino é celebrado em vários países, é uma manifestação religiosa muito popular. A sua base está na religião católica, sua tradição foi iniciada na Europa, mas no Maranhão ela adquiriu elementos culturais que são de influência escrava, ou afro-brasileira – completa bisavó Nena.

- Tá, mas o que é esse Divino Espírito Santo? – pergunta Ana.

- Minha pequena Ana, a festa do Divino é comemorada pela Igreja Católica no domingo de Pentecostes, ou seja, 50 dias após a Páscoa. Nesse dia celebramos a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos de Jesus, entidade que une Deus Pai e Deus Filho, e é representado por uma pomba e por línguas de fogo. Por isso, que a pomba e a cor vermelha são símbolos presentes na festa do Divino – bisavó Nena explica tudo para a neta com a maior paciência.

- Ah entendi! Por isso que se solta uma pomba na quinta-feira da ascensão e muitas roupas utilizadas pelos participantes da festa são na cor vermelha – Ana diz relacionando o que acabara de ouvir com o que lera no livro.

- Isso mesmo! É na quinta-feira da ascensão o dia que começa a festa. Pela manhã os mordomos se reúnem no Paço Imperial, que é a Casa do Divino, e depois vão à igreja para a missa solene, após essa missa acontece à passeata da ascensão que retorna e termina na Casa do Divino. Ah, a casa do Divino também é conhecida como Museu do Divino, lá fica a história e memória das festas que aconteceram nos anos anteriores. Você já foi lá? – pergunta bisavó Nena a Ana.



- Nunca entrei no Museu do Divino, apenas passei na porta uma vez e o primo Artur me disse o que era, mas nós não entramos – responde Ana um pouco pensativa.

Ana ficou pensando que se ela tivesse ido até lá, já saberia muitas coisas sobre a festa que homenageia o Divino Espírito Santo e assim ela continua seu questionário com a bisavó.

- Bisavó Nena, quem são os mordomos? – ela pergunta.

- Há dois tipos de mordomo na Festa. O mordomo-régio e o mordomo-baixo. Na hierarquia da Festa o mordomo-régio vem abaixo do imperador ou imperatriz e depois vem o mordomo-baixo. Para além da realeza, existem também os mordomos e imperador festeiros, adultos que financiam a festa, e o imperador e mordomos do trono, crianças e adolescentes que os representam com os trajes da realeza e que sentam na Tribuna.

- Então, meus avós devem ser um dos mordomos-baixos, porque eles são um dos responsáveis por organizar a festa – Ana comenta com satisfação e bisavó Nena continua:

- Todo ano são escolhidos por sorteio os membros que compõem o império, o imperador e a imperatriz. Geralmente, são da mesma família. É uma honra ser membro do império, muitas garotas sonham em ser escolhida a imperatriz do ano. Elas se preparam para não repetir as roupas durante a festa, cada dia é um vestido que representa as vestimentas utilizadas pelas rainhas e princesas no período imperial.

- E onde fica a sala do altar? – pergunta Ana

- A sala do altar é o local sagrado onde é montado o altar do Divino e o trono do império e dos mordomos. Cada mordomo-baixo escolhe a cor do seu altar. O altar também é montado na Casa do Divino e na casa do mordomo-régio onde só é retirado para a montagem do próximo altar no outro ano – Bisavó Nena responde demonstrando saber muito mesmo sobre a Festa do Divino de Alcântara.

- E como é esse altar? – questiona Ana cada vez mais empolgada com a explicação da bisavó.

- O altar é composto de uma capela e uma escadaria. A peça é toda acolchoada em espuma e seda. Dentro da capela ficam as imagens do Divino, representado pela pomba. O altar deve estar montado até a quarta-feira que antecede a quinta-feira da ascensão. Depois que o altar está todo montado, acendem-se velas que deverão permanecer acessas durante toda a festa. Quando os trabalhos são concluídos o festeiro toca foguetes anunciando a cidade de Alcântara que o seu altar em homenagem ao Divino está pronto.

- E as caixeiras, quem são elas? – Ana faz mais uma pergunta.

- As caixeiras são um dos elementos mais essenciais da Festa do Divino no Maranhão. São senhoras idosas com a função de tocar as chamadas caixas e entoar cânticos, repetidos de cor

livro 4.indd 39 27/06/2014 15:02:04

ou improvisados, em louvor ao Divino Espírito Santo, essa é uma das tradições mais bonitas da festa, a chamada alvorada das caixeiras, a qual se inicia por volta das quatro horas da manhã – bisavó Nena se mostra emocionada ao falar das caixeiras.

- Deve ser muito bonito mesmo – comenta Ana – Eu quero muito ver essa alvorada das caixeiras!

- As caixeiras costumam aprender os cânticos e tocar as caixas como forma de pagar promessa ao longo da vida, depois elas vinculam-se a um grupo de seis a dez ou mais pessoas, que anualmente toca em diversas casas, sob a liderança da caixeira régia, ajudada pela caixeira mor – bisavó Nena continua sua explicação sobre as caixeiras - Normalmente as caixeiras não recebem remuneração, mas são muito valorizadas. Elas recebem apenas alimento, algum dinheiro para transporte, vestimentas iguais em algumas festas e são agradadas com presentes e mantimentos. Além de tocar e cantar, elas dançam com as bandeireiras diante do trono e do mastro.

- Ah, eu vi uma imagem no livro que mostra o levantamento do mastro com vários homens. Como é isso bisavó Nena? – Ana continua suas perguntas e dona Nena prossegue a responder.



- São dois os mastros levantados. Na quarta-feira que antecede a quinta-feira da ascensão acontece o levantamento do mastro do imperador ao lado das ruínas da Igreja de São Matias. O mastro consiste num pau de 5 a 6 metros de comprimento retirado das matas de Alcântara e decorado com murta, frutas, bebidas e com o estandarte do Divino. O mordomo-régio levanta o seu mastro na sexta-feira, depois da ascensão.

- E os mestres-salas, qual é a função deles? – Ana continua seu questionário com bisavó Nena sobre a Festa do Divino.

livro 4.indd 40 27/06/2014 15:02:10

- Os mestres-salas são figuras representativas que detém a sabedoria da festa, eles atuam como orientadores do todo o ritual e das caixeiras. São eles que acompanham as caixeiras durante a alvorada em frente ao mastro e seguem a orquestra até a casa do Imperador. Todos assistem a uma missa, onde o imperador é coroado e uma pomba branca, símbolo da festa, é solta.

- Vó, qual parte da festa que a senhora gosta? – Ana quer saber.

- Além da alvorada das caixeiras eu gosto muito da prisão dos mordomos que acontece no dia da ascensão, pela tarde. Este é o momento em que o imperador ou a imperatriz ordena ao vassalo da espada a prisão de todos os mordomos. As caixeiras acompanham o vassalo que vai atrás de cada mordomo para efetuar as ordens imperiais. Somente com o pagamento de prendas feito pelos padrinhos dos mordomos, ao mestre sala do império, que os mordomos são liberados.

- E onde acontece a prisão dos mordomos?

- A cerimônia da prisão acontece em torno do mastro do Império, também nas ruínas da Igreja de São Matias – dona Nena responde a mais uma pergunta da bisneta.

- Agora eu prometo que é a última pergunta – Ana fala com o risinho no canto da boca demonstrando estar com vergonha por encher tanto a bisavó com seus questionamentos – E o doce-de-espécie, o que ele tem haver com a Festa do Divino?

- A distribuição para a comunidade do doce-de-espécie é um dos marcos da festa do Divino. O docinho feito de coco foi trazido pelos açorianos para a região de Alcântara e é bastante apreciado por todos que visitam a cidade. Você ainda não comeu? – pergunta dona Nena a bisneta.

- Ainda não, mas me disseram que é muito gostoso – responde Ana.

- Não deixe de comer na festa desse ano, você vai gostar muito, é uma delícia! – dona Nena incentiva Ana.

Nesse instante as perguntas de Ana encerraram. A garota estava encantada com tudo que acabara de ouvir sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara. Como era bom ter alguém com tanta sabedoria para nos explicar as coisas. Ana agradeceu muito a sua bisavó por ter tirado suas dúvidas, agora ela tinha mais certeza que queria participar da festa que aconteceria naquele ano. Após os agradecimentos Ana se despediu de dona Nena e dona Ângela, ela sabia que estava ficando tarde, além de deixar a bisavó descansar ela também tinha que voltar para casa, afinal sua mãe já devia estar a sua espera por um bom tempo.

livro 4.indd 41 27/06/2014 15:02:15

Festa do Divino Espírito Santo: uma referência cultural que une o Patrimônio imaterial e material

O patrimônio cultural possui, atualmente, uma concepção mais ampla, que não fica mais centrada apenas no valor concreto de determinados objetos e sim numa relação da sociedade com sua cultura, reforçando assim a ideia de indissociabilidade do patrimônio material e imaterial. O que isso significa? Que o patrimônio material e o patrimônio imaterial estão totalmente interligados um ao outro, ou seja, uma dá sentido ao outro.

Patrimônio material (construções, sítios históricos, objetos, obras de arte, paisagens) e patrimônio imaterial (expressões culturais, artísticas, saberes, fazeres, celebrações) não podem ser concebidos ou entendidos separadamente, uma vez que um se apoia no outro, um só existe em função do outro.

O patrimônio como um elemento palpável em sua *dimensão material*, seja um edifício ou um objeto que caracteriza a cidade, esteve representado estruturando-se em dois fatores: na associação do patrimônio com a ideia de herança, o que remete a algo concreto; e no fato de que as edificações, bens visíveis, revelam o valor da antiguidade, sendo assim mais facilmente associadas ao conceito de patrimônio. Contudo a representação material do patrimônio não vem sozinha, ela está intrinsicamente ligada a sua *referência imaterial*, através dos seus símbolos, significados e valores. São os conjuntos de práticas sociais que transformam os espaços repletos de significados, e que os tornam depositários de uma memória coletiva e/ou individual, tornando o patrimônio como algo relevante para as pessoas.



A Festa do Divino Espírito Santo, que é uma referência cultural da cidade de Alcântara, nos mostra isso. Nela há uma associação e forte ligação entre o patrimônio imaterial e o material, pois todo espaço urbano adquire novos sentidos, símbolos e valores durante a festa. As edificações, as ruas, a praça da ruína da Igreja de São Matias, o próprio Museu do Divino ou Casa do Divino adquirem valores históricos e culturais através da imaterialidade existente em torno da celebração da festa. Nesse sentido, poderíamos dizer que o patrimônio imaterial existente na festa "dá vida" ao patrimônio material da cidade, enquanto este guarda em sua estrutura física a memória daquele.

A Festa do Divino é apenas um exemplo para mostrar a diluição das diferenças entre o patrimônio material e o imaterial.

Dessa forma, considerando que o patrimônio cultural é indivisível e que este se apresenta fundamental para a constituição das memórias coletivas e das identidades, conclui-se que uma das melhores formas de se preservar um bem cultural alçado à categoria de patrimônio cultural é o considerando indissociável, utilizando articuladamente os instrumentos disponíveis para tal – tombamento e/ou registro – através de uma gestão inteligente que privilegie ações integradoras do patrimônio entre natureza, espaços construídos, sociedade e cultura.

Assim, percebe-se dentro do que é material e do que é imaterial, a necessidade de aproximarmos essas duas categorias, já que uma está internamente ligada a outra. Ambos necessitam do valor da expressão e da apropriação de todo ambiente e estrutura física/palpável, assim como da construção expressiva, artística, do modo de fazer, de dançar, de ouvir, de falar, de costurar, de fazer o doce-de-espécie, de entoar os cânticos e tocar as caixas com as caixeiras etc.

A ideia, portanto, é ir adiante, construindo e cultivando uma noção sempre mais abrangente, mais realista, menos exclusivista e excludente do que sejam as nossas heranças culturais. Desse modo, poderemos incluir em seu universo não apenas prédios, monumentos, marcos materiais, mas também as inumeráveis formas expressivas que a nossa gente vem gerando ao longo dos séculos - e prossegue produzindo rotineira e cotidianamente, nos dias de hoje.



EXERCÍCIOS CAPÍTULO III

Interpretando o texto

1- Ana e Artur gostaram muito da ida até o povoado de São João de Côrtes. Conte como foi esse passeio, por que eles gostaram tanto?
2- Ana estava muito curiosa para saber como era a Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara. Onde ela foi buscar as primeiras informações? Ela se deu por satisfeita com o que encontrou?
3- Quem Ana decidiu procurar para saber mais sobre a Festa do Divino? Por que você acha que ela foi atrás dessa pessoa e quais as principais dúvidas da garota?
4- Imagine se Ana te procurasse para saber sobre a Festa do Divino de Alcântara, o que você diria a ela? Conte algo que você acha que faltou para Ana saber.
5- Quais foram os personagens da Festa do Divino de Alcântara que a bisavó Nena explicou para Ana? Qual deles você mais gosta? Por quê?
6- Quem são as caixeiras? Você conhece alguma? Conte-nos quem ela é.
7- Ana ainda não conhece o doce-de-espécie. Explique para ela como é feito e diga quem faz o melhor doce-de-espécie de Alcântara.

Meu glossário

Agora faca seu próprio glossário. De as definições das palavras a seguir. Lembre-se de dar exemplos.

- Realeza
- Caixeiras
- Doce-de-espécie
- Alvorada
- Palpável
- Indivisível

Trabalhando o quadro explicativo

1- Explique o que você entendeu sobre a concepção mais ampla da noção de patrimônio cultural apresentada pelo quadro explicativo.
2- O que significa a ideia de indissociabilidade do patrimônio material e imaterial?
3- A Festa do Divino Espírito Santo é um dos exemplos de como o patrimônio imaterial e material estão ligados. Como você explicaria isso? Escolha um dos bens culturais materiais existentes na Festa do Divino e mostre o que faz dele importante para a celebração e realização da festa.
4- Imagine que a Festa do Divino Espírito Santo do município de Alcântara mudasse de lugar, não fosse feita mais na sede e sim em algum povoado. O que mudaria? A festa teria os mesmos sentidos? Explique.

CAPÍTULO IV

Pesquisando e documentando o patrimônio cultural

Assim que Ana encontrou com Artur e José ela contou tudo que aprendeu com a bisavó Nena sobre a Festa do Divino Espírito Santo. Os dois já haviam participado da festa em alguns anos anteriores, mas até eles também estavam mais animados de participar naquele ano por causa de Ana, a animação da amiga havia contagiado os dois.

Ana conseguiu convencer sua mãe de deixá-la ir para São João de Côrtes no final do mês de março para ajudar com os preparativos da Festa do Divino que eram de responsabilidade dos seus avós. Enquanto isso sua vida seguiu normalmente em Tapuitapera, a única coisa que aconteceu de diferente foi à ida de Carlos e Júlia até a escola de Ana para apresentar o projeto do inventário cultural para a professora Sandra.

Carlos e Júlia chegaram a Tapuitapera quase de noite, teriam que esperar até o outro dia para conversarem com Sandra na escola. Eles combinaram que Carlos passaria a noite na casa de Artur e Júlia na casa de Ana. Dessa vez, a arqueóloga desistiu de montar sua barraca, além da viagem ser rápida, ainda estava chovendo bastante na região e ela não queria correr o risco de ter que levantar no meio da noite correndo para salvar sua bagagem da chuva.

Ana estava muito contente, pois Júlia, dessa vez dormiria em sua casa, e não na barraca. Após o jantar as duas foram para o quarto e ficaram conversando até tarde. Ana contou tudo sobre seus avós paternos, em como foi bom ir até a casa deles para apresentar sua mãe, disse que estava contando os dias para ir até lá novamente, descreveu tudo que aprendeu com a bisavó Nena sobre a Festa do Divino, era tanta coisa pra falar que uma noite inteira parecia pouco.

Júlia escutava com atenção tudo o que Ana dizia, ela também adorava as histórias e a alegria daquela garota. Depois explicou como funcionaria o trabalho de escola que daria origem ao futuro "inventário do patrimônio cultural" de Alcântara. A Superintendência do Iphan no Maranhão estava dando total apoio a este projeto. Júlia explicou que é de extrema importância a participação da comunidade em qualquer trabalho realizado pelo Iphan, pois não há nenhum sentido preservar algo que não possui relevância para quem vivência os bens culturais todos os dias.

Júlia levantou bem cedo, ela queria dar uma olhada e fotografar algumas coisas em Tapuitapera, aproveitar o tempo para realizar uma vistoria na região. Arqueólogo era assim, aproveitava cada oportunidade para encontrar algo ainda não descoberto. Ana ficou em casa fazendo o dever da escola, eram muitos exercícios de língua portuguesa e geografia.

livro 4.indd 45 27/06/2014 15:02:24



Maria foi cuidar da casa, das criações e preparar o almoço no horário correto, para não correr o risco de Júlia e Ana saírem atrasadas para a escola. A mãe de Ana gostava cada vez mais da vida em sua nova casa.

Carlos, Artur e José chegaram à casa de Ana logo após o almoço, ela e Júlia terminaram de se arrumar e foram todos juntos até a escola. Os três amigos apresentaram a professora Sandra para os dois técnicos do Iphan. Carlos transpirava o tempo todo e pensava "Como era quente aquele lugar". A professora deixou a turma fazendo uma atividade de história, enquanto foi conversar com Carlos e Júlia na sala dos professores sobre o projeto do inventário.

Ana ficou imaginando junto com Artur e José em como os três iriam participar deste trabalho, afinal a ideia inicial surgiu deles. Enquanto não sabiam as respostas, eles continuaram fazendo a atividade deixada pela professora. Ana viajava em seus pensamentos, quanta coisa havia mudado em sua vida até aquele momento e o quanto ela tinha apren-

livro 4.indd 46 27/06/2014 15:02:31

dido nesses últimos anos. A garota estava tão distraída que nem percebeu quando a professora Sandra entrou na sala de aula com Carlos e Júlia apresentando-os para a turma, não havia problema em ter perdido a apresentação, Ana conhecia muito bem os dois que estavam ali.

Após as apresentações Carlos e Júlia foram falar do projeto que eles realizariam junto com a escola. A turma de Ana já sabia os principais temas, assuntos e conceitos que estão relacionados à preservação do patrimônio cultural, devido o fato de todos os alunos viverem em um município com grande número de bens tombados, considerada uma cidade-monumento, e a professora Sandra, desde o ano anterior, fez várias atividades com a turma sobre o patrimônio cultural de Alcântara. Dessa forma, a explicação da pesquisa para o inventário seria mais fácil para aqueles jovens.

Carlos esclareceu de maneira bem objetiva o que era o "Inventário do Patrimônio Cultural", ele disse que o inventário é uma forma de pesquisar, coletar e organizar informações sobre algo que se quer conhecer melhor, no caso deles o patrimônio cultural de Alcântara. Os alunos, divididos em grupos, teriam que identificar as referências culturais que formam o patrimônio cultural do local.

Júlia disse que com o resultado desse trabalho o Iphan teria um quadro de possibilidades de bens culturais que poderão receber futuras ações de preservação e salvaguarda. Ela explicou também que cada grupo ficaria com a identificação de uma das categorias de bens culturais propostas no inventário, dentre as quais são: celebrações, saberes, formas de expressão e lugares. Assim seriam cinco grupos com seis alunos em cada.

Ana, Artur e José sentiram-se aliviados ao escutarem isso, pois poderiam fazer o trabalho juntos como eles haviam pensando desde o início. No mesmo instante surgem duas dúvidas: qual categoria eles iam escolher e quem seriam os outros três membros do grupo. Antes de encontrar solução para essas dúvidas, todos continuaram prestando atenção em Júlia que começou a explicar e a desenhar no quadro o que são as categorias que eles iriam trabalhar:

- Alguém sabe o que são essas categorias? – Júlia perguntou a turma.

Artur levantou a mão e respondeu:

- Acho que são formas de classificação do patrimônio cultural.

- Isso mesmo Artur! – confirmou Júlia e acrescentou – Cada grupo vai observar como as pessoas vivem, quais são seus bens culturais, identificar e escolher por meio de qual

livro 4.indd 47 27/06/2014 15:02:36

categoria o bem é mais bem definido, onde ele se encaixa melhor. Por exemplo, o modo de fazer a farinha envolve vários conhecimentos tradicionais que foram transmitidos de geração a geração, portanto vai se encaixar na categoria dos saberes. O grupo que ficar com esta categoria irá tentar identificar os saberes que existem na localidade que iremos definir.

- Podemos escolher agora qual categoria iremos ficar? – Ana perguntou com sua pressa de sempre.

- Primeiro vocês devem escolher seus grupos, depois faremos um sorteio para ver com qual categoria cada grupo ficará – respondeu a professora Sandra.

A partir desse momento iniciou-se uma movimentação na turma para dividir os grupos. José correu e convidou Carla para entrar no grupo deles e Artur chamou dois colegas que haviam entrado na turma neste ano e ainda não conheciam quase ninguém, o nome deles é Guilherme e Jéssica. Ana nem teve tempo de dar palpites, ela não se importou com as escolhas de Artur, mas ficou sem entender a rapidez de José ao convidar a colega Carla. "Nossa quanta empolgação! Pra quê isso tudo?" ela pensou.

Naquele mesmo instante os outros quatro grupos terminaram de se formar, a professora Sandra anotou o nome de cada membro e seus respectivos grupos, enquanto Carlos e Júlia preparavam para fazer o sorteio. O grupo de Ana foi o quarto a ser sorteado e eles ficaram com a categoria de lugares. Não poderia ter sido melhor, porque daria para eles realizarem justamente o que queriam no início, identificar o patrimônio cultural e mostrar também os danos e a situação atual de cada um dos bens culturais identificados.

Carlos e Júlia ainda esclareceram que o trabalho se dividiria em três etapas: a pesquisa, a documentação e organização da documentação. A etapa da pesquisa consiste nas atividades de campo, nas entrevistas com as pessoas. A documentação ocorre por meio de anotações, filmagens, desenhos e fotografias. Para realizar estas duas etapas é necessário que os grupos organizem a função de cada membro antes de sair a campo para pesquisar, combine como serão divididas as atividades, as responsabilidades individuais e coletivas.

Segundo os técnicos do Iphan, para recolher as informações no campo será necessário à utilização das fichas do inventário que serão disponibilizadas por eles, um roteiro de entrevista e um caderno para anotações. As informações coletadas serão analisadas e organizadas pelos alunos com a ajuda da professora e assim serão produzidas as fichas bem completas sobre o assunto. A união de todas as fichas irá compor o "Inventário Cultural de Alcântara".

A localidade definida foi à sede de Alcântara e o povoado onde cada membro do grupo

livro 4.indd 48 27/06/2014 15:02:41

mora. O Iphan disponibilizará uma máquina fotográfica e um gravador para cada grupo e um micro-ônibus para levar os alunos até a sede. Foram marcadas cinco idas até lá para ser realizada a pesquisa de campo. O grupo de Ana, além de identificar os lugares que se configuram como referência cultural para a sede de Alcântara, será necessário identificar também os de Tapuitapera, já que é o povoado que ela, Artur e José vivem, e de Itamatatiua, povoado em que Carla, Guilherme e Jéssica moram.

Todos ficaram muito animados com o projeto apresentado por Carlos e Júlia, seria algo diferente de fazer. Para completar, o trabalho final seria avaliado pela professora Sandra valendo nota para o último bimestre do ano escolar. Logo que terminaram a explicação, a professora deu um tempo para cada grupo organizar as atividades de cada membro.

O grupo de Ana se reuniu no canto da sala de aula e começaram a dividir as tarefas. Ana começou falando:

- Acho que durante a pesquisa de campo na sede, enquanto dois de nós ficam responsáveis em realizar as entrevistas, outros dois ficam com o gravador e mais dois com as fotografias. O que acham?

- Boa ideia! – responde Artur.

- Eu também concordo! – diz José com muita animação – Eu e Carla podemos ficar com as fotografias.

- Não acho uma boa ideia! – Ana discordou fazendo cara feia para o amigo.

- Ê- hein, mas por quê? – questiona José.

- Você nem sabe mexer em uma máquina de tirar fotos – Ana responde com frieza na voz.

Neste momento os outros membros do grupo sentiram que a conversa estava esquentando.

- E por acaso você sabe? Ah deve saber não é? Você sabe tudo, é a mais esperta daqui. Quer mandar em tudo – José se levanta ao falar quase gritando com Ana.

- Você que quer mandar em tudo José. Já foi decidindo que você e essa garota iriam tirar as fotografias. – as palavras de Ana saíram bem alto dessa vez ao mesmo tempo em que ela apontava para Carla.

Todos da turma já estavam ouvindo e dando atenção à briga dos dois. José ainda retrucou Ana.

- Essa garota tem nome, é Carla! E você, Ana, é muito maluca! Cansei de você!

livro 4.indd 49 27/06/2014 15:02:47

- Eu que cansei de você José! Não quero olhar na sua cara nunca mais! Eu estou fora do grupo. Tchau para vocês – Ana se levantou com os olhos cobertos de água, recolheu seu material e saiu da sala.

Artur não acreditava no que acabara de ver. Os dois brigaram de novo, e por nada, como aquilo tinha começado?, por que os dois brigavam tanto?, ele se perguntava. A turma ficou em silêncio por um bom tempo. A professora Sandra entrou na sala e queria saber o que aconteceu, pois escutou os gritos do lado de fora, enquanto ela acompanhava Carlos e Júlia que foram embora, e viu Ana chorando saindo correndo da escola.

A aula terminou. Quando Artur entrou no transporte escolar, Ana estava nos bancos do fundo de cabeça baixa e chorando, ele tentou conversar com ela, mas a prima não quis falar nada. José ficou sentando no banco da frente calado, sem conversar com nenhum outro colega. Como os dois são complicados pensava Artur, mas ele já imaginava o que levou Ana a ter aquele ataque com o José, puro ciúme. Somente os dois não sabiam.



livro 4.indd 50 27/06/2014 15:02:54

Ana entrou em casa e foi direto para o quarto, não quis conversar com a mãe e nem comer nada, do mesmo jeito fez José. Maria achou muito estranho, todos os dias a filha gostava de ficar na frente da TV após a escola, deitada na rede. Naquele dia a rede ficou vazia. Maria saiu para procurar Artur, ele devia saber o que aconteceu.

José se recusou a lanchar, o que para sua mãe era muito estranho. Aquele garoto sem vontade de comer, algo estava errado. Será que ele estava doente de novo. O garoto ficou deitado na cama com cara de tristeza e não respondeu nada que a mãe perguntou. A preocupação tomou conta dos pensamentos da mãe de José que saiu a procura de Artur para saber o que aconteceu.

Maria e a mãe de José chegaram juntas na casa de Artur. Quando o garoto contou o que tinha ocorrido as duas se tranquilizavam, pois também entendiam muito bem a razão daquela tristeza toda, apenas José e Ana ainda não compreendiam o que existia entre eles. Ana ficou no quarto até cair à noite, para aliviar resolveu desabafar com as páginas do seu diário.



livro 4.indd 51 27/06/2014 15:03:02

Alcântara, 14 de março.

Oi Diarinho,

Hoje eu não estou muito bem. Aliás, estou muito triste e com muita raiva. Achei que a minha vida aqui em Tapuitapera estava ótima, mas hoje acabei de perder meu melhor amigo. Eu e José brigamos na escola, mas é tudo culpa dele. Ele gritou comigo e me disse que eu sou muito mandona e ainda me chamou de maluca, na frente de todos da nossa turma na escola. Tudo porque eu só falei que não achava uma boa ideia ele e a Carla ficarem com a máquina fotográfica e tirar as fotos do nosso trabalho de escola.

Por que o José preferiu tirar as fotos junto com a Carla? Ele vive falando dessa garota e chamou-a para entrar no nosso grupo com a maior empolgação. Acho que ele está preferindo mais a amizade dela a minha. Eu não vou procurar ele para conversar. Acho que a nossa amizade acabou de vez. Agora, eu nem sei mais como vai ficar o nosso grupo de trabalho do inventário do patrimônio cultural de Alcântara. Só sei que se o José continuar no grupo, eu vou para outro. Eu estou muito decepcionada com ele.

Ainda bem que na próxima semana eu vou para a casa dos meus avós em São João de Côrtes. Vai ser muito bom! Eles já começaram os preparativos para os festejos ao Divino Espírito Santo e eu não vejo a hora de ir até lá ajudar. Ainda mais agora, depois de tudo que eu pesquisei e aprendi com a bisavó Nena sobre a festa de Alcântara. Estou muito ansiosa para ver tudo acontecendo e também para participar junto com meus avós.

Conversei com a professora Sandra sobre a festa do Divino em Alcântara. Ela me disse que, realmente, esta é uma manifestação cultural que acontece em várias cidades brasileiras, mas que no estado do Maranhão existem dois elementos que fazem a festa ser diferente dos outros lugares do país. Uma dessas diferenças é a forte presença das mulheres na festa com as caixeiras que cantam e tocam as caixas do Divino a outra diferença é a mistura de



livro 4.indd 52 27/06/2014 15:03:12

elementos religiosos do catolicismo e do tambor de mina. Achei isso interessante e minha curiosidade de participar dessa festa está enorme. Acho que agora eu estou percebendo e sentindo a força de uma referência cultural.

Quero tirar muitas fotografias durante a Festa do Divino, vou usar a máquina fotográfica do trabalho de escola que faremos em parceria com o Iphan. Além de fotografar, também vou filmar alguns momentos da festa. Como meu grupo ficou com a identificação dos espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas em Alcântara, os "Lugares", eu vou aproveitar a Festa do Divino para identificar os locais da cidade que são importantes para a realização desta manifestação.

Mas agora eu não sei se ficarei nesse grupo. Acho que dessa vez minha amizade com José acabou de vez. É só lembrar que fico triste de novo. Por que o José me tratou assim? Será que eu fui mesmo muito chata? Por que ele ficou contra mim e defendeu aquela garota que nem é amiga dele? Só sei que gosto tanto do José, por que a gente briga tanto então?

Minha mãe está me chamando, deve ser para jantar. Não estou com fome, mas vou até a cozinha para que ela não fique preocupada.

Tchauzinho!

Ana

livro 4.indd 53 27/06/2014 15:03:22

Preservando o Patrimônio Imaterial e o Inventário Nacional de Referências Culturais - INRC

O "olhar" das políticas de preservação voltou-se para o patrimônio imaterial a partir da ampliação da noção de patrimônio que ocorreu no final da década de 1970 e começo de 1980 iniciando assim as primeiras iniciativas para a proteção do que é reconhecido como patrimônio imaterial. Percebeu-se a necessidade de criar instrumentos de identificação, proteção e gestão que fossem inseridos as ações cotidianas de preservação arquitetônica e urbanística. Com isso, entre 1998 a 2000 foi criado pelo Iphan o INRC (Inventário Nacional de Referências Culturais).

O INRC é um instrumento de proteção que teoricamente, é uma metodologia de pesquisa que visa à preservação de bens culturais através da identificação de referências culturais para determinado grupo social ou comunidade. Basicamente o que o inventário de Carlos e Júlia se propõe a fazer, de maneira um pouco mais simplificada, junto com a turma de escola de Ana, Artur e José.

Nesse sentido os bens culturais são entendidos como os diversos domínios da vida social (festas, saberes, modos de fazer, lugares e formas de expressão) aos quais são atribuídos sentidos e valores de importância diferenciada e que, por isso, constituem marcos de identidade e memória para determinado grupo social.



Dessa forma, compreendemos que a própria noção de "referência cultural" utilizada pelo manual de aplicação do INRC, pressupõe a produção de informações, ou seja, considera-se que ao desenvolver a pesquisa que visa o preenchimento das fichas que compõem o inventário, o intuito seria a produção de conhecimento sobre determinados bens culturais.

O INRC, na prática, vem sendo utilizado como mais um dos instrumentos de identificação de bens culturais, implantados pelo Iphan. A sua criação não objetivou registrar apenas os bens culturais do patrimônio imaterial. Suas fichas reúnem informações que explicitam a inter-relação existente entre os bens materiais e imateriais, pois além de contemplar as categorias estabelecidas no Registro, abrange também, edificações associadas a certos usos, a significações históricas e a imagens urbanas, independentemente de sua qualidade arquitetônica ou artística.

Foram concluídos pelos Iphan vários INRCs, nos quais alguns desses serviram de subsídio teórico para justificar determinados pedidos de Registro como Patrimônio Cultural do Brasil, como exemplo: o INRC do Círio de Nazaré (PA), da Feira de Caruaru (PE), da Viola de Cocho (MT), da festa do Divino de Pirenópolis (GO), das Matrizes do Samba Carioca (RJ), do Ofício das Paneleiras de Goiabeiras (ES), do Tambor de Crioula (MA), do Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão (MA), etc.

O INRC trabalha com categorias organizadoras que se aproximam das categorias e/ou dos Livros de Registro do patrimônio imaterial estabelecidos pelo

Decreto 3551/2000. Essas categorias são:

Celebrações: rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social;

Ofícios e Modos de fazer: conhecimentos e modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades;

Formas de expressão: manifestações literárias, musicais, plásticas, cênicas e lúdicas;

Edificações: edifícios que independentemente, do seu valor arquitetônico ou estético são marcos referenciais de uma localidade e;

Lugares: mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas.

Em 2009, a Superintendência do Iphan no Maranhão acompanhou a produção do INRC do município de Alcântara. Este INRC foi realizado na sede e em seis povoados que integram território remanescente quilombola: Cajual, Samucangaua, Brito, Mamuna, São João de Côrtes e Itamatatiua.

Dentre as celebrações do calendário religioso das localidades escolhidas, elegeram-se para inventariar: as festas do Divino Espírito Santo e de São Benedito, na sede de Alcântara; as festas de Santa Maria e de São Benedito, em Samucangaua; as festas de Santa Tereza de Ávila, em Itamatatiua, e a de São Benedito, em Cajual.

As formas de expressão inventariadas foram: em Itamatatiua, Cajual e na sede de Alcântara, o cântico das caixeiras e das meninas que as acompanham – as chamadas bandeirinhas, além do tambor de mina na Ilha do Cajual.

Os lugares inventariados foram: O Igarapé do Encantado, a Pedra de Itacolomy, a Pedra Santa e os paredões de Camarajó, em Mamuna, além do Poço do Chora, em Itamatatiua.

Os ofícios e modos de fazer inventariados foram alguns relacionados à festa do Divino, na sede de Alcântara, em Mamuna a produção do azeite de mamona, as rezas para espantar pragas da lavoura e o artesanato em buriti e anajá, além da cerâmica de Itamatatiua, a carpintaria naval em Brito e São João de Cortes, a extração e manejo da ostra em Samucangaua e a tecelagem de redes de dormir em Brito.



livro 1.indd 55 27/06/2014 15:03:35

EXERCÍCIOS CAPÍTULO IV

Interpretando o texto

1. Relate como foi à visita de Júlia e Carlos em Tapuitapera.
2. Explique qual o principal motivo para a ida dos dois técnicos do Iphan até a escola de Ana, Artur e José.
3. Júlia e Carlos escolheram a turma da professora Sandra para realizar o "inventário cultural de Alcântara", por que esta turma estava mais preparada? O que pode facilitar o trabalho com esta turma?
4. Explique, com suas palavras, o que você entendeu sobre o inventário? O que ele é e como ele será realizado pela turma de escola de Ana, Carlos e José? Quais são as etapas e como o Iphan irá contribuir?
5. Com qual categoria o grupo de Ana ficou? Você que também conhece as localidades onde este grupo irá pesquisar poderia ajuda-los. Aponte alguns bens culturais que podem ser identificados pelo grupo de Ana.
6. Ana e José brigaram novamente, por que você acha que eles brigam tanto? Qual foi o motivo desse vez?

Meu glossário

Agora faca seu próprio glossário. De as definições das palavras a seguir. Lembre-se de dar exemplos.

- Maneira objetiva
- Categorias do patrimônio imaterial
- Transmitidos
- Localidades
- Abrange

Trabalhando o quadro explicativo

1. Explique o que é o INRC e como ele pode proteger o patrimônio cultural imaterial.
2. Mostre o que a noção de "referência cultural" utilizada pelo manual de aplicação do INRC pressupõe.
3. Como o INRC trata a inter-relação entre o patrimônio imaterial e o material?
4. Escolha alguns bens culturais que existem em Alcântara e encaixe-os em cada uma das categorias do INRC.

livro 4.indd 56 27/06/2014 15:03:37

UNIDADE 3

APROXIMANDO A COMUNIDADE

CAPÍTULO V

O que é para você patrimônio cultural?

Após a briga de José e Ana, Artur conseguiu convencer os dois de que ambos continuassem no mesmo grupo do trabalho da escola. Artur argumentou com os amigos que a ideia inicial de tudo surgiu dos três e que ele não queria fazer o trabalho se não fosse com eles. Ana e José concordaram com Artur, mas não conversavam um com o outro. Ana e Jéssica ficaram responsáveis pelas entrevistas, Carla e José com as fotografias e Artur e Guilherme iriam transcrever as entrevistas e preencher as fichas. Essa divisão de atividades foi organizada para as visitas a sede de Alcântara, porém quando a pesquisa for realizada em Itamatatiua, Guilherme, Jéssica e Carla realizariam tudo sozinhos, da mesma forma em Tapuitapera, onde Ana, Artur e José se responsabilizariam em desenvolver a pesquisa no povoado que eles conheciam muito bem.

A professora Sandra continuou normalmente as atividades previstas no planejamento anual, mas separou cinquenta minutos do tempo da aula para trabalhar com a turma o projeto do inventário do patrimônio cultural de Alcântara. Ela explicava como deveriam ser realizadas as entrevistas, mostrava várias perguntas que poderiam ser feitas aos entrevistados, como os alunos poderiam conduzir essas perguntas. Revisou com os alunos alguns conceitos importantes e essenciais para que o trabalho seja realizado e também um pouco da história de Alcântara voltando-se para as características geográficas da região e a preservação do meio ambiente. O objetivo da professora era sensibilizá-los a partir de sua realidade local, discutindo-se temas como cultura, identidade, memória, patrimônio cultural, preservação e, sobretudo, a importância de tudo isso para a história, a realidade e a identidade dos alunos.

Sandra e Carlos planejaram que as visitas com a turma na sede de Alcântara se iniciassem a partir do mês de junho, pois sabiam que em maio a cidade se envolve bastante com a Festa do Divino, tanto os moradores, quanto várias pessoas que vem de outros lugares,

livro 4.indd 57 27/06/2014 15:03:40

por isso seria difícil alguém parar para conversar ou conceder entrevistas aos alunos durante esta época. Enquanto isso, o técnico do Iphan e a professora trabalharam a parte teórica do projeto com a turma.

Ana estava em Prainha aguardando o barco que a levaria até São João de Côrtes, havia chegado o dia de ir até a casa dos avós para ajudá-los com os preparativos dos festejos ao Divino. Quando subiu no barco, a garota seguiu a viagem sozinha. Sua mãe havia acompanhado a filha até aquele ponto, mas por confiar que o trajeto dali para frente é mais tranquilo e seguro permitiu que Ana seguisse sem ela.

Assim que o barco foi chegando à praia de São João de Côrtes, Ana avistou seu avô Joaquim parado embaixo de uma árvore à espera da neta. "Como papai era parecido com meu avô", Ana pensava. Por que será que papai resolveu ir embora daquele lugar tão lindo e tranquilo? Deixou a família para trás, sua vida, parentes, amigos para procurar novas oportunidades em uma cidade maior. Como ele tinha sido corajoso. Ana se envolvia com seus pensamentos e tinha a certeza que se orgulhava muito do seu pai. Além de sentir a falta dele, ela sabia que o fato de gostar tanto de ficar em São João de Côrtes com seus avós era uma maneira de ficar mais próxima do seu amado pai, mas um dia ela ainda iria perguntar para os avós o motivo que fez seu pai se mudar para São Luís e depois para São Paulo.

No caminho até a casa dos avós, Ana e o senhor Joaquim foram conversando sem parar. A garota encheu a cabeça do seu avô de perguntas sobre a Festa do Divino. Queria saber por que eles eram os festeiros daquele ano, qual era a responsabilidade deles com a festa, se eles já foram festeiros antes ou era a primeira vez e assim não paravam as perguntas.

O senhor Joaquim, com muita paciência, foi explicando algumas coisas para a neta. Ele disse que a seleção dos doze festeiros é feita por uma comissão organizadora que é muito criteriosa e que aquele ano era a terceira vez que a sua família se envolvia com a organização da maior festa da região. Senhor Joaquim esclareceu que eles não eram uma família de grandes posses, ou seja, com muito dinheiro, mas que foram escolhidos por ser uma família com tradição no município de Alcântara, uma família que possui importância para a história do lugar, por ser uma das pioneiras.

O avô de Ana contou que para arrecadar os recursos de organização da festa, fazia-se antecipadamente a *Folia do Divino*, quando grupos de cantadores visitavam as casas dos fiéis para pedir donativos e todo tipo de auxílio. Esta folia leva a Bandeira do Divino,

livro 4.indd 58 27/06/2014 15:03:45

ilustrada com a Pomba que simboliza o Espírito Santo, a qual é recebida com grande devoção em todas as casas por onde passa. As Folias do Divino percorrem várias regiões do município de Alcântara, se estendendo por semanas ou meses inteiros.

Tudo isso comprova que a Festa do Divino de Alcântara necessita de vários investimentos, esse é o papel dos festeiros, contribuir financeiramente para a realização da festa. Cada família de festeiros fica responsável pela organização de algum elemento da festa. É uma maneira de ajudar para que a festa aconteça, pois o custo é bem alto. Várias famílias fazem questão de serem escolhidos os festeiros do ano, pois, segundo o senhor Joaquim dá prestígio aos festeiros diante da sociedade local, o que pode se refletir, inclusive, em tratamento cerimonioso por parte dos moradores de Alcântara, uma demonstração de respeito adquirido com a escolha. Assim, ele foi esclarecendo para a neta:

- Como nós não temos muito dinheiro, fomos atrás de pessoas que pudessem ajudar financeiramente, enquanto nós entramos com o trabalho – senhor Joaquim revela para a neta.

- Nossa, eu não imaginava! Então é isso que o festeiro faz? – Ana pergunta.

- Sim. Esse ano, conseguimos o patrocínio de duas lojas de tecidos para sua avó costurar o revestimento do altar, que será todo dourado e vermelho. Muitas lojas ou empresas ajudam também disponibilizando doações para a Festa do Divino – senhor Joaquim vai contando para a neta enquanto eles caminham pelas ruas de São João de Côrtes.

- Vovô, então cada família de festeiro organiza e vai atrás de algo para a festa? E todo ano dá certo? Não fica faltando nada?

- Todo ano a Festa do Divino é realizada com muito sucesso, mas devido o aumento da quantidade de pessoas que participam da festa, é necessária uma estrutura muito cara para que tudo aconteça como deve, sendo importante o apoio do poder público – senhor Joaquim explica.

O número de pessoas que acorre à festa é cada vez maior e a cidade não consegue absorver todos os visitantes como deveria, pois não há estrutura suficiente para isso. Os elementos tradicionais que compõem a Festa do Divino exigem altos gastos, os quais a maior parte fica a cargo da própria população e dos organizadores da festa. Já para a parte de infraestrutura e equipamentos urbanos, existe a dificuldade de conseguir recursos e resolver essas necessidades que são essenciais para que a Festa ocorra com segurança e conforme planejada. Todo apoio é importante para que esta importante manifestação

livro 4.indd 59 27/06/2014 15:03:49

tenha sucesso a cada ano, seja vislumbrada por cada vez mais pessoas e continue a fazer parte da história de Alcântara e do patrimônio cultural do nosso país.

Ana aprendia cada vez mais sobre a Festa do Divino de Alcântara, e estava bastante ansiosa para ver tudo acontecendo. Sua avó Benedita esperava a neta na porta de casa. As duas se abraçaram assim que se encontraram e Ana tinha cada vez mais certeza que foi maravilhosa a sua dedicação para resolver o mistério em torno do relógio do seu pai, sem isso ela jamais teria encontrado os seus avós paternos. Estava sendo ótimo, tanto para ela quanto para os avós, aquela aproximação entre eles. E os pensamentos de Ana, enquanto ela abraçava a avó, eram de que seu pai estaria muito feliz se soubesse que nós estamos todos juntos aqui e como ela e os avós estavam dando certo.

Ana ficaria em São João de Côrtes por cinco dias. Isso ficou combinado com a sua mãe. Maria achou melhor deixar a filha ir, pois desde que a garota brigou com José, ela vivia com cara triste pelos cantos da casa. Maria sabia também o quanto Ana estava animada com a Festa do Divino, e isso é muito bom para que ela se aproxime cada vez mais dos costumes e tradições locais. Na casa dos avós Ana poderia se sentir parte da festa, pois ficaria aquele sentimento por ter ajudado e também por ser uma das responsáveis pelo sucesso das celebrações daquele ano.

No decorrer da semana, Ana ficou impressionada com o envolvimento das pessoas com a Festa do Divino, a cada instante chegava alguém do povoado e de povoados vizinhos com alguma contribuição e para ajudar em algo. Como os avós de Ana eram os mordomos baixos festeiros, eles estavam fazendo os enfeites de decoração da cidade, algumas roupas, costurando os tecidos para os altares. Seu avô, junto com o Mestre Zezão e Mestre Antônio, acompanhavam a montagem das estruturas de madeira para a sala do altar do Divino que seria toda vermelha com dourado e verde.

Dona Benedita explicou a neta que o altar deve está montado até a quarta-feira que antecede a quinta-feira da Ascensão.

Ana estava muito feliz por presenciar toda preparação para a Festa do Divino. Ficar na casa dos avós e ver tudo acontecendo, o envolvimento das pessoas, do restante da família, a alegria e satisfação que cada um tinha em trabalhar para homenagear o Divino Espírito Santo lhe fazia sentir e entender quando algo é patrimônio cultural de um lugar. E esta festa, é com toda certeza uma das referências culturais mais significativas do município de Alcântara. Como aquelas pessoas se envolviam tanto

livro 4.indd 60 27/06/2014 15:03:54

com a preparação de uma celebração sem pensar em receber algo em troca? - Ana se perguntava.

Dona Benedita pediu para Ana avisar os seus primos, Pedro, Janaína e Victor, que no outro dia os três, junto com Ana, iriam pintar as caixas do Divino, instrumentos utilizados pelas caixeiras durante a Festa. Ana foi até a casa dos tios, chamou os primos e eles combinaram que pintariam as caixas logo pela manhã na casa da vó Benedita.

Depois ela foi até o mercadinho do Pedro para buscar as tintas e mais alguns tecidos que os avós haviam encomendado e estavam esperando chegar. No caminho ela resolveu parar no telefone público, realizar uma ligação para Tapuitapera para conversar com a mãe, contar tudo o que estava acontecendo na casa dos avós. A ligação estava ruim, por isso Ana falou rápido com a mãe, não teve como contar as novidades.

No dia seguinte, os primos de Ana chegaram à casa dos seus avós logo no início da manhã, ela ainda estava dormindo quando escutou a voz dos três. Ana se levantou rapidamente, trocou a roupa e foi ao encontro dos primos que estavam na cozinha comendo café da manhã preparado pela vó Benedita. Ana se juntou a eles, as conversas e brincadeiras se iniciaram ali mesmo enquanto todos aproveitavam os biscoitos e bolos que a avó havia colocado sobre a mesa.

Assim que os quatro primos terminaram a refeição, eles foram se organizar para começar a pintar as caixas do Divino. Os quatro estavam bastante animados. Ana buscou as tintas e pincéis; eles decidiram se sentar embaixo da árvore, na porta da casa e realizar o trabalho ali mesmo. Eles riam de tudo que ouviam um do outro. Para pintar as caixas, os quatro primos cobriram o chão com jornais velhos, colocaram todas as caixas que deveriam ser pintadas ao lado, eram mais de vinte caixas. Com certeza a turma teria muito trabalho naquele dia.

As tintas para pintar as caixas eram de três cores, verde, vermelho e branco. No centro de cada caixa os primos pintaram de branco, acompanhando o desenho de uma pomba do Divino, e em volta ou pintaram tudo de verde, que são as caixas dos mordomos-régios, ou vermelho, que são as caixas do Império. Cada um tinha um pincel nas mãos. Ana estava achando ótimo pintar as caixas junto com os primos para as caixeiras tocarem na Festa do Divino. Aquelas caixas ficariam lindas. Como as caixeiras são, em sua grande maioria, idosas é de extrema importância que os mais jovens conheçam melhor a realidade delas e a bela tradição que essas senhoras mantêm.

livro 4.indd 61 27/06/2014 15:03:59



Enquanto os primos continuaram o trabalho de pintar as caixas, dona Jacira foi se aproximando lentamente e ficou observando o grupo de adolescentes. Dona Jacira tem 83 anos, é uma senhora bastante conhecida no povoado de São João de Côrtes, em outros povoados e na sede de Alcântara. Sua fama se deve ao toque das caixas. Desde menina, Jacira acompanhava a avó nas procissões e apresentações das caixeiras. Aos poucos, a pequena garotinha foi aprendendo os conhecimentos tradicionais que envolvem o canto e o toque das caixeiras. A avó de dona Jacira era escrava liberta, e toda dor que passou durante a escravidão foi colocada nos cânticos entoados por ela e seu grupo de caixeiras, além dos agradecimentos ao Divino Espírito Santo.

Dona Jacira aprendeu a arte de entoar os cânticos e tocar as caixas com grande satisfação e hoje, se orgulha por saber que graças aos ensinamentos da avó ela ainda pode transmitir o que aprendeu. O que deixa dona Jacira triste é perceber que a cada dia as garotas se interessam menos por aprender e se tornar uma boa caixeira. As adolescentes preferem se envolver com outras atividades e não percebem a importância das caixeiras para a história e cultura brasileira.

Ver aqueles adolescentes sentados embaixo da árvore, alegres, conversando um com o outro e pintando as caixas que vão ser usadas durante a Festa do Divino, fez o coração de dona Jacira se encher de esperança e felicidade. “Nem tudo está perdido” a senhora pensava. Caminhando lentamente, porém com passos firmes e demonstrando ter boa saúde, a famosa caixeira se uniu ao grupo de pintores e entrou na conversa com eles. Quando Ana ficou sabendo que aquela senhora era uma importante caixeira da região, sua curiosidade logo encheria dona Jacira de perguntas, assim aconteceu.

livro 4.indd 62 27/06/2014 15:04:06

- Dona Jacira, eu fico muito feliz em conhecer a senhora! Estamos cuidando muito bem das suas caixas – Ana fala sorrindo.

- Sou eu quem está feliz em ver vocês, quatro pessoas tão jovens, cuidando bem das nossas caixas – dona Jacira comenta com a voz mansa, porém com satisfação, e continua – Como elas estão ficando lindas!

- A senhora gostou? – pergunta Victor.

- Gostei mais foi em ver vocês pintando nossas caixas. Porque, hoje em dia, as crianças e, principalmente, os adolescentes, não se interessam mais por essas coisas – a caixeira responde a Victor.

- Nós estamos adorando ajudar na organização da Festa do Divino, sabemos que esta festa tem uma importância muito grande para Alcântara e até mesmo para todo o Brasil – Ana comenta.

- Ser caixeira e tocar minhas caixas para o Divino Espírito Santo é a maior alegria que eu sempre tive na vida, por isso quando vejo as meninas sem interesse em aprender e nos acompanhar nas procissões, me deixa preocupada ao pensar em quem irá ser caixeira no futuro – dona Jacira continua a conversa com os quatro.

- A senhora pode ter certeza, nós não iremos deixar isso acabar! Porque ser caixeira é um dos patrimônios mais importantes da história e da cultura de Alcântara, por isso vamos sempre preservá-lo – Ana fala para dona Jacira com grande alegria na voz.

- Ser caixeira foi algo que aprendi com minha avó e mãe, eu ensinei para as minhas filhas e netas. O conhecimento que tenho é patrimônio meu, nosso e de todos vocês – dona Jacira completa.

Naquele momento, Ana tem a certeza de que compreendera o que era patrimônio cultural. É aquilo que dá sentido, marca a história e a vida das pessoas de determinada época e lugar. São os símbolos, o que diferencia essas pessoas daquelas que vivem em outros locais e que também possuem outras referências, outras "marcas", outro patrimônio cultural. Nisso consiste a importância de preservar, pois sem essas marcas tudo se torna igual e as gerações futuras ficam sem suas referências.

Ana jamais imaginou que ao pintar as caixas do Divino, com os primos, ela perceberia claramente o que, para ela e para aquelas pessoas, era patrimônio cultural. Ana queria falar tudo para seus amigos José e Artur, contar o que aconteceu durante aqueles dias na casa dos avós.

livro 4.indd 63 27/06/2014 15:04:11

Aprender, transmitir e preservar tradições

O patrimônio cultural de um povo é formado pelo conjunto dos saberes, fazeres, expressões, práticas e seus produtos, que remetem à história, à memória e à identidade desse povo. A preservação do patrimônio cultural significa, principalmente, cuidar dos bens aos quais esses valores são associados, ou seja, cuidar de bens representativos da história e da cultura de um lugar, da história e da cultura de um grupo social, que pode (ou, mais raramente, não) ocupar um determinado território.

Trata-se de cuidar da conservação de edifícios, monumentos, objetos e obras de arte (esculturas, quadros), e de cuidar também dos usos, costumes e manifestações culturais que fazem parte da vida das pessoas e que se transformam ao longo do tempo. O objetivo principal da preservação do patrimônio cultural é fortalecer a noção de pertencimento de indivíduos a uma sociedade, a um grupo, ou a um lugar, contribuindo para a ampliação do exercício da cidadania e para a melhoria da qualidade de vida.

Os preparativos para a Festa do Divino, o envolvimento das pessoas com a organização, a complexidade da celebração, a conversa de Ana com a caixeira dona Jacira, a própria caixeira, levaram a garota à percepção do que vem a ser um bem cultural de grande valor para um grupo social. Toda a realidade que Ana vivenciou em São João de Côrtes, ajudando com os preparativos da festa, fez com que ela vislumbrasse na realidade o que havia aprendido na escola e com os técnicos do Iphan, a Júlia e o Carlos.

Ao se envolver com a organização da Festa do Divino, Ana pode enxergar com um novo olhar as comunidades que formam o município de Alcântara, ou seja, seu campo de visão foi ampliado para o lugar onde vive e, assim, ela percebeu o quanto cada uma dessas comunidades é importante diante de todo contexto cultural e histórico do país e até mundial. Por isso, é necessário preservá-lo e ter orgulho dele. Por sua vez, percebemos que na cidade, na comunidade ou no bairro onde vivemos, também existem inúmeros elementos culturais que compõem as identidades locais e que necessitam ser valorizados, além de encontrar uma maneira para que perdurem na sociedade.

Dona Jacira mostrava-se preocupada com a falta de interesse dos jovens em aprender e manter as tradições locais. A preocupação da caixeira é bastante coerente, pois é impossível pensar a preservação do patrimônio cultural sem vinculá-la à transmissão, difusão e apropriação, por parte dos grupos sociais a que se refere, dos sentidos e valores atribuídos aos bens culturais. Sem essa preocupação, o recurso aos instrumentos legais de proteção fica reduzido a um conjunto de meros atos declaratórios de valor, cujos eventuais efeitos na limitação de direitos de uso dos bens protegidos podem ser apreciados negativa-

livro 4.indd 64 27/06/2014 15:04:12

mente por setores da sociedade, na medida em que a preservação do patrimônio seria percebida como cerceamento à liberdade individual e obstáculo ao desenvolvimento.

A comunidade é a verdadeira responsável e guardiã de seus valores culturais. O patrimônio cultural pertence à comunidade que produziu os bens culturais que a compõem. Não se pode pensar em proteção senão no interesse da própria comunidade, à qual compete decidir sobre sua destinação no exercício pleno de sua autonomia e cidadania. A preservação das celebrações, formas de expressão, os saberes e fazeres, os lugares onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletivas, é essencial para a memória coletiva e os elementos culturais tradicionais. Nesse cenário, a figura dos mestres dos conhecimentos tradicionais é essencial para manter e transmitir as tradições.

A tradição é impensável sem os mestres, porque estes têm um acesso privilegiado à verdade manifestada nas interpretações e práticas culturais. Dona Jacira é uma guardiã, mestra dos conhecimentos tradicionais em torno do que é ser caixeira. Como mestra, ela transmite sua experiência de caixeira através do seu canto e do toque das caixas do Divino. São diversas as maneiras de transmitir tradições. Durante sua história, o homem se utilizou dos gestos, da expressão corporal e do espetáculo como forma de lazer, entretenimento e comunicação. Para manter suas tradições, os povos antigos exploravam a festa, a dança, os cantos e os rituais para transmitir, disseminar e preservar a sua cultura.

Além dos elementos que são marcantes no cotidiano de cada comunidade, o aspecto familiar também deve ser levado em consideração. Ora, haveria melhor guardião para uma tradição do que um antepassado, membro da família? Sem dúvida, as informações passadas de geração a geração por meio de narrativas apoiadas pela memória dos mais velhos, com uso ou não de artefatos que apoiam a memória, como fotografias, é o meio mais familiar e íntimo de transmitir uma tradição.



EXERCÍCIOS CAPÍTULO V

Interpretando o texto

1. Após a briga, Ana e José, decidiram continuar no mesmo grupo da escola para realizar o Inventário de Alcântara. Por que eles tomaram esta decisão? Explique como e onde será realizada a pesquisa.
2. Quais foram às perguntas que Ana fez ao seu avô sobre a Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara? E o que o Sr. Joaquim respondeu?
3. Segundo as explicações do Sr. Joaquim, como o poder público atua na Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara?
4. Como festeiros mordomos, o que os avós de Ana estavam organizando para a Festa do Divino? Quem é Mestre Zezão e Mestre Antônio?
5. Vó Benedita encarregou Ana e seus primos de realizaram uma atividade muito importante para a realização da Festa do Divino, qual é esta atividade e como eles a fizeram?
6. Quem acompanhou o trabalho de Ana e seus primos? Conte a história dessa pessoa e qual a importância dela para a Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara?
7. Como Ana se sentiu após a conversa com a caixeira?

Meu glossário

Agora faca seu próprio glossário. De as definições das palavras a seguir. Lembre-se de dar exemplos.

- Perdurem
- Eventuais
- Autonomia
- Prestígio
- Criteriosa

Trabalhando o quadro explicativo

1. A partir do que foi visto no Capítulo V, explique, com suas palavras, o que é patrimônio cultural para você?
2. Ao se envolver com a organização e preparativos da Festa do Divino em São João de Côrtes, o que Ana pode perceber?
3. Dona Jacira pode ser considerada uma mestra caixeira. Explique o que isso significa e qual a importância dos mestres para a transmissão e preservação do patrimônio cultural?
4. Observe o povoado em que você vive, e conforme as tradições locais, quais as pessoas você conhece que podemos considerar mestres ou guardiões do patrimônio cultural?
5. Além dos elementos que são marcantes no cotidiano de cada comunidade, quais outros são importantes para a transmissão das tradições?

livro 4.indd 66 27/06/2014 15:04:16

CAPÍTULO VI

Celebrando o Divino Espírito Santo

Ana desejava que os dias passassem bem rápido, maio, próximo mês, se aproximava e a Festa do Divino também. Após os dias na casa de seus avós, a garota ficou mais ansiosa para ver a festa em Alcântara.

José e Ana continuaram sem se falar, Artur achava que aquilo estava indo longe de mais. Agora, se ele estava com José, Ana ficava longe, se fosse o contrário, José não se aproximava. Na escola, José ficava o tempo todo com Carla e Ana com outros amigos. Artur pensava em uma maneira de colocar os dois para fazer as pazes, ia pedir ajuda para Maria, mãe de Ana.

Maria estava bastante envolvida com a organização de uma Associação em Tapuitapera. Ela e Inês resolveram convocar as mulheres do povoado e criar uma Associação de artesãs em cofo e tecelãs. O objetivo de Maria e Inês com esse projeto é de fortalecer e aumentar a produção de cestaria em cofo e da tecelagem de algodão (tapetes, redes, roupas, colchas etc.), o que possibilitará atender uma demanda de mercado maior, encontrar mais compradores e interessados nas peças produzidas através do conhecimento e habilidade das mulheres de Tapuitapera.

Como existe uma Associação de ceramistas no povoado de Itamatatiua, Maria resolveu ir até lá para conhecer e saber como funciona e quem ela deveria procurar para auxiliá-las nesse projeto. Maria sabia que além de ser uma forma de aumentar a renda das famílias de Tapuitapera, também reforçaria as tradições entre os jovens, permitindo que os modos de saber e fazer sejam transmitidos para as próximas gerações. Maria e Inês se esforçaram e foram até São Luís para participarem de uma capacitação em pequenas empresas.

A primeira ação a ser colocada em prática foi conseguir um local para ser instalada a sede da Associação e onde as artesãs poderiam realizar os seus trabalhos. No início, como os recursos ainda eram poucos, não seria possível construir uma sede nova e grande, por isso as mulheres decidiram improvisar um local. Próximo à casa de farinha existe um cômodo que foi construído para armazenar a farinha estocada. Foi neste local que Ribamar, pai de Artur, estocou toda a farinha que eles produziram para atender a grande encomenda do começo do ano. Como o local estava vazio desde a entrega de toda farinha, Maria e as outras mulheres pediram autorização dos outros moradores para improvisar a sede da Associação neste local, foi necessário apenas realizar uma boa limpeza e providenciar alguns móveis.

livro 4.indd 67 27/06/2014 15:04:19



Maria estava muito animada com o seu projeto. Desde que ela se reencontrou no povoado, que o seu sentimento de pertencimento a aquele lugar se fortaleceu e relembrou o que é ser filha de Tapuitapera, ela pensava em fazer algo de positivo para o lugar, por isso a criação da Associação. Com o trabalho na Associação, Maria não precisaria encontrar um emprego na sede de Alcântara ou em outro lugar mais longe, podendo ficar mais próxima de casa e de olho na filha, além de trabalhar com o que ela melhor sabia fazer. O que Maria e Inês estavam se propondo a realizar é uma experiência de organização comunitária, na qual poderá envolver os jovens do povoado no desafio de mostrar que são as coisas simples que tornam o lugar especial.

Enquanto Maria estava envolvida com as suas atividades, Ana seguia com sua rotina de escola, estudos e também aprendia a tecer como as mulheres de Tapuitapera. Logo após a aula, a garota deixava seus materiais escolares em casa e corria para a sede da Asso-

livro 4.indd 68 27/06/2014 15:04:25

ciação, onde ficava após o cair da noite aprendendo a tecer com as mulheres. Ana estava aprendendo rápido o jeito de mexer com o tear, enquanto o preparo das linhas ainda ficava apenas com as mais experientes.

O envolvimento com as novas atividades seguraram a ansiedade de Ana até a chegada da Festa do Divino, a qual já ocorreria na próxima semana. Ana estava com as malas prontas, na segunda-feira antes do início da festa ela encontraria com os avós que já estavam em Alcântara, os três ficariam hospedados até o final da festa na casa do irmão de seu avô Joaquim, o senhor Antônio. Maria e o restante da família também acompanhariam a festa em Alcântara, mas iriam na quinta-feira, dia que se iniciava oficialmente a festa. Ana ficou sabendo que José também estaria em Alcântara e que estava levando a máquina fotográfica para registrar alguns momentos da festa que poderiam ser úteis ao trabalho da escola, o inventário.

Assim que chegou a Alcântara, Ana percebeu a diferença na movimentação da cidade. O número de pessoas pelas ruas havia aumentado e várias partes estavam decoradas com fitas e bandeirinhas de papel. Ana encontrou os avós que estavam bastante agitados com a organização e os preparativos, afinal a Festa do Divino não poderia cair no poço. Uma festa cai no poço quando o festeiro por algum motivo não a realiza.

Na terça-feira, véspera do início da celebração do Divino, Ana ajudou os avós com os últimos detalhes da festa e foi se preparar para o dia seguinte, quarta-feira, o dia do levantamento do mastro. Dona Benedita aconselhou Ana a ir dormir, pois no outro dia, elas acompanhariam todas as etapas da cerimônia que inicia, oficialmente, a Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara, o levantamento do mastro.

Ana acordou no outro dia bastante animada, trocou de roupa e se aprontou para sair com seus avós em direção a Praça da Matriz, local onde ocorre o levantamento do mastro. Dona Benedita presenteou a neta com quatro vestidos lindos, feitos por ela, para que Ana usasse durante a festa. A garota colocou um vestido branco com cinto de fita vermelha para o primeiro dia.

O senhor Joaquim saiu antes de Ana e sua avó Benedita, ele iria acompanhar o trajeto realizado pelo mastro desde a saída no porto do Jacaré até o levantamento na Praça da Matriz. Logo após o café da manhã Ana e a avó saíram com destino a Praça da Matriz. Quando chegaram próximas as ruínas da Igreja São Matias havia muitas pessoas esperando o momento da chegada do mastro do imperador. As pessoas conversavam

livro 4.indd 69 27/06/2014 15:04:31

tranquilamente, aos poucos foram chegando mais, era possível notar que todos estavam alegres à espera do Divino.

O carregamento do mastro é marcado para começar a partir das duas horas da tarde. O mastro consiste em um tronco de 10 metros de comprimento retirado das matas de Alcântara e decorado com murta, frutas, bebidas e o estandarte (bandeira do Divino, com a Pomba bordada). O mastro é amarrado com cordas em vários paus menores enfileirados, que são carregados em uma média por 4 a 5 homens, totalizando em torno de 90 homens para carregar e levar o mastro pelas ruas de Alcântara até chegar à Praça da Matriz.

O foguetório mostrava que o cortejo se aproximava. Depois de três horas de cortejo Ana viu quando o mastro foi chegando a Praça da Matriz, várias pessoas em volta, seguindo o cortejo de homens carregando o mastro. As caixeiras entoavam cânticos e tocavam as caixas, Ana conseguiu ver dona Jacira a frente do grupo de caixeiras. As caixeiras estavam com vestidos brancos rodados e com lenços também brancos amarrados nas cabeças.

Ana fica impressionada com a quantidade de pessoas para carregar o mastro e acompanhando o cortejo, aos poucos toda a praça é tomada. Todos ficam parados esperando o levantamento do mastro que é feito lentamente. Os homens que o carregaram, o erguem com auxílio de estacas ao chão, aos poucos o mastro vai sendo levantado junto com a chegada da noite. Ana se assustava, junto com as outras pessoas, com cada desequilíbrio do mastro ao ser erguido, mas quando enfim os homens conseguem erguê-lo todos se manifestam com alegria, palmas e muito foguetório. Neste momento Ana percebeu que a Festa do Divino Espírito Santo havia começado.

Ana ficou encantada com a cerimônia do levantamento do mastro do imperador. Como já era noite, dona Benedita achou melhor que elas fossem embora para descansar, pois a quinta-feira da ascensão começaria com a alvorada das caixeiras às quatro horas da manhã. Ana não queria perder nada da Festa, por isso, mesmo desejando ficar um pouco mais, celebrando com as pessoas na praça, ela sabia que deveria ir com a avó, pois o outro dia começaria ainda de madrugada.

Um pouco antes das quatro horas da manhã, Ana e seus avós já estavam na Praça da Matriz, ao lado do mastro erguido no dia anterior. Eles aguardavam o início da alvorada. As caixeiras iniciam a cerimônia pontualmente. Ana ficou encantada com as bandeirinhas, elas são garotas, quase da mesma idade que a sua. As bandeirinhas acompanham

livro 4.indd 70 27/06/2014 15:04:36



as caixeiras carregando as bandeiras com a coroa do Divino bordada. Atrás das bandeirinhas, vêm os "responsáveis", garotos que trazem em almofadas ornadas, as coroas de prata, que serão usadas na coroação, e a pomba branca de cerâmica que são levadas ao altar da Igreja. Bandeirinhas e "responsáveis" estavam bem arrumados, com roupas brancas. Pronto, naquele momento Ana enfiou na cabeça que no próximo ano ela seria bandeirinha e já foi dizendo para a avó:

- Vovó, o que tenho que fazer para ser uma bandeirinha?

- Minha querida, basta você querer. Aliás, acho ótimo ver você interessada – dona Benedita responde.

- Por quê? – Ana questiona a avó.

- Porque grande parte das jovens não se interessa mais em aprender a ser uma bandeirinha. A cada ano tem se tornando mais difícil conseguir garotas que queiram acom-

livro 4.indd 71 27/06/2014 15:04:44

panhar as procissões e alvoradas durante a Festa do Divino – dona Benedita responde com tom de preocupação na voz – Nossos jovens não compreendem a responsabilidade e honra que é carregar esta bandeira, o que me faz acreditar que em breve este elemento não existirá mais – a avó de Ana completa.

- Então, Alcântara já tem uma nova bandeirinha, pois eu quero muito aprender para acompanhar as caixeiras no ano que vem e não deixar que isso desapareça da Festa – Ana fala com bastante entusiasmo e demonstrando certeza com o que estava dizendo.

- Faço questão de costurar o vestido mais lindo para você! – dona Benedita afirma com grande satisfação – E saiba que as bandeirinhas poderão ser as futuras caixeiras – conclui dona Benedita.

Enquanto a avó e neta conversam, a alvorada do Divino continua. As caixeiras e bandeirinhas entoam as ladainhas, dançam e tocam ao pé do mastro, por aproximadamente meia hora, em reverência ao Divino, retirando-se logo depois para seguirem em cortejo pelas ruas da cidade até a casa do imperador ou Paço Imperial (Casa do Divino), onde são servidas de um farto café da manhã. Ana se impressiona ao ver que o imperador é um adolescente como ela, sua avó explica que aquele ano era do imperador e no ano que vem seria da imperatriz.

O cortejo segue até a Igreja Nossa Senhora do Carmo onde foi celebrada a Missa Solene da Ascenção. Toda a Corte Real estava presente à missa: o imperador, o mordomo-régio e os cinco mordomos-baixos e seis mordomas-baixas. Ana se encantava com cada detalhe que via principalmente, os trajes luxuosos, imitando o figurino imperial. Durante a missa, Ana soube que ao imperador cabe a guarda de uma coroa de prata maciça e uma pombinha branca, pertencentes à igreja. Ele deve guardá-las até o fim da festa. Aos mordomos cabe a guarda de pombas brancas de madeira ou de gesso.

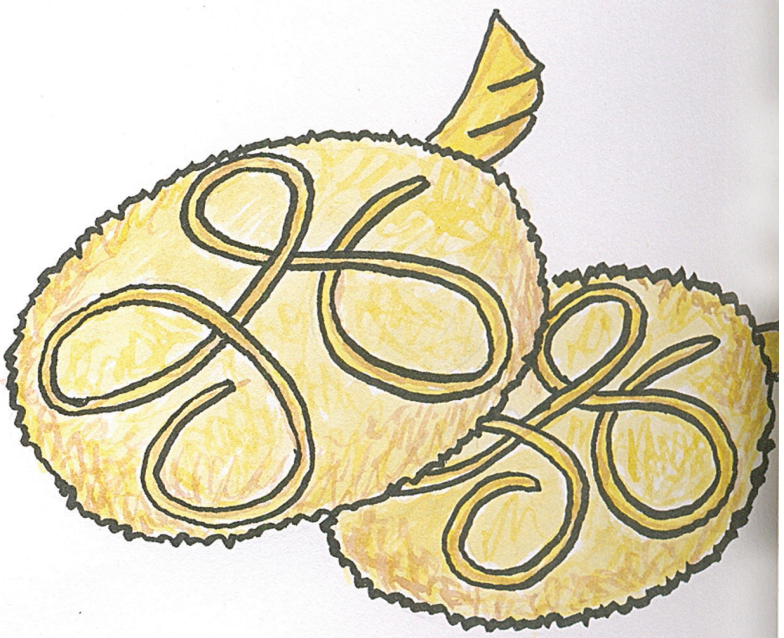
No fim da missa, o padre realiza a coroação do imperador, entrega-lhe o cetro e solta a pomba branca, símbolo do Divino. Para comemorar a coroação, após a missa, a corte, seguida por um cortejo formado pela população, onde é iniciada a festividade e se oferecem lanches, doces e bebidas aos participantes.

Durante à tarde, muitas pessoas se reuniram novamente na Praça da Matriz, próximos ao mastro do imperador para acompanhar a "prisão dos mordomos". Ana fica surpresa e pergunta para a avó:

- Nossa vovó, o que é isso? Eles estão sendo presos? Por quê?

livro 4.indd 72 27/06/2014 15:04:48







livro 4.indd 73 27/06/2014 15:04:52

- Minha querida, esta é uma brincadeira tradicional na qual o Imperador determina o aprisionamento de todos os seus vassalos com laços de fitas. Depois do ato, eles são resgatados por seus vassalos e mestres-salas em troca de uma oferenda, que na maioria das vezes é um licor, ou prenda – dona Benedita explica pacientemente a neta.

- Ah, entendi! Vou ficar mais perto para pegar alguma prenda – Ana sorri para a avó e se aproxima de onde os mordomos estão presos.

Como o dia passou rápido, a noite chegou e Ana nem percebeu que já estava na hora de dormir, o cansaço tomou conta do corpo da garota. Aquele dia de Festa do Divino havia mostrado várias coisas novas para Ana que estava muito contente por estar ali com seus avós, além de saber que no outro dia, sexta-feira, sua mãe chegaria com seu primo Artur.

A sexta-feira foi marcada pelo levantamento do mastro do mordomo-régio. Este levantamento ocorre ao lado da Igreja Nossa Senhora do Carmo e se aproxima muito da cerimônia para levantar o mastro do imperador. As caixeiras entoam seus cânticos para acompanhar o cortejo com o mastro, elas estão com vestidos e lenços vermelhos. Maria, Inês, Ribamar e Artur já estavam em Alcântara e conseguiram presenciar o momento em que os homens estavam finalizando a fixação do mastro no solo. Ana era só alegria, pois as pessoas que ela mais gostava estavam ali, faltava apenas o seu amigo José.

Quando pensava em José, Ana se entristecia. Ana estava com muita curiosidade para saber se José estava em Alcântara. Será que ele veio para a Festa do Divino? – Ana se perguntava, mas não tinha coragem de encontrar a resposta diretamente com seu primo Artur. Ela conversava com o primo na tentativa de descobrir alguma coisa sobre José. Artur, que não é nada bobo, logo percebeu as intenções da prima e disse:

- Ana como você é engraçada. Pode parar de enrolação que eu já percebi. Você quer saber do José, não é? Quer saber se ele veio? – Artur fala rindo muito da prima que ficou bastante sem graça e responde.

- Não é isso. Eu quero saber quem veio de Tapuitapera?

- E pra quê você quer saber? – Artur responde com outra pergunta e com tom de gozação, só para ver a prima se enrolar com a resposta.

livro 4.indd 74 27/06/2014 15:04:57

- Ai Artur, só pra saber mesmo. Nada de mais. Larga de ser chato! – Ana diz bastante sem graça, quase gaguejando, tentando encontrar palavras para acertar na resposta.

Artur vibra por prever o jeito que a prima ficaria, ele tinha certeza que ela queria mesmo era saber de José, e assim ele fala para Ana:

- O José veio com a gente, mas quando chegamos aqui ele disse que tinha combinado de encontrar com a Carla lá na Rua Grande. Ai nós viemos pra cá e ele foi pra lá.

- Ah sim. Bom pra ele! – Ana comenta sem empolgação.

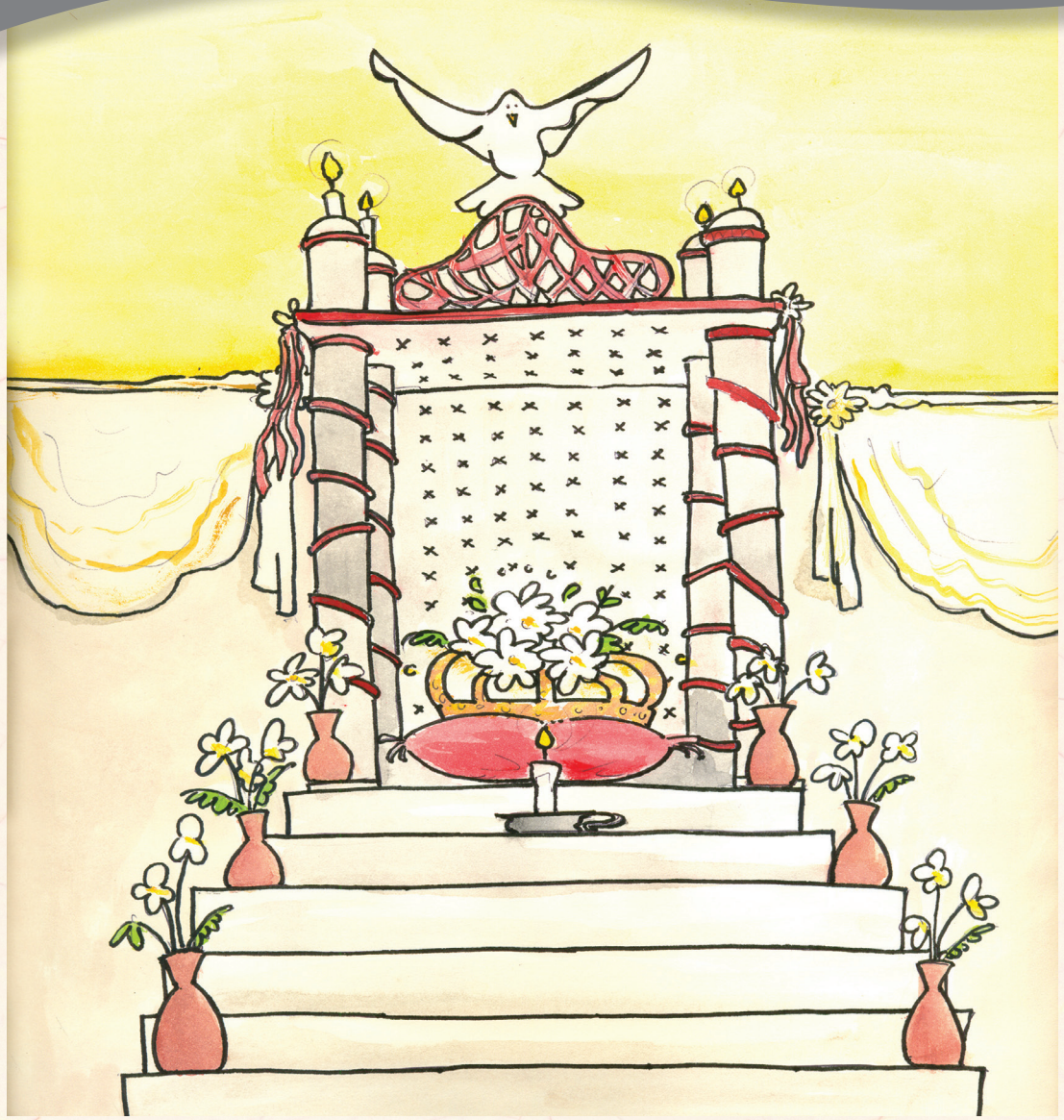
Artur sabia que a prima só fingia não se importar, mas que no fundo estava morrendo de ciúmes. Esse era o plano, deixar os dois com ciúmes para ver se eles param com a briga e assumam que se gostam.

Quando acabou a cerimônia de levantamento do mastro do mordomo-régio, a família de Ana foi para a casa do irmão do senhor Joaquim, eles ficariam hospedados lá durante a Festa do Divino, menos José, que ficou na casa de um familiar da amiga Carla. No outro dia, primeiro sábado da festa, conhecido como sábado meio, todos acompanhariam de madrugada a alvorada do mordomo-régio. Em torno das quatro horas da manhã as caixeiras iniciaram a alvorada ao pé do mastro na Igreja Nossa Senhora do Carmo.

Após a alvorada, o cortejo que acompanha as caixeiras seguiu pela Rua das Mercês, onde fica a casa do mordomo-régio, o senhor Raimundo Pereira. Ana e a avó seguiram com o cortejo, a garota percebeu que este era bem menor do que aquele que acompanhou o levantamento do mastro. Ao chegarem à casa do mordomo-régio as portas encontravam-se abertas para recepcioná-los. Os participantes do festejo entraram sem muita cerimônia e seguiram direto para o cômodo onde foi montado o altar em honraria ao Divino.

Ana observou que o altar era branco e ricamente decorado por sedas, velas e alguns bordados. No centro do altar via-se a imagem da pomba que representa o Espírito Santo. Enquanto Ana observava cada detalhe e se encantava com tudo que via, as caixeiras e bandeirinhas dançaram e cantaram diante do altar, logo após todos seguiram para a cozinha da casa, onde um banquete já esperava os devotos.

livro 4.indd 75 27/06/2014 15:05:02



Durante a noite houve ladainha na Igreja do Carmo. Sentada ao fundo da igreja junto com a mãe, os tios e os avós, Ana viu José mais à frente com Carla e outras pessoas. Nesse momento, Ana ficou triste e várias coisas começaram a passar em sua cabeça, a primeira delas era se José não importava mais com ela e se ele gostava apenas da Carla. Ana se distraiu tanto em seus pensamentos que nem percebeu quando a ladainha acabou e todos estavam em pé para ir embora, foi preciso que Maria chamasse a filha mais de três para ela perceber que as pessoas estavam indo embora com destino a visita do mordomo-régio ao imperador no Paço Imperial; o último evento do dia. Assim encerrava mais um dia de devoção ao Divino Espírito Santo. Antes de deitar, Ana resolveu escrever em seu diário as impressões que teve, até o momento, sobre a festa.

livro 4.indd 76 27/06/2014 15:05:11

Alcântara, 15 de maio.

Diarinho,

Fiquei um tempinho sem escrever e por isso tenho um monte de coisas pra contar. Estou na rede, na casa do meu tio avô em Alcântara. Estão todos aqui comigo: mamãe, vovó Joaquim, vovó Benedita, tia Inês, tio Ribamar e Artur. Esse meu primo pega no meu pé o tempo todo, agora ele enfiou na cabeça que eu tenho ciúmes do José. Não sei como ele inventou essa história? Mas deixa o José pra lá, essa é outra parte da história que depois eu conto.

Então, estamos todos aqui em Alcântara, viemos como devotos do Divino Espírito Santo, para celebrar e participar da Festa do Divino. Eu estou muito feliz em estar aqui com a minha família reunida. Minha mãe e meus avós paternos, a cada dia convivem melhor, quando estamos juntos, eu penso muito no meu pai, sinto muito a falta dele. Ainda não consigo entender por que ele deixou tudo isso aqui para viver em São Paulo.

Depois de passar uns dias com meus avós no povoado de São João de Côrtes, ajudando com alguns preparativos da Festa do Divino, já que eles são uns dos festeiros desse ano, eu fiquei marcando no calendário o dia de vir para a sede e iniciar a festa. Até que esse dia chegou. Eu cheguei aqui primeiro, vim antes da mamãe. Estou acompanhando cada detalhe e eventos que compõem a festa. Até agora eu não consigo escolher o que mais gostei. Achei o levantamento do mastro, muito interessante, aquele tanto de gente para carregar um tronco de árvore, como é pesado, e minha avó Benedita explicou que muitos daqueles homens que carregam o mastro estão lá para pagar alguma promessa ao Divino.

As ladainhas entoadas pelas caixeiras, durante cada cortejo e procissão, me fazem admirar mais aquelas senhoras que tocam as caixas caminhando pelas ruas de pedras da cidade. Dona Jacira, sempre que me vê em meio às pessoas que estão na festa, me faz um sinal e me cumprimenta. Vovó disse que se no próximo ano eu quiser ser bandeirinha, que ela fará um lindo vestido branco para mim.



livro 4.indd 77 27/06/2014 15:05:25

O altar na Casa do Divino, que durante a festa se transforma no Paço Imperial, ficou muito lindo, cheio de flores, com fitas e tecidos em vermelho e dourado e uma imagem do divino bem grande sobre a cadeira do imperador. Já o altar na casa do mordomo-régio foi montado todo em branco. Eu comi o docinho de espécie. Hum é muito gostoso! Deu até vontade de comer mais só de pensar. Eu nunca comi tanta coisa boa e gostosa como nos banquetes oferecidos na casa do imperador e na do mordomo-régio. Tudo na festa é muito bom, ainda bem que foram apenas quatro dias, ainda tem muita coisa pra acontecer.

A Festa do Divino Espírito Santo é algo que eu jamais imaginei ver e participar. Estou adorando tudo e percebendo o quanto as pessoas da cidade e dos povoados próximos gostam se envolvem com a festa. É impressionante a enorme devoção e fé dessas pessoas e como a celebração ao Divino já faz parte da cultura da maior parte das pessoas que vivem em Alcântara.

Hoje, durante a ladainha na Igreja do Carmo, eu vi o José com a Carla e a família dela. O Artur me contou que, eles tinham acabado de chegar à Alcântara, quando José foi se encontrar com a Carla. Agora os dois viviam juntos. Acho que realmente o José deve estar gostando muito dela e nem se importa mais a minha amizade. Ele nem veio dormir na casa com a minha família, foi para a casa que a Carla está. Tudo bem! Eu vou tentar não me importar mais com isso. Acho que não faço falta pra ele mesmo.

Então é isso, acho que chegou a hora de dormir. Amanhã tem mais Festa do Divino!

Boa noite diarinho!



Festa do Divino Espírito Santo, uma celebração que é patrimônio nacional

As festas de santos, trazidas pelos colonizadores europeus como devoção religiosa e como expressão da cultura popular e medieval, se espalharam pelo Brasil durante o processo de colonização e ocupação do território, sendo mescladas aos cultos de matriz africana e às crenças religiosas indígenas. Entre as festas religiosas, há aquelas que se destacam, como as festas juninas e as de Nossa Senhora do Rosário, e estão também as do Divino Espírito Santo, popularizadas por todo o Brasil, a partir do século XVII, por jesuítas e colonos açorianos.

O culto ao Divino Espírito Santo está relacionado às comemorações do fim do ciclo agrícola, época festiva da colheita de cereais, e remete à celebração judaica de Pentecostes, quando se ofertavam os primeiros frutos da colheita ao Espírito Santo. No dogma católico, o Espírito Santo integra a Santíssima Trindade, ao lado de Deus Pai e de seu Filho Jesus, e se manifesta como uma pomba branca ou como línguas de fogo.

Uma das coisas que mais impressionou a garota Ana foi a quantidade de pessoas envolvidas com a organização e participação na Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara. A intensidade da festa, a extensão e sobreposição de tantos festejos e o grande envolvimento da comunidade local podem dar a impressão de que estamos diante de comemorações praticamente independentes, quase que aleatoriamente agregadas em torno de um tema principal. Entretanto, uma observação mais cuidadosa revela que há um circuito de trocas simbólicas que vincula firmemente ao Império do Espírito Santo a maioria destas celebrações. Objetos simbólicos circulam no espaço de cada festejo e entre os festejos, e são consagrados pelo Imperador ou na presença dele. É sob as asas do império e pela ação do Imperador que esta multiplicidade de manifestações ganha a sua inteira dimensão.

Quando se fala em festas do Divino no Brasil, lhes é sempre atribuída uma forte tradição lusitana (portuguesa). Pesquisadores conferem a origem do culto à devoção da Rainha Isabel de Aragão, no século XIV, e à construção da igreja em homenagem ao Divino Espírito Santo em Alenquer, Portugal, na qual teria se estabelecido o culto à Terceira Pessoa da Santíssima Trindade. Nas cidades onde não se podia contar com a presença da corte imperial, os devotos que participavam da festa fantasiavam-se de cortesãos, o que acabou se tornando uma tradição.

A Festa do Divino Espírito Santo é uma importante manifestação religiosa e cultural de muitas cidades do interior do país. A cada ano, um novo imperador é escolhido. Em alguns lugares é um adulto, em outros, um adolescente ou criança. Ele participa de todos os rituais, tentando sempre superar o desempenho de seu antecessor. Normalmente, a festa é dividida em três momentos: coroação do imperador, rituais de homenagem ao Divino e distribuição de alimentos.

Segundo informações históricas, a Festa

livro 4.indd 79 27/06/2014 15:05:35

do Divino começou a ser celebrada no Brasil por volta de 1765, trazida por portugueses principalmente para as áreas de mineração do ouro. Em todo o país, observam-se pontos comuns entre as celebrações e também características peculiares assumidas de acordo com o lugar.

As Festas do Divino constituem-se numa relação de troca com a divindade, são festas de agradecimento, de pagamento de promessas, de cooperação entre os indivíduos da comunidade. Em todas as cidades, as celebrações contam com missas, procissões, novenas e, quando há programação paralela, festa com barraquinhas e shows. Normalmente é comemorada durante as Festividades de Pentecostes - 50 dias após a Páscoa - que acontece em maio ou junho.

O Iphan registrou, no dia 15 de abril de 2010, como Patrimônio Cultural do Brasil, a Festa do Divino Espírito Santo celebrada na cidade de Pirenópolis, estado de Goiás. A celebração em Pirenópolis é realizada anualmente desde 1819, data do primeiro registro na lista local de imperadores. Desde então, ano após ano, essa listagem é atualizada e publicada na programação da festa. É considerada uma das mais expressivas celebrações do Espírito Santo no país, especialmente pelo grande número de seus rituais, personagens e componentes, como as cavalhadas de mouros e cristãos e os mascarados montados a cavalo.

O reconhecimento da Festa do Divino Espírito Santo em Pirenópolis como patrimônio cultural nacional representa a valorização de todas as festas do Divino espalhadas pelo Brasil, inclusive a de Alcântara no Maranhão. Essas celebrações mostram que os espaços religiosos das cidades guardam memórias de grupos e marcam experiências e identidades religiosas ancestrais, mantém vivas tradições seculares e permitem a ressignificação do patrimônio cultural brasileiro.



livro 4.indd 80 27/06/2014 15:05:38

EXERCÍCIOS CAPÍTULO VI

Interpretando o texto

1. Como está a relação entre Ana e José?
2. Qual o projeto que Maria e Inês estão envolvidas em Tapuitapera? Qual o objetivo desse projeto?
3. O que está segurando a ansiedade de Ana até a chegada da Festa do Divino Espírito Santo?
4. Explique o que significa quando uma festa cai no poço.
5. Qual evento marca o início da Festa do Divino? Conte-nos como ele ocorre.
6. Ana ficou encantada com as bandeirinhas, elas são garotas, quase da mesma idade que a sua. Quem são as bandeirinhas? Qual o papel delas na Festa do Divino?
7. Ana ficou assustada com a "prisão dos mordomos". Sua avó explicou o que significa esta prática. Através da fala de Dona Benedita, explique em que consiste essa prisão.
8. Faça um calendário da Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara. Imagine que o seu calendário será aquele utilizado na festa do próximo ano. Por isso ele deve estar bem completo e organizado.

Meu Glossário

Agora faca seu próprio glossário. De as definições das palavras a seguir. Lembre-se de dar exemplos.

- Associação
- Murta
- Cortejo

Trabalhando o Quadro Explicativo

1- Descreva como as festas de santo se espalharam pelo Brasil?
2- Baseado no quadro explicativo, responda em que o culto ao Divino Espírito Santo está relacionado? De onde vem à tradição dessa celebração?
3- No Brasil, as celebrações ao Divino Espírito Santo acontecem apenas em Alcântara? Responda e justifique a sua resposta.
4- Mostre como se constituem as Festas do Divino pelo Brasil, como a maioria delas se realiza?
5- Escolha uma Festa do Divino Espírito Santo que acontece em alguma cidade do Brasil, pesquise sobre ela, descreva como ela acontece e faça uma comparação com a Festa de Alcântara.

livro 1.indd 81 27/06/2014 15:05:38

UNIDADE 4

IDENTIFICANDO E PRESERVANDO PATRIMÔNIO CULTURAL

CAPÍTULO VII

E a Celebração continua!

O primeiro domingo da Festa do Divino, o domingo do meio foi marcado pela realização de missas na Igreja do Carmo, ladainhas e visitas do Imperador aos mordomos. Ana e sua família acompanharam todos os eventos. A animação da garota não diminuía, ela estava realmente disposta a participar de toda a programação tradicional que acompanha o calendário da festa.



livro 4.indd 82 27/06/2014 15:05:52

Durante os momentos de pausa entre os eventos da festa, Ana e Artur andavam pela cidade observando as construções e fotografando. Mesmo envolvidos com a celebração ao Divino Espírito Santo, eles não se esqueceram do trabalho de escola: o Inventário do Patrimônio Cultural de Alcântara. A identificação dos lugares que são referências culturais para a comunidade de Alcântara fica bem clara durante a Festa do Divino.

Vários espaços da cidade são apropriados para a realização dos acontecimentos que compõem a festa. Ruas, praças, casas, que no dia a dia da cidade desempenham uma função cotidiana, durante a Festa do Divino adquire outras funções, outros símbolos e valores. As ruas dão passagem às romarias e não apenas a movimentação de pessoas e carros realizando suas atividades normais, as casas dos mordomos e festeiros transformam-se em locais de devoção, o edifício com seus azulejos portugueses que abriga diariamente o Museu do Divino ou a Casa do Divino, modifica-se para a sede do Império e lugar onde o altar principal da celebração é montado e reverenciado.

Ana e Artur percebem que estes espaços, na cidade de Alcântara, podem ser considerados lugares, encaixando no que a professora Sandra, Carlos e Júlia explicaram sobre esta categoria de patrimônio imaterial. Estes lugares são importantes para a preservação de alguns elementos que compõem a cultura e o patrimônio da sociedade alcantarense, por isso os dois primos estavam registrando tudo em fotografia.

Em cada evento que havia participado, Ana fotografou tudo. Era importante registrar como a Festa do Divino possibilita o surgimento de outros sentidos e funções para vários espaços da cidade. Ana, que nunca foi tímida e tem facilidade para conversar mesmo com desconhecidos, aproveitou a quantidade de pessoas nas ruas por causa da festa e foi fazendo algumas perguntas rápidas para ver se os moradores ou participantes apontavam os locais que eles consideram importantes para a história de Alcântara.

Como seu grupo havia ficado com a categoria de "Lugares", as perguntas feitas por Ana, e organizadas com a ajuda da professora Sandra, são direcionadas para a identificação de locais e edificações que possuem valor histórico e cultural para os alcantarenses, configurando-se em importantes referências e patrimônio para

livro 4.indd 83 27/06/2014 15:05:57

eles. Ana ia anotando tudo em um caderno, assim facilitaria quando o grupo fosse organizar as informações e escrever o trabalho de escola.

No decorrer da semana a programação da Festa do Divino correu conforme planejado, os devotos e participantes se dividiram entre as missas, ladainhas e visitas nas casas dos mordomos e do imperador. Ana e seus avós foram em quase todos os acontecimentos. Maria, tia Inês e tio Ribamar voltaram para Tapuitapera, os três tinham muitas coisas referentes ao trabalho da associação para resolver, eles voltariam no final de semana. Artur ficou com Ana e seus avós, foi fácil convencer seus pais de que ele tinha que ficar, ele usou o trabalho de escola como desculpa.

Chega à última sexta-feira da festa. Ana e Artur acordaram bem cedo, aquele era o dia que os dois tinham muita curiosidade em ver o que ia acontecer. Artur havia participado de alguns eventos da Festa do Divino nos anos anteriores, mas aquela era a primeira vez que ele ia ver a subida do boi.

Ainda sentada à mesa de café da manhã, Ana pergunta para seu avô o que era a subida do boi, e o senhor Joaquim explica tranquilamente para a neta:

- Então Ana, conforme a tradição, cada membro da corte oferece um boi para a festa. Os festeiros, aguardam em suas residências a passagem dos animais que é iniciado quando termina o cortejo das caixeiras.

- Oba! Vou ver outro cortejo das caixeiras. Eu gosto muito de vê-las cantando e tocando as caixas – Ana comenta.

- É exatamente o toque das caixeiras que anuncia o início da subida do boi – completa o avô de Ana.

Como a subida do boi aconteceria apenas à tarde, Artur e Ana resolveram sair pelas ruas para continuar tirando as fotografias e conversando com algumas pessoas. Quando eles estavam próximos da Capela de Nossa Senhora das Mercês, Artur fala espontaneamente:

- Olha quem está ali Ana! É o José. Vamos até lá!

Ana não fez nenhum comentário, olhou para onde o primo apontou e viu José jogando bola com outros garotos, e Carla estava sentada em um banquinho parecido com aqueles de praças. Ana olhou para o primo com cara de quem não gostou da ideia. Artur fingiu que não percebeu o descontentamento da prima e

livro 4.indd 84 27/06/2014 15:06:02

saiu correndo em direção aos garotos. Ana pensava: "Garotos, não podem ver uma bola".

Ana foi atrás do primo com passos lentos, chegou perto de Carla e disse um oi baixinho e sem graça para a colega de escola, Carla respondeu com simpatia. Artur chegou e foi logo entrando no meio da brincadeira dos outros garotos. Carla fez sinal para Ana sentar ao lado dela enquanto esperavam o fim da brincadeira.

Ana ficou um pouco sem graça com a maneira que a colega a tratava. Carla parecia nem imaginar que Ana não gostava dela. Sentadas no mesmo banco as duas conversaram várias coisas, falaram sobre a Festa do Divino, sobre a escola e o trabalho do Inventário. Carla comentou que também já havia feito perguntas para alguns moradores de Itamatatiua, e estes apontaram como lugar importante à sede da Associação de Ceramistas do povoado, mas que ela ainda ia tentar entender isso melhor.

A conversa entre as duas continuou até terminar a brincadeira de bola dos garotos. Assim que terminou, Artur chamou Ana para ir embora, já estava quase na hora de começar a subida do boi. José e Ana continuaram sem se falar. Ana se despediu carinhosamente de Carla e ficou pensando em como havia sido injusta esse tempo todo com a garota, agora ela entendia perfeitamente que não podemos julgar ninguém sem antes conhecer melhor a pessoa.

Ana e Artur correram para a Casa do Divino conforme haviam combinado com o senhor Joaquim e dona Benedita, pois de lá eles acompanhariam o cortejo das caixeiras até o Porto do Jacaré, iniciando assim a subida do boi. Quando os dois primos chegaram à Casa do Divino o cortejo estava saindo e assim eles seguiram atrás. No Porto do Jacaré os bois estavam concentrados. Eram seis bois, cada boi estava com o rabo e os chifres enfeitados com fitas nas cores escolhidas pelos membros da corte imperial. Tinha boi enfeitado de vermelho, dourado, verde, azul. No local, estavam reunidas centenas de pessoas que aguardavam com expectativa o início da subida. Havia muitos jovens, pois são eles que se sentem atraídos e se divertem correndo dos bois que saem em disparada pelas ruas e ladeiras de Alcântara, a chamada carreira.

Assim que as caixeiras terminaram o cortejo, os avós de Ana acharam melhor retornarem até a casa em que estavam hospedados e esperar a subida do boi passar,

livro 4.indd 85 27/06/2014 15:06:07

eles poderiam ver da janela, o que seria muito mais seguro. Dona Benedita ficou com medo de que a neta e seu primo se hmachucassem, era melhor prevenir. Mesmo aborrecidos com a mudança nos rumos, Ana e Artur retornaram para a casa e lá ficaram esperando.

Os fogos de artifício anunciam o início da subida do boi, os animais são soltos e provocados pelos corajosos que ficam aguardando o momento de fúria dos bois até que eles começam a correr, iniciando a perseguição das pessoas pelas ruas. Assim começa a correria e a gritaria para escapar dos animais.

A carreira toma conta de várias ruas da cidade, os bois não ficam totalmente soltos, ficam amarrados com cordas no pescoço, mesmo assim assustam por causa do seu tamanho e fúria provocada pela algazarra que toma conta do ambiente. Ana e Artur correm para a janela quando escutam a carreira entrando na rua da casa. Eles se impressionam com a quantidade de pessoas correndo dos bois, pessoas de várias idades, até mesmo crianças.

Cada passo ou movimento realizado pelos bois vem acompanhado de uma gritaria enorme. Ana e Artur estavam se divertindo vendo as várias cenas hilariantes que acontecem durante a carreira. Na tentativa de fugir dos bois, as pessoas sobem no primeiro lugar que encontram, escorregam, caem, dão topadas uns com os outros, é uma confusão bem grande, e se cair à gozação também é enorme. Ana e Artur deram muita risada enquanto assistiam tudo da janela. Por um instante Artur ficou com vontade de estar lá no meio, mas também ficava com medo de se machucar.

Como os avós de Ana eram festeiros, a carreira passou pela casa onde eles estavam, de lá seguiu para a casa dos outros festeiros até finalizar todo o ritual da subida do boi. Ana ficou curiosa e queria saber para onde os bois vão depois que encerra o percurso da carreira. Foi até sua avó e perguntou:

- Vovó, o que acontece com os bois depois que termina a subida?

- Minha querida, após o fim do percurso, cada boi fica na casa do respectivo festeiro que o deu e durante a madrugada ele é morto – dona Benedita explicou para a neta.

- Nossa! Sério? Mas por quê? – Ana faz cara de espanto e questiona a avó novamente.

- Ana, durante toda a subida do boi não é permitido fazer nenhuma maldade

livro 4.indd 86 27/06/2014 15:06:12

com os animais. É mais uma brincadeira. Como o seu avô te explicou, os bois são doações dos festeiros, e o sacrifício dos animais acontece para a retirada da carne que é distribuída amanhã, durante a Entrega de Esmolas para várias famílias carentes, idosos e pessoas que precisam da carne como alimento. Esse ritual já faz parte durante muitos anos da Festa do Divino, é uma tradição – dona Benedita esclarece.

- Entendi – Ana responde e fica surpresa ao saber qual o objetivo principal da subida do boi e fica satisfeita com a explicação da sua avó.

Durante a noite, Artur, Ana e seus avós ainda participaram da ladainha na Igreja do Carmo e acompanharam a visita do mordomo ao imperador. O imperador ofereceu um banquete com várias coisas gostosas e teve também a distribuição do docinho de espécie. Cada vez que Ana comia aquele delicioso doce de coco ela se perguntava o porquê daquele nome, um dia ela ainda ia descobrir.

No sábado de manhã Maria chegou novamente na sede de Alcântara. Para o último final de semana de celebração ao Divino Espírito Santo, veio apenas a mãe de Ana, tia Inês e tio Ribamar tiveram que ficar para resolver algumas coisas no povoado. Maria chegou a tempo de acompanhar a filha e seus avós na Entrega de esmolas. Às nove horas da manhã começou a distribuição de alimentos e donativos (roupas, sapatos, produtos de higiene) aos idosos. A distribuição é realizada pelo imperador e os mordomos, mas algumas pessoas vão para ajudar. Ana estava adorando participar de mais este evento tradicional que compõe a Festa do Divino de Alcântara.

Para encerrar o último sábado da festa, durante a noite aconteceu uma missa e ladainha na Igreja do Carmo e depois muitas pessoas acompanharam o mordomo-régio em sua última visita ao imperador. O próximo dia, Domingo de Pentecostes, terminaria a Festa do Divino daquele ano. A família de Ana chegou cedo até a Igreja do Carmo para conseguir bons lugares e assim acompanhar tranquilamente a missa de encerramento, marcada para as nove horas da manhã.

Ana havia colocado um dos vestidos que sua avó Benedita lhe deu. Este era um vestido azul, com mangas na altura dos ombros, e somente na saia havia algumas estampas pequenas de flores. Até Artur comentou que o vestido da prima era bonito, o restante da família dizia que a garota estava linda. Ana ficou um pouco envergonhada, mas gostando dos elogios.

livro 4.indd 87 27/06/2014 15:06:17

Ana achou a missa de Pentecostes muito emocionante e bonita. Ela observou que todos os membros da corte imperial estavam presentes. Após a missa muitas pessoas vão para a sede do império na Casa do Divino, onde o imperador recebe a todos, seus convidados com muita pompa e luxo para oferecer um delicioso banquete com mesa bastante farta e muitos doces.

Ana e Artur estavam adorando aquele almoço, várias pessoas foram chegando e rapidamente a Casa do Divino estava lotada. Ana achou a comida deliciosa. O avô de Ana explicou que o banquete é o ponto alto da festa que atrai centenas de pessoas para a cidade de Alcântara. Após esta recepção, inicia-se o último ritual da festa. Toda a corte, centenas de participantes saem pelas ruas, ao som das caixeiras para a Procissão da Crôa, da coroa. A procissão termina na Igreja do Carmo onde é celebrada a missa de encerramento da Festa do Divino e iniciada a Leitura do Pelouro, quando os nomes dos festeiros sorteados para o próximo ano são revelados a todos os presentes na igreja.

Ana acha diferente a reação das pessoas esperando a leitura dos nomes dos festeiros. Quando os nomes são lidos, a comemoração e entusiasmo tomam conta da igreja. Mesmo sabendo o grande trabalho que viria dali para frente, as famílias dos festeiros comemoram e se emocionam ao saber que estarão responsáveis por organizar a Festa do Divino do ano que vem. E com a Leitura do Pelouro, a festa se encerra.

Tudo havia sido além das expectativas de Ana. Como aqueles dias na sede de Alcântara, participando de toda a programação, cerimônias e ritos da Festa do Divino haviam sido especiais para Ana, pois ela teve experiências e vivenciou coisas que jamais havia imaginado existir, ou jamais teria tido a oportunidade de ver se não tivesse ido morar em Tapuitapera. Os valores culturais existentes na Festa do Divino nos revelam um conjunto de práticas e representações sociais que são capazes de compor uma das principais referências culturais da cidade.

No outro dia pela manhã, Ana se despede dos avós, as lágrimas correm em seu rosto, afinal foram muitos dias com eles e agora ela nem sabia quando iria a São João de Côrtes novamente para revê-los. Era hora de voltar para casa, para a escola, para a vida em Tapuitapera.

livro 4.indd 88 27/06/2014 15:06:20

Convivendo juntos: o novo e o antigo

Durante a Festa do Divino Espírito Santo em Alcântara, Ana pode perceber como cada lugar da cidade é importante para os elementos da Festa, e principalmente como cada imóvel, monumento, compõem um cenário único que muitas vezes mistura o antigo com o contemporâneo. É necessário esclarecer que o tombamento de um conjunto urbano não impede que ele seja utilizado para novos usos. Muitas pessoas confundem, e acham que ao tombar um imóvel para preservá-lo como símbolo de um momento histórico de importância para o Brasil, ele deve ser utilizado apenas com a mesma função de quando foi construído, impedindo que ele seja readaptado à realidade atual. Isso é um engano.

É totalmente possível que a arquitetura antiga e contemporânea convivam harmoniosamente juntas e novas necessidades sejam incorporadas as edificações históricas. Nesse sentido, o importante é que o imóvel tombado seja usado e não fique abandonado, pois o abandono do imóvel fará com que ele se deteriore mais rápido. Portanto, o imóvel tombado pode adquirir novo uso, o que será considerado é a harmonia entre a preservação das características do edifício e as adaptações necessárias ao novo uso. Atualmente, inúmeras edificações antigas, cuja função original não existe mais, são readaptadas para uma nova utilização.

Essa perspectiva vem sendo aplicada há muito tempo em vários lugares pelo país. Em Alcântara, por exemplo, é possível observar o que estamos falando. Muitos imóveis que durante os séculos XVIII e XIX foram construídos com a função de residência, os casarões dos grandes produtores agrícolas, atualmente ganharam novos usos. Alguns viraram comércios, outros museus, orgãos públicos, agências bancárias.

A proteção do patrimônio cultural urbano está diretamente vinculada à melhoria da qualidade de vida da população, pois a preservação da memória é uma demanda social tão importante quanto qualquer outra atendida pelo serviço público. O tombamento não tem por objetivo "congelar" a cidade. De acordo com a Constituição Federal, tombar não significa cristalizar ou perpetuar edifícios ou áreas, inviabilizando toda e qualquer obra que venha contribuir para a melhoria da

cidade. Preservação e revitalização são ações que se complementam e, juntas, podem valorizar bens que se encontram deteriorados.

Para essa convivência harmoniosa entre o antigo e o novo, é possível que o imóvel tombado seja modificado, porém devem-se manter as suas características, de modo a preservar seu significado cultural. Assim, toda e qualquer obra, deverá ser previamente aprovada pelo órgão que efetuou o tombamento. A aprovação depende do nível de preservação do bem e está sempre vinculada à necessidade de serem mantidas as características que justificaram o tombamento. A maioria dos órgãos de preservação fornece gratuitamente orientação aos interessados em executar obras de conservação, ou restauração em bens tombados, como é o caso do Iphan.

Além disso, a conservação é sempre necessária, e consiste em um conjunto de intervenções e, posteriormente, de controle do estado de equilíbrio das estruturas e dos materiais, dentro de padrões considerados regulares e compatíveis com as condições presentes e favoráveis à identidade da edificação. Já a reconstrução é o restabelecimento exato do estado anterior conhecido de um bem. Admite o uso de materiais diferentes dos originais, sejam novos ou antigos. E a restauração é um conjunto de atividades que visa a restabelecer o estado original ou próximo deste e anterior aos danos decorrentes da ação do tempo, ou do próprio homem em intervenções que descaracterizam um bem imóvel ou móvel. A restauração visa a garantir a permanência de um testemunho físico e real de época passada para gerações futuras.

Os processos de restauração são orientados por posturas consolidadas em Cartas Patrimoniais, que são documentos, cartas, recomendações referentes à proteção e preservação do patrimônio cultural, elaborados em encontros em diferentes épocas e partes do mundo. São políticas de preservação do Patrimônio Nacional desenvolvidas por órgãos de preservação que referenciam os valores patrimoniais quanto seus aspectos socioculturais.

livro 4.indd 90 27/06/2014 15:06:22

EXERCÍCIOS CAPÍTULO VII

Interpretando o texto

1. O que Ana e Artur faziam durante os intervalos entre os eventos da Festa do Divino? Qual o objetivo dessas atividades realizadas pelos dois?
2. Explique, por que vários espaços urbanos de Alcântara, e que foram observados por Ana e Artur, inseridos na perspectiva do patrimônio cultural, podem ser considerados "lugares"?
3. Por que Ana e Artur estavam animados com as festividades da última sexta-feira da Festa do Divino? O que iria acontecer?
4. Após conversar melhor com Carla, qual a conclusão que Ana chegou?
5. Você já viu a subida do boi? O que achou? Como você já participou da Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara? O que você mais gosta na Festa?
6. Relate como ocorre o encerramento da Festa do Divino Espírito Santo de Alcântara.

Meu glossário

Agora faca seu próprio glossário. De as definições das palavras a seguir. Lembre-se de dar exemplos.

- Pompa
- Reverenciado
- Contemporâneo

Trabalhando o quadro explicativo

1. O tombamento de um conjunto urbano impede que ele seja modificado? Explique.
2. É possível que a arquitetura contemporânea e antiga convivam juntas? Explique isso é dê exemplos.
3. Escolha um imóvel que está dentro do conjunto urbano tombado de Alcântara, mostre qual foi a sua utilização original e como ele está sendo utilizado atualmente. Mostre qual o novo uso ele adquiriu.
4. Ao modificar um imóvel tombado, o que se deve manter para que ocorra a convivência harmoniosa entre o antigo e o novo?
5. Explique as diferenças entre: conservação, reconstrução e restauração.
6. O que são as Cartas Patrimoniais? Pesquise alguma e apresente para a sua turma quais os critérios e sugestões de preservação do patrimônio cultural ela apresenta.

livro 4.indd 91 27/06/2014 15:06:23

CAPÍTULO VIII

Vamos pesquisar os lugares! Vamos salvar Ana!

A rotina em Tapuitapera continuou. Durante muitos dias Ana, Artur e José ficaram ocupados com os estudos e as tarefas da escola. As provas semestrais estavam chegando, enquanto isso nada de brincadeiras. Mesmo envolvida com as atividades e trabalhos na Associação, Maria acompanhava os estudos de Ana bem de perto. Saber o que Ana estava aprendendo e cobrar responsabilidade com a escola é de extrema importância para que sua filha tenha uma ótima formação. Maria ia fazer de tudo para que a filha concluísse os estudos básicos em Alcântara e depois entrasse em uma universidade em São Luís.

O pai de Ana dizia para Maria que o sonho dele era ver a filha com uma formação superior. Maria já havia conversado muito isso com Ana. Certo dia, quando a filha manifestou um pouco de preguiça para fazer uma lista de exercícios de matemática, Maria colocou-se a falar:

- Ana, pode parar com essa preguiça! Pare de reclamar e vai terminar sua tarefa.

- Ah não mamãe! Pra quê tanto exercício? Quando eu vou usar isso na minha vida? – Ana disse em tom de muita reclamação.

- Quando ou onde você vai usar eu não sei. Só sei que você vai precisar disso quando tiver que entrar na faculdade – Maria respondeu com falta de paciência.

- Mamãe, eu nem sei se eu vou fazer faculdade! – respondeu Ana – Eu não quero sair daqui, eu não quero ir morar em outro lugar.

- Ana minha filha, agora você não entende, mas se você gosta daqui, se você quer fazer algo de bom para cá, se você quiser melhorar a qualidade de vida das pessoas que vivem aqui, dos seus amigos, da sua família? Você vai precisar aprender mais sobre toda a realidade social, econômica, política e cultural do nosso país e até do mundo. Por isso você precisa estudar muito, fazer um curso superior.

- Como assim mãe? Não entendi! – Ana questiona.

- Minha filha, muitos jovens que saem daqui buscando viver de outra maneira, em busca de outras perspectivas, como eu e seu pai fizemos, não compreendem que o importante é sair, aprender e voltar para trazer melhorias e aplicar o que aprendeu aqui. Aqui em Tapuitapera, em São João de Côrtes, em Itamatatiua, em São Lourenço, em Peri-Açu, em Pacuri e vários outros povoados de Alcantâra. Essa Associação que eu organizei com a ajuda da sua Tia Inês e outros moradores é um exemplo disso.

livro 4.indd 92 27/06/2014 15:06:28

- Agora sim eu compreendi – com mais calma, Ana responde e continua – Depois que eu concluir os estudos em algum curso superior, eu posso voltar para Alcântara e colocar em prática o que aprendi.

- Isso mesmo! Por isso você tem que estudar e fazer tudo que a escola mandar e depois pensar em um curso superior que você quer fazer – Maria responde animada para a filha.

- Hummm me deixa pensar! Acho que vou fazer arqueologia igual à Júlia, ou arquitetura pra poder trabalhar com a recuperação dos bens culturais tombados de Alcântara.

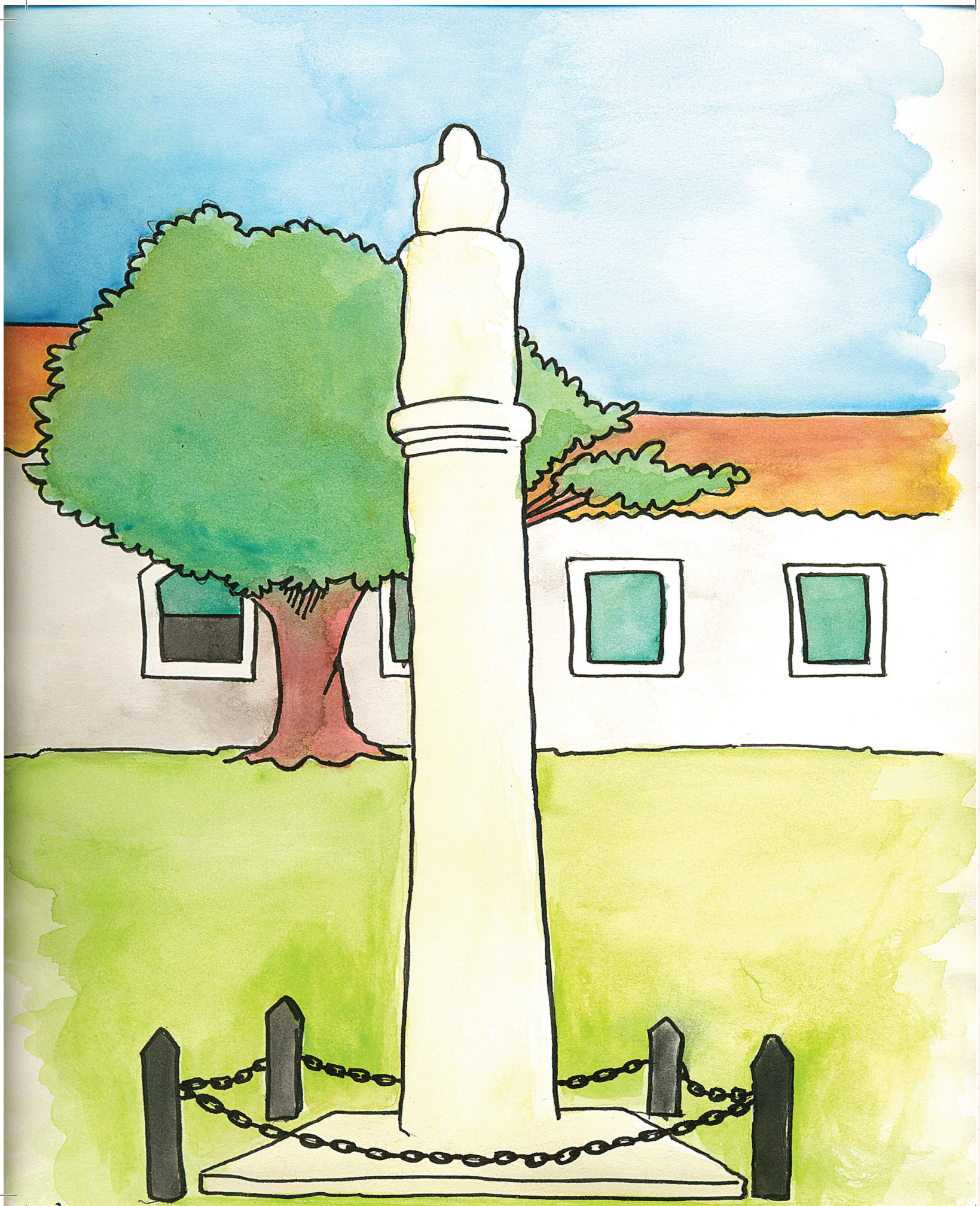
Depois de pensar em arqueologia e arquitetura, Ana falou pelo menos mais umas dez profissões. A garota tinha entendido bem o que a mãe explicou. Sem conhecimento não é possível compreender as necessidades e mudanças que podem ocorrer nos lugares onde vivemos e assim lutar por melhorias.

O foco do segundo semestre era a finalização do "Inventário Cultural de Alcântara". A professora Sandra e os técnicos do Iphan, Júlia e Carlos, organizaram o cronograma de cinco visitas à sede de Alcântara. Eles iriam acompanhar a turma em todas as visitas. Os alunos estavam bastante animados com este projeto. Ana e Artur só conversavam sobre isso. Mesmo brigados, quando se tratava do Inventário, Ana e José conversavam pouco, mas estavam conseguindo fechar as dúvidas que surgiam no grupo de trabalho deles.

Chegou o dia de realizar a primeira visita à sede de Alcântara, a professora aconselhou a todos os alunos a vestirem roupas confortáveis e frescas, a levar garrafinhas com água, e chapéus ou bonés, pois eles andariam muito ficando um bom tempo expostos ao sol. Em sua mochila, Ana levava seu caderno de anotações, o gravador, uma vasilha com lanche que sua mãe fez e a garrafinha com água. O micro-ônibus saiu da escola em direção à Alcântara, Carlos e Júlia estavam na Praça da Matriz esperando os alunos.

Assim que todos desceram do micro-ônibus e se organizaram próximos ao pelourinho, Carlos e Júlia deram algumas instruções sobre como eles iriam conduzir as entrevistas e conversas com alguns moradores, entregaram as fichas do Inventário para cada grupo, sendo que as fichas entregues estavam coerentes com a categoria de patrimônio cultural que cada grupo estava responsável por pesquisar, como por exemplo, o grupo da Ana estava com a categoria dos "Lugares".

livro 4.indd 93 27/06/2014 15:06:33



livro 4.indd 94 27/06/2014 15:06:37

Os grupos receberam também um texto que explica melhor o que cada categoria significa e quais bens se encaixam nas categorias. Assim que receberam o material, o grupo de Ana se sentou próximo ao banco da Praça da Matriz que fica em frente ao Museu Histórico de Alcântara e Ana foi ler o texto para os amigos. O texto deixou bem claro que os "Lugares" são territórios, espaços, edifícios, construções ou parte deles que possuem significados especiais.

Esses significados costumam estar associados à forma como o território é utilizado ou valorizado por certo grupo; são as experiências dessas pessoas que dão sentido especial a um lugar. Pode ser um bosque, um rio, um sítio arqueológico, uma praça, uma construção, ou mesmo um conjunto desses elementos (uma paisagem inteira!).

O texto explica que os lugares também podem ser espaços construídos pelo homem. As edificações podem ser de diferentes épocas e estilos e podem servir para diferentes finalidades. O importante é que elas representem uma referência para as pessoas. Um lugar pode ser importante para uma comunidade por ser referência de seu dia a dia, suas crenças. Esses lugares são essenciais para o Inventário, e podem significar novas descobertas, novos patrimônios que merecem ser cuidados. E assim Ana e seu grupo saíram por Alcântara em busca desses lugares.

Todos estavam adorando fazer e participar deste trabalho. As conversas com os moradores, entrevistas, fotografias. José que era bom de desenho também estava desenhando os lugares que eram apontados e citados durantes as entrevistas. Aos poucos parte da população foi se envolvendo com o trabalho dos alunos. Alguns moradores começaram a ajudá-los. A cada visita os alunos conseguiam muitas informações, e depois, na escola com a orientação da professora eles organizavam essas informações e os dados obtidos conforme as fichas.

Para compor a categoria de Lugares do "Inventário Cultural de Alcântara", o grupo de Ana selecionará os lugares que foram mais citados e comentados pelos moradores da sede, de Itamatatiua e Tapuitapera, ou aqueles lugares que de alguma forma eles consideram que representam a cultura e são símbolos da história do município. Depois de selecionar e organizar as informações eles preenchem uma ficha para cada Lugar, a união de todas essas fichas compõe a categoria de Lugares e vai para o Inventário, junto com as fichas das outras categorias (objetos, celebrações, formas de expressão e saberes).

livro 4.indd 95 27/06/2014 15:06:41

A primeira parte de cada ficha de Lugar é composta da Identificação. Essa parte possui o nome oficial do Lugar e os nomes pelos quais ele é popularmente conhecido. Em um dos campos dessa parte deve ser inserido um quadro de imagens ou um desenho do Lugar. É necessário contar de forma resumida o que é o lugar, como por exemplo: em Itamatatiua, os moradores mostraram pra Jéssica, Guilherme e Carla, que um lugar de grande importância para eles é a casa onde funciona há 18 anos a Associação de Mulheres de Itamatatiua, assim eles colocaram na Ficha.

Na parte da Identificação coloca-se também a localização do Lugar. No Ficha da Associação de Mulheres de Itamatatiua, o grupo de Ana colocou que o Lugar está localizado em um povoado do município de Alcântara, de acesso um pouco complicado. Além da localização, a Ficha solicita a descrição dos períodos importantes sobre o Lugar, ou seja, o dia e mês determinado por ocasião de alguma celebração; os períodos do ano que marcam a dinâmica do lugar. Por exemplo, vários lugares na sede em Alcântara são marcados por causa da Festa do Divino.

Ainda na Identificação conta-se um pouco da história do lugar, mostrando as transformações que nele ocorreram. e para finalizar essa parte, no campo dos Significados, descreve-se quais os significados e funções que o lugar possui para a comunidade. É neste campo que podem ser descritos os vínculos do lugar com algum fato da história, se ele tem importância especial para alguém, se possui elo com algum outro lugar. No caso da Associação de Itamatatiua, o grupo de Ana explicou que a importância dada a casa existe porque o artesanato produzido pelas mulheres da Associação é um conhecimento que foi passando por várias gerações, sendo herança também de uma permanência quilombola.

Os alunos explicam, nessa parte da ficha, que o artesanato em argila manufaturado pelas mulheres quilombolas é reconhecido internacionalmente, graças principalmente a tradicional forma com que os produtos são elaborados, feitos de maneira completamente manual. Segundo o que foi relatado por alguns moradores do povoado, existem várias técnicas de fabricação de peças, mas uma das mais antigas e interessantes é a moldagem utilizando serpentinas de argila, as artesãs mais antigas a dominam com precisão. O grupo de Ana colocou na Ficha fotos das peças produzidas pelas mulheres artesãs de Itamatatiua: panelas, alguidares, vasos, esculturas de mulheres etc.

livro 4.indd 96 27/06/2014 15:06:46



A segunda parte da Ficha é composta pelos campos da Descrição. Nesta parte os alunos tiveram que descrever quais são as pessoas envolvidas com o Lugar, a Associação, por exemplo, possui cinquenta e seis membros cadastrados. Além disso, é necessário descrever quais as condições de conservação do Lugar, se ele está bem cuidado, quais as pessoas que se empenham para proteger e preservar o Lugar.

Assim, o grupo de Ana e os outros grupos da turma da escola foram realizando suas pesquisas, tanto na sede de Alcântara, quanto em vários povoados do município. A maior parte dos alunos estava se divertindo e gostando muito de realizar este trabalho. A turma se preparou para realizar a última visita na sede. Todos estavam animados porque logo o trabalho estaria pronto, e eles iriam reunir as fichas de cada grupo e formar um único dossiê, encerrando o Inventário Cultural de Alcântara.

A última visita seria apenas para os alunos confirmarem algumas informações, Ana estava animadíssima, pois o trabalho de seu grupo estava ficando muito bom. Todos trabalharam direitinho, e tudo estava saindo conforme eles planejaram. Os alunos passaram

livro 4.indd 97 27/06/2014 15:06:53

o dia na sede de Alcântara. Às cinco horas da tarde, todos deveriam estar na Praça da Matriz para entrar no transporte escolar e retornar para suas casas. Quando Ana e seu grupo estavam retornando da Igreja do Carmo, onde eles tinham ido verificar algumas informações, e José queria fotografar mais, pois as outras fotografias do Lugar não ficaram boas. Ana foi pegar sua caderneta para fazer uma anotação. Ana puxou a mochila de suas costas para frente, abriu o zíper e não encontrou o que queria.

Rapidamente veio a mente de Ana que ele deixou a caderneta sobre a mureta da Igreja, pois enquanto José tirava as fotos do lugar, eles ficaram esperando e ela estava com a caderneta nas mãos, mas colocou sobre a mureta para pegar a garrafinha de água. Ana se volta para trás correndo e fala para os amigos:

- Vou voltar lá na Igreja para buscar minha caderneta, não deixe o transporte partir sem mim.

Antes dos amigos falarem alguma coisa, a garota já estava lá na frente. José ainda pensou: "Mas ela vai sozinha?", porém como os dois ainda não tinha feito às pazes, ele ficou sem coragem de ir atrás da amiga. Enquanto o restante do grupo seguiu para a Praça da Matriz onde a professora, Carlos e Júlia os aguardavam. Ana corria para pegar o que havia esquecido, ela não queria deixar todos a esperando por muito tempo.

Assim que os garotos chegaram ao local combinado, Júlia percebeu a ausência de Ana:

- Cadê a Ana? – Ela não veio com vocês? – A arqueóloga pergunta com um tom de voz de reprovação e Artur responde.

- Ela voltou até a Igreja do Carmo porque tinha esquecido a caderneta dela lá.

- Mas vocês a deixaram sozinha? Não foi esse combinado! O combinado era que ninguém poderia ficar sozinho – Júlia diz com tom de reprovação aos garotos.

- Júlia, você conhece a Ana – Artur completa – Quando ela decide fazer algo ninguém impede. Foi muito rápido, ela percebeu que tinha esquecido a caderneta e logo voltou para trás e começou a correr, não chamou ninguém para ir com ela.

- Tá bom, vamos esperar! – diz Júlia com preocupação.

A noite começou a cair e nada de Ana aparecer. Todos já estavam dentro do micro-ônibus esperando para poder partir e Ana ainda não tinha voltado. Júlia, Carlos e a professora ficaram do lado de fora para poder ver se a garota chegava. Artur olhava a todo instante pela janela, estava inquieto e pensava "Por que Ana está demorando tanto?". José começou a ficar preocupado, sentou-se ao lado de Artur e os dois ficaram olhando juntos pela janela.

livro 4.indd 98 27/06/2014 15:06:59

Conforme o tempo passava, todos ficavam ansiosos e preocupados. Não havia nenhum sinal de Ana. Até que Carlos cansou de ficar parado esperando e resolveu ir atrás da garota para procurá-la. Ele entrou no micro-ônibus para pegar informações com os amigos dela para poder fazer o mesmo caminho. Artur e José explicaram que os dois, a Carla, a Jéssica e o Guilherme, saíram da Igreja do Carmo e chegaram até a Praça da Matriz pela Rua Grande. Carlos questiona:

- Mas a Ana estava com vocês o tempo todo?

- Sim. Ficamos o dia todo juntos. Ela só se separou de nós quando voltou para pegar a caderneta que ela esqueceu sobre a mureta da Igreja – José explica.

- Será que ela se perdeu? – Carlos levanta uma hipótese.

- Acho que não! – responde Artur. Ana é muito esperta, ela não viveu aqui, mas já conhece muita coisa. E outra, ela sabe muito bem o caminho, e nem é tão longe. Já era pra ela ter chegado há muito tempo. Alguma coisa aconteceu com ela e nós estamos aqui parados até agora.

-Vamos encontrá-la. Não deve ser nada de ruim. Eu vou voltar até a Igreja e ver se ela não está por lá – Carlos diz e ao mesmo tempo pensa "Assim espero".

- Eu vou com você – José fala.

- Eu também vou – completa Artur.

- Tudo bem! Então vamos! – conclui Carlos.

Carlos avisa o que estava acontecendo aos alunos sentados nas poltronas do micro-ônibus, e que eles iam atrás para tentar encontrar a Ana. Carlos diz que assim que eles a trouxessem de volta, todos iriam voltar pra casa. Ninguém reclamou, pois todos estavam preocupados com o sumiço de Ana.

Júlia e a professora ficaram com os outros alunos enquanto Carlos, Artur e José voltaram até a Igreja do Carmo para procurar a Ana. A noite já tomava conta do céu e quando os três chegaram ao local onde Ana havia voltado para pegar sua caderneta, a garota não estava, não havia nenhum rastro que ela havia passado por lá. Apenas José que notou algo e disse:

- A caderneta não está sobre a mureta. Isso significa que a Ana veio até aqui mesmo, mas pra onde ela foi depois? Onde ela se enfiou? – José fala e começa a chorar.

- José, fique calmo! Não precisa se apavorar, vai dar tudo certo! Aquela danadinha deve ter ido fazer alguma coisa e por isso está demorando – Artur diz para o amigo tentando acalmá-lo, mas no fundo ele também estava sentindo que alguma coisa estava errada.

livro 4.indd 99 27/06/2014 15:07:04

- Isso José! Não precisa se apavorar – completa Carlos – Ana vai aparecer muito antes do que a gente imagina. Vamos voltar para a Praça, às vezes ela já chegou por lá.

Os três retornaram e quando chegaram próximos ao micro-ônibus, Júlia balançou a cabeça de maneira negativa, significando que Ana não havia chegado. Deste momento em diante a preocupação de todos aumentou, eles resolveram esperar só mais meia hora, se ela não aparecesse, eles teriam que ir até a polícia.

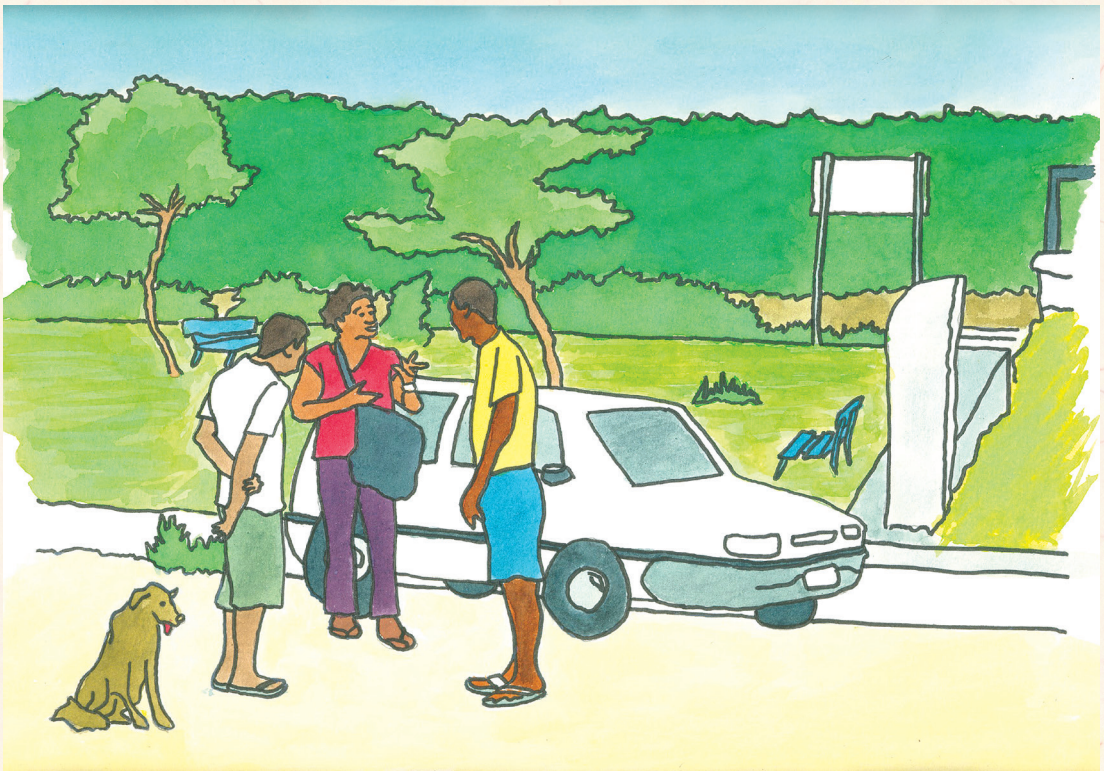
Artur e José andavam de um lado para outro sem parar. A professora Sandra estava muito apavorada e resolveu entrar para o micro-ônibus e olhar os outros alunos. Ela queria garantir que mais nenhum desaparecesse. Mais meia hora se passa e Ana não aparece. Júlia e Carlos vão até o posto policial, acompanhados por Carlos e José. Os dois técnicos do Iphan explicam o que eles estavam fazendo em Alcântara com aquele grupo de estudantes e que um destes estava desaparecido.

Os policiais perguntam como é a garota que está desaparecida. Júlia descreve Ana muito bem. José se lembra de que Ana aparece em algumas das fotos que eles tiraram para a pesquisa. Apressadamente ele tira a máquina no pescoço e mostra para os policiais. A partir daquele momento eles iniciaram uma busca, mas deixaram bem claro que não poderiam olhar muitos lugares, pois a quantidade de profissionais que atuam na cidade é pouca, e que por isso poderia demorar a realizar uma busca melhor.

Assim que ouviram isso, Artur e José decidiram que não iam ficar esperando. Carlos concordou com os garotos. Os três saíram em busca de pistas ou sinais que pudessem levar até Ana. Júlia resolveu sair batendo de porta em porta mostrando a foto de Ana e perguntando se alguém teria visto a garota em algum lugar. Para que os pais dos outros alunos não ficassem preocupados, a professora Sandra decidiu retornar para os povoados com eles, pois já estava tarde e passava muito do horário combinado para levá-los embora.

Quando o micro-ônibus chegou à praça da igreja em Tapuitapera, os pais de Artur e José e a mãe de Ana estavam em pé esperando os filhos. A professora desceu e foi conversar com eles. Quando ela contou que Ana tinha desaparecido e que Artur e José haviam ficado na sede com o Carlos e a Júlia para procurá-la, Maria desmaiou nos braços de Inês. Assim que Maria recuperou os sentidos, ela se levantou dizendo que ia para a sede atrás da filha. Os pais de Artur e José também decidiram ir juntos. Eles conseguiram um carro que os levaria até lá, todos estavam apavorados e preocupados.

livro 4.indd 100 27/06/2014 15:07:09



Quando Maria chegou à sede, muitas pessoas estavam reunidas em frente à Igreja do Carmo, até os avós de Ana já estavam lá. Senhor Joaquim e dona Benedita ficaram sabendo da notícia por telefone, pois como muitas pessoas conhecem os dois e sabiam também que Ana era a neta deles, ligaram em São João de Côrtes e pediram para avisá-los.

As pessoas se dividiram em grupos e saíram à procura de Ana. Maria chorava sem parar, dona Benedita tentava acalmá-la, mas ao mesmo tempo pensava: "Agora que encontrei minha neta, não é possível que eu vá perdê-la". O avô de Ana decidiu que não iria ficar parado. Saiu para procurar a neta também. Já era muito tarde, início da madrugada e ninguém havia encontrado nada que pudesse levar até Ana.

Muitas coisas ruins se passavam pela cabeça de Maria: "Será que alguém pegou a minha filha? Quem poderia fazer isso? Será que ela se machucou? Será que levou ela para outro lugar, já devem estar longe! Não acredito que isso está acontecendo". Carlos, Artur e José continuavam a procura da amiga. Eles estavam na ladeira do Jacaré quando en-

livro 4.indd 101 27/06/2014 15:07:17

contraram o senhor Joaquim, ofegante e com a expressão de muita preocupação. Artur e José contaram nos mínimos detalhes tudo o que aconteceu, o que preocupou mais ainda o avô de Ana.

- Vocês estavam dentro da cidade, e mesmo assim ela sumiu? Vocês estavam perto da Praça da Matriz, como minha neta pode ter sumido? – senhor Joaquim questionava indignado.

- É isso mesmo senhor Joaquim, também não sabemos o que ocorreu – José respondeu com muita tristeza na voz e completou – Se acontecer alguma coisa de ruim com ela, eu não vou aguentar.

A madrugada foi seguindo o seu percurso normal, mas não trazia notícias da Ana. Até que Artur teve uma ideia:

- Estamos procurando apenas dentro da cidade, e se a gente começar a procurar do lado de fora, contornado a cidade no sentido da Igreja do Carmo para a Praça da Matriz? – sugere Artur, o mais esperançoso de todos.

- Acho uma ótima ideia! – completou Carlos.

- Eu também concordo, se conheço bem a Ana, é a cara dela procurar coisas novas, mesmo que seja testar ou conhecer um caminho novo – José disse acreditando que iria dar certo.

- Mas se ela passou por fora, mesmo assim já deveria ter chegado há muito tempo – senhor Joaquim se manifestou querendo levantar todas as possibilidades.

- Não custa nada tentar, vamos lá? – Artur responde com a certeza de que havia sugerido algo muito bom!

José, Artur, Carlos e o avô de Ana entraram na Rua do Sossego, atrás da Igreja do Carmo. O senhor Joaquim era o único que tinha uma lanterna nas mãos, ele ia à frente para iluminar o caminho para os outros. Eles resolveram entrar na mata que fica entre a Rua do Sossego e a praia. Mesmo que a mata não seja muito fechada, o acesso era difícil, muitos galhos no chão que no escuro complicava a passagem. Depois de olhar em vários lugares, eles já estavam desistindo. José começa a chorar novamente. O senhor Joaquim decide retornar. Quando todos caminham para fora da mata, Artur dá mais uma olhada para o lado e grita:

- Espere! Eu vi alguma coisa bem ali.

Artur saiu correndo na direção do que tinha visto, quando ele agachou e levantou um

livro 4.indd 102 27/06/2014 15:07:22

objeto com a mão, era a mochila de Ana. Todos voltaram apressados. A mochila estava inteira, apenas suja, eles abriram a mochila e tudo estava lá dentro, inclusive a caderneta. O avô de Ana fala com apreensão:

- Então ela passou por aqui mesmo. Vamos olhar tudo, cada buraquinho, atrás de cada árvore.

- Vamos sim! Ela deve estar aqui por perto! – Carlos disse com confiança.

José e Artur começaram a gritar o nome de Ana.

Eles ficaram ainda mais ansiosos. De repente eles escutam uma voz fraca e trêmula, pedindo socorro. Tentaram seguir o som da voz, mas era muito baixa. Os quatro se desesperam e chamam ainda mais por Ana. Cada um estava próximo um do outro, mas procurando em lugares diferentes. Até que José grita bem alto:

- Achei, eu encontrei! Ana, Ana fala comigo. Sou eu, José.

Todos saem correndo e vão ao encontro de José que estava debruçado no chão, com as mãos lançadas sobre um buraco fundo. E lá embaixo estava Ana. José chorava muito, Carlos retira-o do chão e pede calma, enquanto isso José fala para Artur:

- Ela está lá embaixo. Ela está machucada, precisamos tirá-la logo.

O avô de Ana pediu para que eles ficassem lá enquanto ele voltasse à cidade para buscar ajuda e uma maneira de tirar Ana do buraco sem machucá-la mais. Artur, José e Carlos ficaram. Os três tentaram falar com ela, mas a garota não respondia nada. Passou-se alguns minutos e o senhor Joaquim voltou com um grupo de pessoas, inclusive dois bombeiros que tinham sido avisados pela polícia e estavam ajudando nas buscas. Eles retiraram Ana do buraco com muito cuidado, ela estava desmaiada, por isso foi levada diretamente para o posto médico.

Ana foi levada para a enfermaria e ficou sobre cuidados médicos. Maria ficou o tempo todo perto da filha. A manhã já havia iniciado. Depois que as coisas se acalmaram, Ana dormia com tranquilidade após ter sido medicada. Maria contou para as pessoas que aguardavam notícias do lado de fora da enfermaria. Ana conversou pouco com ela, mas lhe contou que decidiu voltar para a Praça da Matriz, pela praia depois que pegou sua caderneta. Ela queria ver o mar, por isso cortou caminho por dentro da mata para pode chegar mais rápido, a última coisa que se ela lembra foi de ter escorregado e depois já acordou dentro do buraco, a cabeça dela doía muito e ela só conseguiu gritar por socorro duas vezes.

livro 4.indd 103 27/06/2014 15:07:27

Os médicos disseram que ela bateu a cabeça com muita força e deve ter desmaiado. Além de ter machucado a cabeça, Ana quebrou um dos pés, uma costela e também foi picada por muitas formigas. A garota teria que ficar de repouso por muitos dias, mas estava bem. José pediu para entrar e ver Ana. Maria deixou, quando ele entrou e chegou perto da garota, ela abriu os olhos. A emoção tomou conta dos dois e com os olhos cheios de água José disse:

- Eu encontrei você Ana! Achei que nunca mais ia te ver!

- Você me salvou José. Muito obrigada! Desculpe por ter brigado com você. Eu sinto muito a sua falta – Ana disse com a voz fraca, mas cheia de sentimento.

- Eu também sinto muito a sua falta – José confirmou o que disse com um forte e demorado abraço em Ana, depois levantou a cabeça e deu um beijo em sua testa.

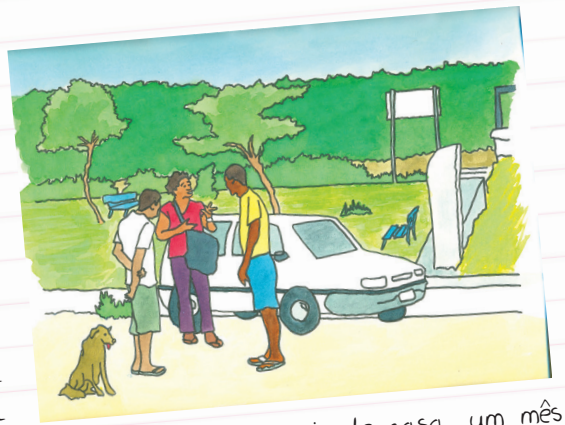


livro 4.indd 104 27/06/2014 15:07:36

Alcântara, 20 de novembro.

Querido Diarinho,

Minha vida este ano está sendo muito intensa. Quantas coisas aconteceram. Eu não parei um segundo, sempre com alguma coisa legal para fazer, somente agora que estou de repouso que deu tempo de escrever aqui.



Mesmo machucada, minha mãe me deixou de castigo. Vou ter que ficar até o final do ano sem sair de casa, um mês inteiro sem poder ir à casa de ninguém, nem dos meus avós. Tudo por causa do meu acidente. Ela disse que a culpa foi minha, que eu desobedeci às ordens da professora e as dela também e por isso aconteceu o que aconteceu. Eu acho que nem precisava de castigo, porque depois do que eu passei, nunca mais apronto uma dessas. Foi horrível cair naquele buraco escuro, eu ainda estou machucada, sinto algumas dores, principalmente na costela, até as picadas de formiga ainda coçam. Nem sei quando vou poder dançar tambor de crioula novamente. Então eu mesma me castiguei não é?!



Não pude ir à escola mais, o José e o Artur estão trazendo as tarefas e matérias para mim. E vou ter que fazer as provas finais depois, enquanto todos já vão estar de férias. Agora, tudo isso trouxe uma coisa boa, eu e José fizemos as pazes e vai ser pra sempre. Nunca mais vamos brigar. Agora eu sei que ele gosta de mim mesmo e eu gosto muito dele. Ainda somos novos para poder namorar, mas por enquanto vamos curtindo a nossa amizade e companheirismo. Ele me disse que não existe nada além de amizade entre ele e a Carla, que ele gosta mesmo é de mim. Fiquei sem graça quando ele me disse isso, mas achei bom!

Fiquei sabendo da quantidade de pessoas que ficaram me procurando enquanto eu estava caída no buraco. Sei que agi errado deixando as pessoas preocupadas comigo, principalmente a mamãe, vovó Benedita e o vovô Joaquim, o Artur e o José, mas fico feliz em saber que todos eles gostam muito de mim. Eu prometo que nunca mais vou deixar eles tristes e preocupados.

Como eu fiquei no posto médico mais de uma semana e ainda estou de repouso, não pude acompanhar na escola a finalização do "Inventário Cultural de Alcântara", mas meu grupo veio aqui em casa duas vezes pra gente fechar algumas coisas juntos antes de terminar a nossa parte. A categoria de Lugares ficou muito boa segundo a avaliação da professora, do Carlos e da Júlia, descrevemos vários bens culturais que se encaixam na categoria de lugares e foram considerados pelos moradores essenciais para a história e cultura de Alcântara, tais como: a capela de Nossa Senhora das Mercês, a Fonte das Pedras, várias ruínas, a Praça da Matriz com o pelourinho e as ruínas da Igreja de São Matias, a Casa do Divino, alguns imóveis que possuem os azulejos portugueses, as ruas por onde passam as romarias durante a Festa do Divino e a subida do boi etc. Tudo isso representa algo especial para os alcantarenses.

livro 4.indd 106 27/06/2014 15:08:05

As fichas elaboradas pelos outros grupos da minha turma de escola foram unidas as nossas fichas e a junção de todas as categorias formou o "Inventário Cultural de Alcântara". Dizem que o trabalho final ficou muito bom. Carlos e Júlia ficaram satisfeitos com o resultado, e levaram uma cópia do Inventário para a Superintendência do Iphan no Maranhão e outra cópia eles enviaram para a sede do Iphan em Brasília. Parece que este é o primeiro Inventário realizado por alunos.



A Associação de Artesãs de Tapuitapera, que foi organizada pela mamãe e pela tia Inês, estava indo muito bem. Várias encomendas vindas de São Luís foram feitas, e a mamãe fez um anúncio na internet que acabou levando uma loja de Paris, na França, a se interessar pelo trabalho da Associação.



Todos no povoado estavam empolgadíssimos com esta encomenda, até mesmo os homens estavam ajudando.

Fico muito feliz em ver minha mãe superando as dificuldades e gostando cada vez mais de viver aqui. Porque eu não quero ir embora nunca mais. Aqui é o meu lugar!



O Artur mostrou que realmente somos bons primos e ótimos amigos. Ele fez de tudo para me encontrar e sempre me dá todo apoio que eu preciso deste que cheguei por aqui. A vovó Nena anda bem fraquinha de saúde, ela é a única que minha mãe me deixa visitar, mas apenas acompanhada por ela que é pra não correr o risco de eu ir para outro lugar!

Eu já tenho certeza que vou estudar muito, vou ter uma profissão que contribuirá para proteção e preservação do rico patrimônio cultural e natural que existe aqui no município de Alcântara, pois é este patrimônio que traz vida para este lugar! É este patrimônio que mostra quem são os alcantarenses e por isso devemos sempre lutar pela sua preservação, temos uma história sofrida, porém que não deixa de ser linda, por isso temos guardar os seus símbolos para contá-la as futuras gerações.



O ano está acabando, mas a minha trajetória por aqui, está apenas no início.

Obrigada por me acompanhar nessas aventuras!

Até breve. Com carinho

Ana.

Trabalhando para preservar o patrimônio cultural

Preservar o patrimônio cultural é um grande desafio da atualidade. O crescimento das cidades, a expansão imobiliária, o déficit habitacional e os impactos ambientais constituem fatores que desafiam os gestores públicos a confrontar o desenvolvimento eminente, com a necessidade de minimização de impactos ambientais e sociais. No âmbito do patrimônio cultural, esforços têm sido direcionados visando à consolidação de uma política de proteção de acervos, assim como ações efetivas de restauração de bens culturais que se encontram em estado de conservação ruim.

Por outro lado, o campo do patrimônio cultural vem sendo desafiado por questões políticas e sociais que, dentre outras, envolvem: processos de intervenção urbana em centros históricos; depredações de bens culturais públicos; crimes ambientais, roubo e tráfico de obras de arte; ausência de políticas locais voltadas à proteção do patrimônio cultural e a formação permanente e continuada de profissionais que atuam em museus, arquivos e órgãos de conservação.

Sendo assim, aumenta-se a necessidade de atuação de mais profissionais com experiência no campo de patrimônio cultural. Os profissionais que atuam na preservação do patrimônio cultural em sua grande maioria são habilitados a elaborar pesquisas, análises técnicas, inventários, projetos e a execução de restauração, conservação e "modernização" do patrimônio cultural.

Mas quais são as possibilidades de atuação profissional para quem pretende trabalhar com a preservação do patrimônio cultural? Para o trabalho com o patrimônio cultural é importante à atuação de vários profissionais com formações distintas, tais como: Engenharia Civil, Arquitetura, História, Museologia, Paleontologia, Arqueologia, Antropologia, Arquivologia, Geografia, Comunicação Social, Educação, Restauro etc.

Todos esses profissionais são essenciais para que o nosso patrimônio cultural seja preservado, por exemplo: o engenheiro civil e o arquiteto são responsáveis pela execução de laudos e pareceres técnicos, eles também acompanham as intervenções nos bens culturas e conjuntos urbanos tombados, ficam responsáveis pela execução de projetos nas obras de restauração, revitalização e conservação e manutenção dos imóveis tombados além de



participar da elaboração e análise de projetos complementares às obras (instalação elétrica, hidráulica, drenagem, estrutura, orçamento de obras etc.).

O historiador pode utilizar a diversidade de fontes de pesquisa que o patrimônio cultural possibilita para produzir conhecimento a respeito de manifestações populares de grupos sociais que ficaram esquecidos da História, procurando sempre reconstruir uma "escrita da história" buscando a valorização das práticas sociais, da cultura material e imaterial – os saberes e fazeres do povo. Além disso, o historiador pode apontar avaliar a condição atual do bem cultural, indicando as possíveis ações necessárias para a sua preservação. O trabalho do historiador no campo do patrimônio permite traçar a história do bem cultural edificado, mostrando as etapas de construção do mesmo, dos programas para uso, as alterações e acréscimos que o bem sofreu, enfim, uma construção da biografia do bem.

Além do trabalho autônomo, os profissionais do patrimônio cultural poderão atuar em instituições do setor privado, como empresas, escritórios de planejamento e assessoria; do setor público, como ministérios, secretarias, órgãos de patrimônio, empresas estatais; e do terceiro setor, como ONGs e fundações.

Nos últimos anos, vêm crescendo a demanda e o investimento na área de bens culturais. Trata-se de uma tendência que se observa em todos os setores e camadas da vida social, que vão desde os indivíduos e famílias até grupos mais amplos, corporações, empresas, instituições de caráter diverso, tanto públicas quanto privadas. O mesmo ocorre com os projetos sociais, que vêm se multiplicando em função de ações do poder público, ONGs, empresas e fundações junto a comunidades carentes, ou a setores mais empobrecidos da população, mais sujeitos a situações de risco. Além de movimentar uma grande soma de recursos, as áreas de bens culturais e projetos sociais mobilizam um contingente crescente de pessoas, que nem sempre têm a formação devida para as tarefas que desempenham e os problemas que enfrentam.

Portanto, é imprescindível que mais profissionais atuem na preservação do patrimônio cultural profissional. O nosso patrimônio cultural possui um universo de elementos que precisa constantemente de pessoas que trabalhem pela sua preservação, por isso torna-se cada vez mais necessário que apareçam mais "Anas" que além de arqueólogos também queiram ser gestores culturais e ambientais, profissionais que atuam em museus, arquivos, centros culturais e de memória, professores, advogados, comunicadores visuais, administradores e demais profissionais. Lembrando sempre, que a responsabilidade de proteger o patrimônio cultural brasileiro é de todos nós.

livro 4.indd 110 27/06/2014 15:08:37



livro 4.indd 111 27/06/2014 15:08:40

GLOSSÁRIO

Este Glossário traz os significados das palavras conforme o contexto do livro.

Acorre – pessoas que procuram a festa, que vão até à festa em busca de ajuda do Divino Espírito Santo.

Antecede – realizar antes, acontece antes, precede.

Aportaram – chegar a algum lugar, entrar em ou qualquer lugar da costa, estabelecer-se no local.

Apropriados - tomar para si, adaptar.

Arruinamento – ato ou efeito de arruinar, ruína, arruinação.

Ascensão – ato ou efeito de ascender, elevar, mover para cima, elevação das almas para o céu.

Asilava – estabelecer em um lugar por um tempo determinado, não definitivo.

Atribuição – ato de atribuir, dar algo. Atribuir valores, conferir sentidos e significados importantes a algo, valorar.

Cerceamento – ato de cercar, limitar.

Cerimonioso – que mostra ou faz cerimônia, tratamento com respeito e com regras para as pessoas que compõem a nobreza durante a Festa do Divino Espírito Santo.

Cristalizar - Permanecer sem alteração, estacionar, estagnar.

Devotos - que possui ou demonstra devoção: fiel devoto. Piedade, sentimento religioso; dedicação ao culto de Deus e dos santos. Respeito, afeição, dedicação.

Difusão – espalhar, disseminar, propagar.

Diluição – desfazer, mostrar que não separação entre patrimônio material e imaterial e sim que as suas diferenças se diluem, pois um complementa o outro.

Eminente – superior, aquilo que sobressai sobre o outro.

Entoados – cantados, declamados musicalmente e com aclamação.

Erigida – erguida, construída.

Esbanjava – mostra que tem muito.

Franquear - desimpedir, facilitar, desembaraçar. Permitir, conceder, autorizar, pôr à disposição de: franquear o ingresso. Transpor, passar além.

Frontão - ornato arquitetônico na face principal de um edifício.

Indissociabilidade - característica ou particularidade do que é indissociável; que não se dissocia; que não pode ser separado ou desunido.

Informal – simples, sem formalidades.

INRC – Inventário Nacional de Referência Culturais: O (INRC) é uma metodologia de pesquisa desenvolvida pelo Iphan para produzir conhecimento sobre os domínios da vida social aos quais são atribuídos sentidos e valores e que, portanto, constituem marcos e referências

livro 4.indd 112 27/06/2014 15:08:45

de identidade para determinado grupo social. Contempla, além das categorias estabelecidas no Registro, edificações associadas a certos usos, a significações históricas e a imagens urbanas, independentemente de sua qualidade arquitetônica ou artística.

Instrumentos de identificação – instrumentos de pesquisa que mostre e identifique o patrimônio cultural. No Iphan existem alguns instrumentos de identificação, tais como: o INRC, o SICG, os mapeamentos culturais, os inventários e cadastros.

Intervenções – ação de intervir, de agir em algum bem cultural objetivando recuperá-lo ou protegê-lo, muitas intervenções são emergenciais, para salvar algum monumento ou edificação.

Ladeada – colocar ao lado, estar localizado ao lado de alguma coisa ou pessoa.

Laudos – parecer de perito, relato sobre a situação do bem cultural, seja antes, durante ou depois de alguma intervenção.

Metodologia - Parte de uma ciência que estuda os métodos aos quais ela se liga ou de que se utiliza.

Paisagens naturais - conjunto de estruturas naturais e sociais de um determinado lugar no qual desenvolvem uma intensa interatividade seja entre os elementos naturais, entre as relações humanas e desses com a natureza.

Pareceres técnico – no caso do patrimônio cultural é o mesmo que laudo.

Perpetuar – perdurar por muito tempo, consagrar por um período longo.

Pluralidade cultural – vários elementos culturais, diversidade cultural.

Reminiscências - recordação do passado: o que se mantém na memória.

Salvaguarda - salvaguardar um bem cultural de natureza imaterial é apoiar sua continuidade de modo sustentável. É atuar no sentido da melhoria das condições sociais e materiais de transmissão e reprodução que possibilitam sua existência.

Serpentinas de argila – é uma técnica fácil para fazer vasos através da junção de tubos sólidos de cerâmica.

Terracota - termo de origem italiana que designa um tipo de cerâmica, rígida e durável. A argila empregada é de superior qualidade. A terracota também tem sido usada na confecção de telhas, vasos de flores, monumentos e outros objetos. É geralmente vermelha ou creme, mas pode ser moldada em quase todas as cores.

livro 4.indd 113 27/06/2014 15:08:50



Patrimônio Contado: Alcântara, Cultura e Educação - Livro 4 / Coordenação Rodrigo Martins Ramassote [Ilustrações Juliana Emi Moretti Urasaki, Gabriel Seiti Moretti Urasaki]
São Luís – MA: Superintendência Regional do Iphan no Maranhão, 2014

114 p.: il

1. Bens Culturais - Brasil - Preservação, 2. Educação Patrimonial, 3. Alcântara 4. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. I. Título

livro 4.indd 114 27/06/2014 15:08:56